

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNALS

TERÇA-FEIRA
2 DE DEZEMBRO DE 2003
GRATUITO
ANO XIII
EDIÇÃO N.º 104

ACADEMIA DE COIMBRA É CHAMADA ÀS URNAS

Eleições para os corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra começam amanhã

Este ano são cinco os projectos que se perfilam para a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, para a Assembleia Magna e para o Conselho Fiscal: a lista A encabeçada por Bruno Julião, a lista C de Hugo Queiroz, a lista E liderada por Paulo Lei-

ção, a lista I de Miguel Duarte e a lista L de Vasco Nogueira. A votação começa amanhã e termina na quinta-feira.

Em discurso directo, os candidatos explicam quais são as linhas orientadoras dos projectos que se apresentam para gerir a mais

antiga academia do país. Entre planos para as diversas áreas do ensino superior público e o debate sobre a contestação dos estudantes, os candidatos falam em defender a academia e os interesses dos alunos da Universidade de Coimbra. Continuar a contestação à política

educativa do Governo e cimentar as relações com os núcleos são apostas comuns.

A CABRA ouviu ainda alguns dos antigos presidentes da direcção-geral e explica como se desenrola todo o processo eleitoral. **PÁG. 2 a 8**

JORGE VAZ NANDE



SÍMBOLO AFASTA DG/AAC E OAF

Depois da celebração de um acordo entre o Organismo Autónomo de Futebol e a empresa espanhola de marketing TBZ, as relações com a “casa-mãe” degradaram-se. A Direcção-Geral da Associação Académica de Coim-

bra vem agora exigir explicações ao organismo autónomo, alegando incumprimento de protocolos estabelecidos há alguns anos.

Por sua vez, a direcção encabeçada por João Moreno defende a legitimidade deste acordo e

faz uma interpretação diferente dos protocolos de 1984 e 1997, estabelecidos entre as duas entidades. Após apreensões de material ilegal em vários pontos da cidade, a DG/AAC volta-se agora para o OAF, que é acusado de uti-

lização indevida da imagem da AAC e de esconder o contrato assinado com a empresa TBZ, tendo em vista a exploração comercial da imagem do futebol profissional da Associação Académica de Coimbra. **PÁG. 16 e 17**

Ciência na Universidade de Coimbra

João Carlos Marques, o novo vice-reitor para a Investigação Científica, considera que a Universidade de Coimbra não tem tido “capacidade de organizar bem o grande potencial” que possui, o que leva à perda de oportunidades. Para este docente de Biologia Marinha, é necessário um maior apoio por parte da reitoria. **PÁG. 18**

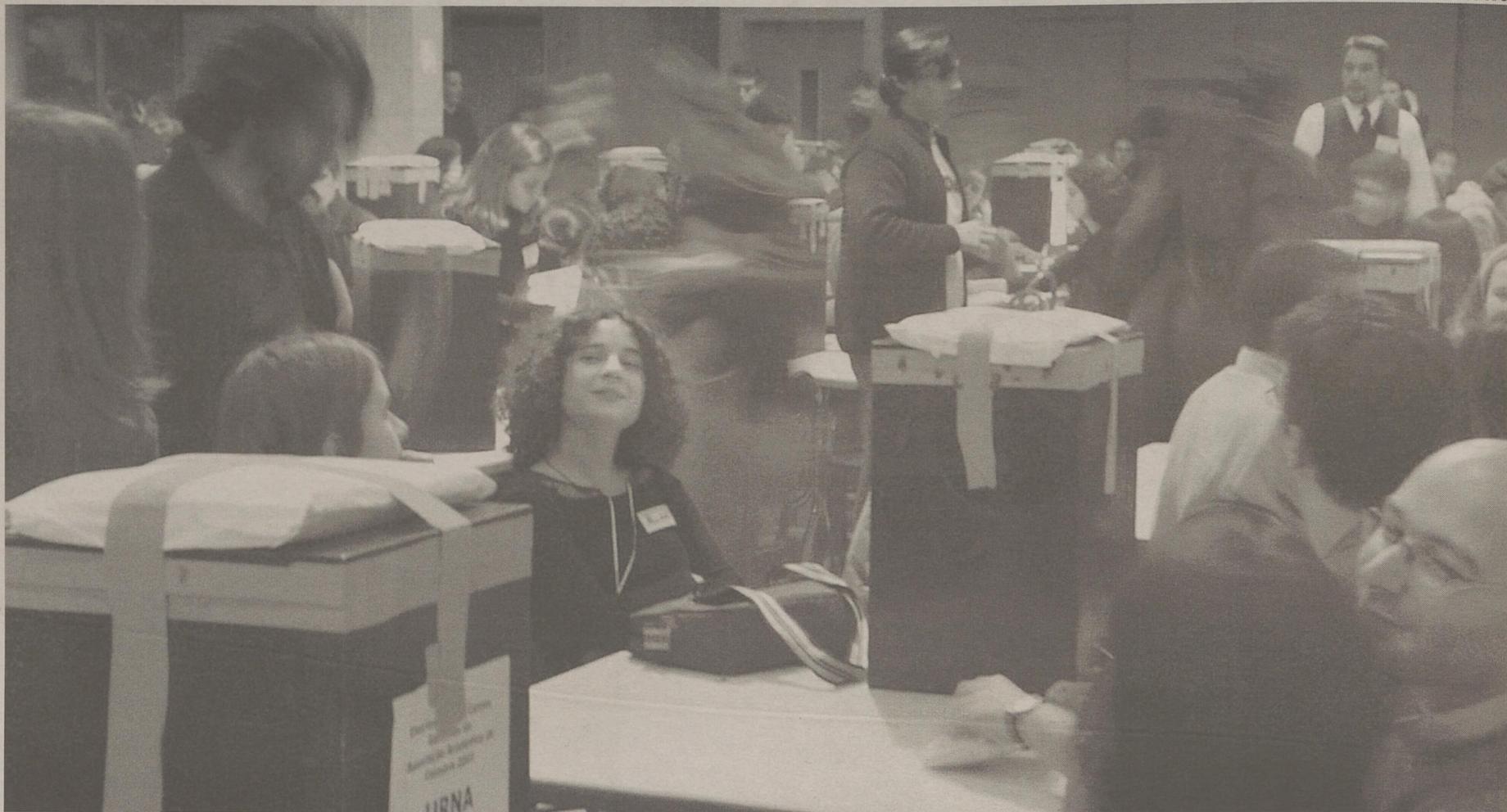
SUMÁRIO

Destaque	2	Reportagem	16
Opinião	9	Ciência	18
Academia	11	Desporto	19
Universidade	12	Cultura	21
Cidade	13	Artes Feitas	24
Nacional	14	Agenda	26
Internacional	15	Vinte&três	27

SONDAGENS ELEIÇÕES 2003

Resultado das sondagens às 0h00

Acompanhamento das eleições www.acabra.net



Durante dois dias, a agitação das eleições para a DG/AAC volta a animar a Universidade de Coimbra

Associação Académica de Coimbra vai amanhã a votos

O presidente da Comissão Eleitoral fala com o jornal A CABRA sobre as eleições

São cinco os projectos que se submetem, a partir de amanhã, à decisão dos sócios da mais antiga associação académica do país. O elevado número de listas deixa adivinhar uma provável segunda volta

Vítor Aires
Margarida Matos

Termina hoje o período de campanha das listas que se candidatam aos corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra (AAC). Já amanhã começa o escrutínio que vai determinar os novos elementos

da mesa da Assembleia Magna, da Direcção-Geral e do Conselho Fiscal da AAC. O período de votação termina na quinta-feira, à meia-noite.

As urnas de voto vão estar dispostas em todas as faculdades e alguns departamentos, nos dias 3 e 4 de Dezembro das 10h00 às 18h00. A partir das 20h00 e até à meia-noite, os estudantes podem ainda votar na sala de estudo do edifício da Padre António Vieira. Se a isto juntarmos os Hospitais da Universidade de Coimbra, são ao todo 18 os locais de voto.

O processo decorre por sufrágio secreto e universal, entre todos os sócios efectivos da academia. Caso nenhuma lista obtenha a maioria absoluta na primeira volta, haverá uma segunda volta, a disputar na próxima semana nos dias 10 e 11 de Dezembro. Das eleições para a direcção-geral e para a mesa da

Assembleia Magna sairá uma lista vencedora, cujos membros ocupam a totalidade dos cargos. Já a composição do conselho fiscal é determinada através do método proporcional de Hondt, o que possibilita que cada lista se possa fazer representar. A presidência do órgão é exercida pelo candidato da lista com maior número de votos.

É a Comissão Eleitoral (CE) a responsável por garantir que o processo eleitoral, que teve início há uma semana, decorra dentro da normalidade. A comissão é constituída pelo presidente, por dois elementos de cada lista candidata à direcção-geral e à mesa da Assembleia Magna e dois membros das listas candidatas ao conselho fiscal, o que perfaz este ano um total de 21 delegados.

No entanto, na noite de contagem dos votos, vai ser necessária uma equipa de cerca de 140 mem-

bro, pois cada mesa de voto vai ter seis elementos. Um de cada lista, para contar os votos, e um sexto elemento, para abrir as urnas.

Campanha marcada por "bom senso"

O presidente da CE, Nuno José Mendes, afirma que o processo eleitoral tem decorrido de forma regular: "Todas as listas têm de perceber que, mais do que um acto eleitoral para a AAC, há uma casa a defender, a Associação Académica de Coimbra". Deste modo, "o bom senso" tem marcado a campanha eleitoral. Contudo, não deixa de referir as dificuldades sentidas em encontrar salas nas faculdades para colocar as urnas de voto, um facto que considera "estranho" e para o qual não encontra justificação.

Enquanto presidente da comissão, a tarefa de Nuno José Mendes

consiste em "moderar e regulamentar" as eleições. O objectivo é que não ocorra qualquer tipo de irregularidade nas eleições, porque "há princípios que têm de ser cumpridos". Saliencia assim a necessidade de "aprender com os erros do passado". Apesar de acreditar que os estudantes "votam cada vez mais de forma consciente", Nuno José Mendes lembra que "é fundamental evitar o cacique junto às urnas".

Quanto à adesão dos estudantes ao acto eleitoral, o presidente da comissão eleitoral refere que, como há cinco listas candidatas, espera uma boa participação dos alunos. Deixa ainda o apelo aos estudantes para votarem, pois "está em causa a defesa da imagem da academia, os 116 anos de história". Acrescenta, por fim, que as eleições "são uma boa oportunidade para os estudantes mais desligados da academia se aproximarem".

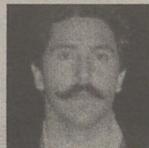
Ana Paula Barros



Presidente em 1988
Advogada

"Foi uma experiência extraordinária a vários níveis que me preparou para o futuro, sobretudo no âmbito da área das relações humanas".

José Manuel Viegas



Presidente em 1989
Eng. Civil

"Foi uma honra servir a AAC e deixar uma marca da participação dos estudantes na vida universitária. Foi nesse ano que se elaboraram os estatutos da universidade".

Emídio Guerreiro



Presidente em 1990
Empresário gestor

"Foi uma experiência gratificante pois, pela primeira vez tive contacto com a gestão de recursos financeiros e de recursos humanos".

Alberto Guerra



Presidente em 1991
Dentista e assistente na FMUC

"Foi um marco extraordinário que me possibilitou uma aquisição de conhecimentos muito úteis tanto a nível profissional como a nível pessoal".

António Vigário



Presidente em 1992 e 1993
Advogado

"Fez parte da minha formação humana ser porta-voz de uma academia e ser responsável perante os seus membros pelas atitudes tomadas".

Eleições marcaram períodos conturbados

As eleições para os corpos gerentes da academia de Coimbra têm por hábito dividir os estudantes da comunidade universitária.

Nos últimos três anos, apenas a primeira candidatura de Victor Hugo Salgado não gerou controvérsia

O processo eleitoral de 2000 foi marcado por muita polémica a acompanhar o período de campanha. Boicotes, manifestações e pedidos de impugnação marcam a reeleição, à primeira volta, de Humberto Martins. A lista V conquistou 61,1 por cento dos votos, contra 26,9 da lista T, de Nuno Lobo, e 3,8 da Lista B, encabeçada por Marco Aurélio Santos.

A polémica começou com a decisão, em Comissão Eleitoral (CE), de que as eleições não se poderiam realizar em átrios de departamentos ou faculdades. Se não fossem disponibilizadas salas, as urnas seriam transferidas para a o edifício da AAC.

Contudo a lista T assume que a proposta apresentada visava apenas pressionar os órgãos de gestão das faculdades, opondo-se às listas B e V, que prometiam respeitar o estabelecido.

O extremar de posições precipitou-se no primeiro dia de eleições, devido ao local de voto na faculdade de Letras. A lista T recusava-se a transferir as urnas, acabando por abandonar as mesas de voto. As urnas abriram com atraso, porque o CE teve de recorrer a delegados independentes.



Nos últimos anos, a polémica e as eleições para a DG/AAC andaram quase sem pre de braço dado

Outro episódio foi a suspensão temporária da votação na sala de estudo da AAC. Enquanto um grupo de alunos pretendia votar, uma manifestação exigia a suspensão das eleições, alegando o não cumprimento do princípio da igualdade. Na sequência dos resultados, a lista T pediu a impugnação do acto eleitoral.

Tempos menos agitados

Bem mais calmas foram as eleições em 2001. Victor Hugo Salgado, estudante da faculdade de Direito, foi eleito para o seu pri-

meiro mandato, sucedendo a Humberto Martins. A lista X venceu as eleições na primeira volta, com 53 por cento dos votos. A lista W, de João Oliveira, foi a derrotada.

No ano seguinte, e com quatro projectos a submeterem-se a sufrágio, Victor Hugo Salgado quase conseguiu a reeleição por maioria absoluta logo na primeira volta. A lista X teve 48,85 por cento dos votos. A lista M, liderada Daniel Martins e resultante do movimento Muda AAC, obteve 18,05 por cento dos votos e foi à

segunda volta. De fora ficaram a lista S, de João Martins, com 16,85 por cento dos votos, e a lista B, de Emanuel Bastos, com apenas 1,90 por cento.

Victor Hugo Salgado e a lista X acabariam por vencer na segunda volta, com 54,6 por cento dos votos. A lista M ficou-se pelos 32,9 por cento. A abstenção foi elevada: votaram 5563 estudantes, ainda menos que na primeira volta.

No final, a lista M falou de "falta de respeito pelos valores democráticos". Num comunicado

de imprensa Daniel Martins acusou a lista de Victor Hugo Salgado de usar "meios físicos da AAC como instrumento de cacique nas últimas horas de votação". Ainda no mesmo comunicado, os elementos da lista M acusaram os adversários de terem começado a campanha antes do estipulado e de terem incluído fotos de apoiantes e membros efectivos de outras listas na propaganda que leveram a cabo. Apesar destas acusações, não houve qualquer queixa oficial apresentada à Comissão Eleitoral.

Muitos projectos para uma academia

Há quatro anos que as eleições no seio da AAC não eram tão concorridas. A apresentação de cinco projectos este ano foi apenas batida pela das oito listas que em 1998 se submeteram a sufrágio

Há cinco anos atrás foram oito os candidatos à Direcção-Geral da AAC: Rui Justiniano (lista E), Hugo Capote (lista

H), José Coelho (lista K), Miguel Alves (lista L), Nuno Ferro (lista M), Alexandre Areias (lista Q), Victor Aires (lista R) e André Pestana (lista S). Entre os slogans lia-se "Grita de novo Académica", "Atreve-te", "Novo milénio, Outra Academia", "Desperta", "Tradição sim, inércia não", "Vem gozar connosco", "Uma Academia... o teu reflexo" e ainda "Contra o silêncio".

O papel dos núcleos nas respectivas faculdades, uma questão cuja discussão era relativamente recente na altura, o desempenho e abrangência das secções, tan-

to culturais como desportivas, a dívida da AAC e as problemáticas pedagógicas foram alguns dos assuntos mais abordados pelos oito candidatos. No entanto, os estudantes salientavam que, apesar da pluralidade de projectos, a presença de faixas nos locais mais frequentados e os slogans algo idênticos não permitiram que nenhum projecto fosse rotulado de novidade.

Contudo, do vasto leque de projectos que se apresentavam para os órgãos da academia, apenas uma lista podia chegar ao terceiro piso da associação académica.

Após uma primeira volta, a decisão final sobre quem iria estar encarregue dos destinos da AAC durante um mandato ficou dependente de uma segunda volta, a ser disputada entre a lista H e L. Com 6663 estudantes da UC a comparecerem para esta segunda volta, a lista H foi o projecto que conseguiu reunir mais votos (241 a mais do que a L), saindo vitorioso do processo eleitoral Hugo Capote, estudante do 6º ano da licenciatura em Medicina e senador da UC, que veio a ocupar o cargo de presidente da DG/AAC por apenas um mandato.

Tiago Magalhães



Presidente em 1994
Investigador na Universidade da Califórnia

"Foi um ano fantástico, desde a campanha, até ao último dia. Vivi momentos muito gratificantes e conheci pessoas interessantes".

Zita Henriques



Presidente em 1995 e 1996
Assessora da Reitoria da Universidade de Aveiro

"Apaixonei-me pelas questões do ensino superior e lutava por causas em que acreditava".

António Silva



Presidente em 1997 e 1998
Gestor de infra-estruturas

"Ser presidente da DG/AAC foi o desafio mais interessante da minha vida pela intensidade com que o vivi e pelo prazer que me deu".

Hugo Capote



Presidente em 1999
Cirurgião geral

"A presidência da AAC foi uma grande responsabilidade, pois é de facto uma instituição única no nosso país e mesmo no contexto europeu".

Humberto Martins



Presidente em 2000 e 2001
Secretário geral da Ordem dos Farmacêuticos

"Foi uma enorme honra representar uma academia de cerca de 22 mil estudantes e ao mesmo tempo uma enorme responsabilidade".



Bruno Julião acredita que o seu projecto apresenta verdadeiras alternativas para a academia

“Somos um grupo único”

“Liga-te à corrente” é o mote defendido pela lista A, encabeçada por Bruno Julião

Tiago Azevedo

Bruno Julião é o candidato da lista A para os corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra (AAC). Com um projecto intitulado “Corrente Alternativa”, este grupo de estudantes procura soluções diferentes para a mais antiga academia do país.

Quais os motivos da candidatura da lista A aos corpos gerentes da AAC?

A candidatura ocorreu porque, dentro de um grupo alargado de pessoas, chegou-se à conclusão que criar um fórum de discussão não era suficiente para concretizar as nossas ideias sobre a academia. Para além disso, foi com base numa coisa muito particular. Acreditamos que em termos de ideias, a

todos os níveis, seríamos um grupo único dentro da academia e não havia outra possibilidade senão delegar em nós próprios essa confiança e concretizá-la nos órgãos gerentes da AAC.

“Corrente Alternativa” é o nome do projecto. Que alternativas/diferenças é que propõem para a AAC, para a Universidade de Coimbra e para o ensino superior português?

O projecto não é só diferente, é diferente e melhor e por isso é que escolhemos a alternativa. É uma alternativa em vários aspectos, desde logo pela forma como vemos a academia de Coimbra. A associação, para nós, é uma instituição de utilidade pública, que tem de estar vocacionada, em primeira instância, para aquilo que é estipulado e que são as suas competências, através dos órgãos executivo, deliberativo e fiscalizador. Igualmente tem que tomar posições públicas sobre matérias que dizem respeito aos estudantes, enquanto cidadãos. Esse alcance da academia é transversal em todos os pelouros da direcção-geral.

Qual o balanço que fazes dos mandatos de Victor Hugo Salgado e desta direcção-geral?

Acho que houve um primeiro mandato que foi mau e um segundo mandato que, dadas as circunstâncias, teve mais impacto, precisamente devido aos efeitos nefastos da caixa de Pandora que são estas propostas legislativas. No entanto há duas coisas que foram extremamente prejudiciais para a academia. Primeiro, já sabemos o conteúdo que os estudantes defendem, mas a forma como se tem apresentado esta luta, por vezes numa atitude passiva, representa uma imagem má. A nossa imagem não é só má para a opinião pública mas também se degradou dentro do movimento associativo na-

cional. Para além disso, estes anos de mandato tiveram um grande problema que foi a abrangência em termos de actuação. A partir do momento que é possível organizar em termos internos uma série de pelouros, nós não entendemos como é que apenas se vê trabalho de um ou dois. A política no dirigismo estudantil é vista de um modo complicado e este projecto está farto da forma como algumas estruturas partidárias têm subjugado a acção da AAC. E é com essa alternativa de independência que queremos também marcar a diferença.

Estratégias para o futuro

Caso sejas eleito este ano, como pretendes liderar a contestação dos estudantes de Coimbra?

A contestação tem de ser liderada de um modo nacional. A nível interno tem de haver uma estratégia diferente da nacional, mas o que tem de haver em primeiro lugar é uma atenção do pelouro de informação, no sentido de haver uma consciencialização clara e eficiente de quais são as nossas preocupações. Neste particular achamos que o pelouro de informação é central na orgânica da AAC. Por um lado, pode dizer o que é a casa e o que esta faz e, por outro lado, é o mobilizador de consciências. A nossa ideia era criar uma espécie de sebenta ou boletim, que fizesse confluir todos os aspectos das alterações legislativas e, acima de tudo, os efeitos nefastos que podem ter no nosso quotidiano escolar.

E o que podemos esperar das relações entre estudantes e o reitor, no caso da lista A ser eleita?

O reitor representa uma instituição cujo corpo discente é o que tem maior representatividade e tem de ser tam-

bém um veículo de consciencialização de toda a comunidade universitária. Compreendo que possa ser difícil gerir uma instituição com três corpos, mas não me parecem três sensibilidades diferentes. Só que isso tem que se demonstrar na prática. Por mais difícil que seja gerir a instituição, ela tem que ser gerida na base de princípios. E se os princípios são os mesmos, é algo incoerente a forma como, por exemplo, se fizeram as coisas no Senado Universitário aquando da fixação das propinas.

Falando noutros projectos. Já tinhas referido a acção social e as saídas profissionais como áreas onde é necessária uma intervenção. Que alternativas propõe a lista A nestes sectores?

Em termos de saídas profissionais devemos ter em conta que a AAC está vinculada à Declaração Universal de Direitos Humanos que diz que todos têm o direito ao trabalho. E esse vínculo estatutário deve ser concretizado na prática à semelhança do que acontece nas nossas intervenções como cidadãos. Deve haver uma atenção particular para os estagiários, que devem ter um acompanhamento e protecção institucional, que pode-se estender aos trabalhadores-estudantes e também aos recém-licenciados, até porque continuam sócios da academia seis meses após terminarem a licenciatura. A acção social é também um pelouro importante porque pode ser o garante de um ensino universal. E o Fundo da Acção Social tem, nos últimos anos, canalizado poucos fundos para uma área que em muitos países tem uma função fulcral dentro do ensino, em particular no ensino superior. Tem de existir uma ratificação do modelo de atribuição de bolsas de estudo, terá que haver uma contestação à eventualidade de um sistema de empréstimos, que é sugerido pela tutela e que põe em causa a integração na vida activa e ainda por cima é dotado de juros muito altos e que são incompatíveis para os licenciados da UC.

Principais propostas

- Cultura -

- Agenda cultural mensal de forma a organizar e divulgar as actividades culturais da cidade, com especial ênfase na produção cultural da academia;
- Revista cultural trimestral como porta-voz cultural da Associação Académica de Coimbra;
- Festival Cultural da Academia, que se realizaria durante uma semana e intitulada “o nosso campus é a cidade”. Uma iniciativa aberta a outras academias, entidades culturais e próprios cidadãos de Coimbra.

- Desporto -

- Desenvolver esforços para que seja paga a dívida que o Organismo Autónomo de Futebol tem para com a Associação Académica de Coimbra;
- Garantir a utilização dos espaços desportivos universitários;
- Realizar um abaixo-assinado de censura, a ser entregue à reitoria, pela inexistência de uma Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.

- Administração -

- Acompanhamento e avaliação da Queima das Fitas e Festa das Latas e Imposição de Insignias por uma instituição externa;
- Reforçar a aposta no potencial do símbolo da AAC para gerar meios, mantendo o seu controlo e independência;
- Apresentar o Relatório de Contas referente ao período de mandato.

- Informação/Imagem -

- Levar a cabo uma campanha de consciencialização através da publicação de um volume onde figure o pacote legislativo para o ensino superior e da implementação de debates nas faculdades, abrangendo toda a comunidade universitária;
- Actualizar o site da AAC onde devem constar as actividades que se promovem na academia e toda a informação factual do que se vai passando na UC. Criar também uma versão em inglês;
- Criar um gabinete de imprensa no sentido de responder às críticas externas;
- Endereçar uma Carta Aberta à cidade de Coimbra de forma a iniciar um processo de aproximação da AAC à cidade.

- Ambiente -

- Workshops e saídas de campo didácticas com guias especializados;
- Criar as infra-estruturas necessárias à implementação do lema: “reduzir, reutilizar e reciclar”;

- Intervenção Social -

- Colaborar e criar protocolos com organizações não governamentais, como por exemplo associações de inserção social, de protecção de imigrantes, entre outras;
- Divulgar os Fóruns Sociais e promover a participação dos estudantes nos mesmos;
- Colaborar com a câmara municipal para a elaboração de programas que facilitem a fixação de jovens na cidade.

- Acção Social -

- Pugnar pela criação de um centro médico vocacionado para o Planeamento Familiar;
- Lutar pelo aumento das contribuições do Fundo de Acção Social;
- Lutar pelo apoio logístico e físico necessário aos estudantes com deficiências.

Perfil

Bruno Marcelo Regalado Julião é natural de Vagos, distrito de Aveiro. Com 23 anos, Bruno Julião é finalista da licenciatura de Estudos Portugueses e Ingleses na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

O seu percurso teve início na comissão de curso, sendo, posteriormente, convidado para o núcleo de estudantes da faculdade, onde ocupa há dois anos o cargo de presidente. Ainda no seio da faculdade de Letras, já foi representante dos estudantes no Conselho Pedagógico e Conselho Directivo.

Senador universitário nos últimos três anos, Bruno Julião integrou também a última revisão de estatutos da Associação Académica de Coimbra.

“Há que renovar a luta”

A lista C, encabeçada por Hugo Queiroz, propõe-se a “construir a academia”

Emanuel Graça

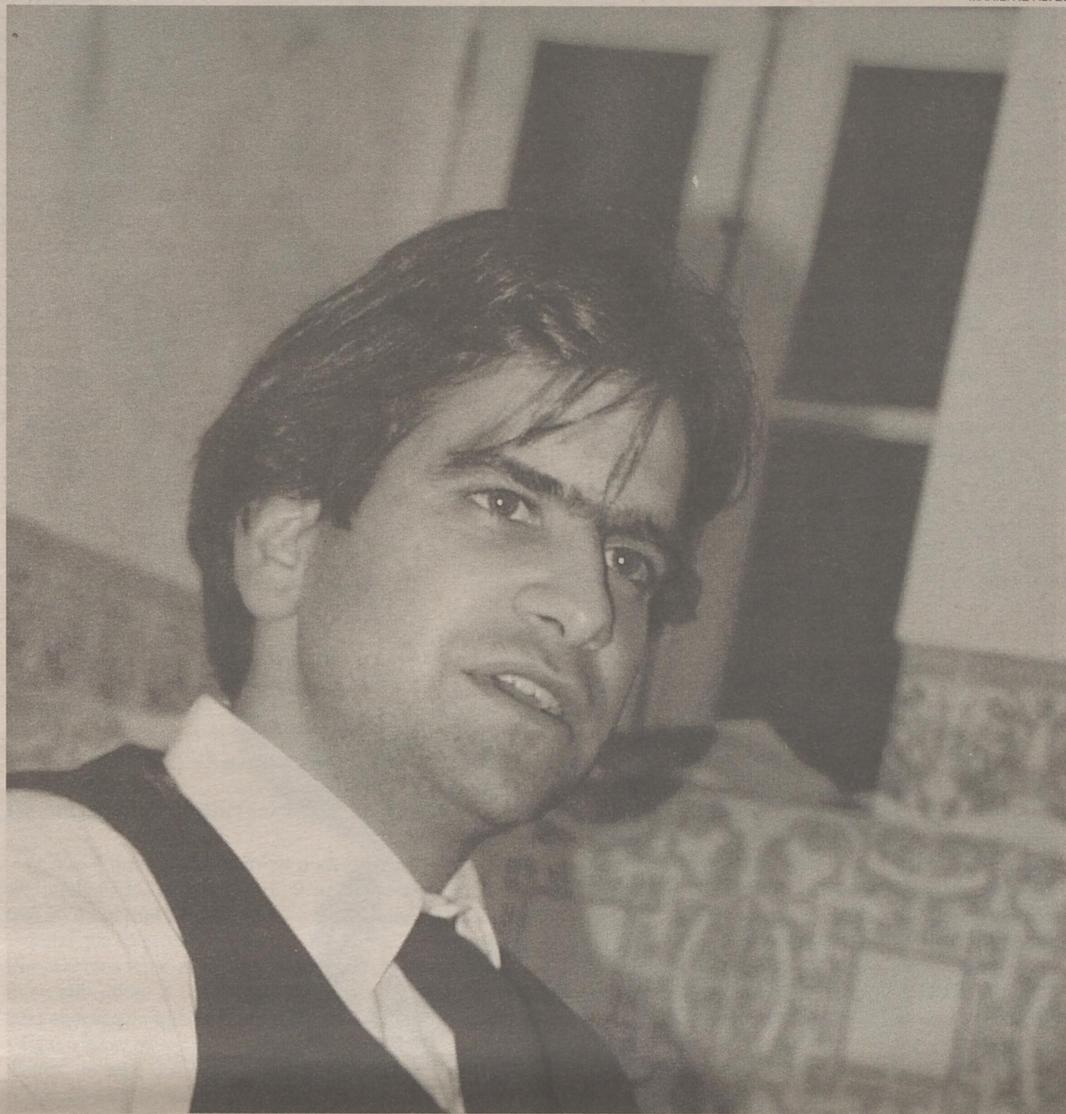
Hugo Queiroz, candidato a presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) pela lista C, considera que é necessário reaproximar os estudantes da academia. Crítico em relação à acção da última DG/AAC, o estudante de Direito defende “a adequação dos modos de luta aos problemas específicos que se vivem em cada uma das faculdades e departamentos” da Universidade de Coimbra.

Quais são as razões que estão por detrás desta candidatura?

Essa é uma pergunta que, infelizmente, é fácil de responder. Vivemos momentos conturbados, em que sentimos que não há uma união de esforços para conseguirmos chegar mais facilmente aos objectivos a que nos propomos, que são a defesa intransigente dos estudantes e da própria universidade. Consideramos que os estudantes não se sentem representados e não sentem aquela união que deve haver em torno da DG/AAC. Mais, sentimos que as políticas que esta DG/AAC tem vindo a desenvolver surgem a reboque daquilo que o Governo tem aprovado. Para inverter isso, é necessário uma união interna de todos os órgãos dessa academia. Logicamente, se não houver essa união, isso vai-se reflectir no panorama externo e, infelizmente, tem-se vindo a reflectir na perda da liderança do movimento associativo a nível nacional que, infelizmente (e digo-o com muita tristeza), não nos pertence, embora seja nossa naturalmente.

Muitas críticas a Victor Hugo Salgado... Que balanço fazes dos seus dois mandatos?

Victor Hugo Salgado foi uma pessoa empenhada e trabalhadora. Agora, quando falamos de uma DG/AAC, de um órgão que movimenta milhares de euros a nível anual e que tem o peso e a tradição que é envergar a camisola da AAC, então precisa-se claramente de uma equipa que trabalhe - e uma equipa não podem ser apenas cinco ou seis pes-



Hugo Queiroz defende a necessidade de diálogo e abertura entre os diferentes corpos da Universidade de Coimbra

soas. Não, a equipa tem que ser constituída por muitas mais pessoas que estejam cientes do trabalho que envolve uma direcção-geral. Foi isso que eu acho que falhou e prejudicou claramente três áreas que estiveram em sub-rendimento, nomeadamente a acção social, as saídas profissionais e a cultura, e que a minha lista pretende relançar.

“Aumento das propinas é um contra-senso”

Qual é a tua opinião em relação à actual lei de financiamento?

Em 1997, as propinas deveriam ser investidas na qualidade de ensino, qualidade que nunca vimos. Em Agosto, então, houve essa revisão da lei de bases de financiamento, em que as propinas passam a funcionar como um índice de qualidade das instituições. Isto é caminhar a passos largos para um sistema de privatização do ensino, o que não pode ser admitido e deve ser denunciado. Neste preciso momento, o Governo assegura a existência de edifícios para estudar. No entanto, a sua funcionalidade é assegurada pelas propinas que os estudantes pagam. Ora, quando nós sabemos que, em média, um aluno para assegurar um ano no ensino superior gasta 3500 euros a 5000 euros, distribuídos em alojamento, alimentação, deslocações e material pedagógico, já não está aí a contribuir para o próprio sistema de ensino

público? Já está. Por isso, virem agora exigir-nos um aumento das propinas é um contra-senso, que torna cada vez mais ténue a fronteira entre o sistema privado e o sistema público.

Sendo então crítico em relação às actuais políticas governamentais para o ensino superior, quais são as medidas de contestação a esse pacote legislativo que se poderiam esperar de uma DG/AAC encabeçada por ti?

Considero que os modos de luta devem ser renovados e repensados. Isto porque é importante reflectir um pouco sobre as razões pelas quais estamos a reivindicar. As razões pelas quais nos manifestamos na faculdade de Direito são a falta de instalações e a falta de formação pedagógica dos docentes, as quais são, por exemplo, diferentes das razões pelas quais nos manifestamos na faculdade de Economia, onde o problema mais flagrante são as

saídas profissionais. Ora, se as razões pelas quais nos estamos a manifestar são diferentes, também a forma de as demonstrar deve ser diferente. Por exemplo, em Direito mais facilmente com uma greve de zelo nós demonstramos que temos falta de instalações. São estes tipos de luta, nomeadamente a adequação dos modos de luta aos problemas específicos que se vivem em cada uma das faculdades e departamentos, que defendemos. Agora, claramente que,

a nível local e a nível nacional, terá de existir uma maior mobilização, uma maior intervenção apelando à intervenção de todos os estudantes nas manifestações, que são necessárias para criticar estas políticas governamentais.

Os métodos utilizados na luta passada criaram situações de grande tensão entre reitor e estudantes. Que relações se podem esperar entre uma DG/AAC dirigida pela lista C e a equipa reitoral?

Aquilo que se passou no senado descredibilizou em muito o que é um órgão democrático. Enquanto aluno do senado, nunca me senti tão envergonhado de pertencer a um órgão de gestão. Aí tenho uma posição muito crítica em relação à atitude do reitor. No entanto, sinto que o nosso alvo deve ser claramente a crítica a este governo. E o que a reitoria pode esperar deste projecto é diálogo constante e uma abertura para perceber em que moldes é que as coisas poderão ser feitas conjuntamente, demonstrando uma universidade com todos os seus pares unidos, reivindicando contra as actuais políticas.

Porquê votar na lista C?

Para construir uma academia, como diz o nosso slogan. Porque votar C implica, claramente, ter a noção de que basta de algumas coisas que foram feitas no passado. Há que renovar as formas de luta, há que abandonar os chavões típicos do apenas dizer “não”. Votar C porque implica ter consciência que estamos a votar numa lista que tem projectos credíveis e responsáveis para transformar a Académica.

Principais propostas

- Política Educativa -

- Alargamento do debate em torno da Declaração de Bolonha;
- Divulgação junto da sociedade civil das razões subjacentes ao desagrado dos estudantes perante o actual pacote legislativo para o ensino superior.

- Acção Social -

- Criação de uma loja de material pedagógico em segunda mão para os alunos mais carenciados, em parceria com os Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra (SASUC);
- Criação de um passe de estudante, incluindo as diversas redes de transporte, com o intuito de as tornar mais acessíveis;
- Dar continuidade aos certificados de habitabilidade atribuídos pela DG/AAC, tentando alargar o seu campo de acção;
- Divulgação das bolsas de estudo disponíveis (SASUC, câmaras municipais e fundações) e respectivas condições de concursos.

- Saídas Profissionais -

- Criação de um observatório de saídas profissionais, baseado num espírito de colaboração entre diversas entidades (AAC, reitoria, conselhos directivos, núcleos de estudantes e Câmara Municipal de Coimbra), de forma a maximizar as opções dos estudantes recém-licenciados;
- Elaboração de um estudo acerca da divergência entre a formação académica dos recém-licenciados e as exigências apresentadas pelas entidades empregadoras;
- Elaboração de guias de saídas profissionais relativos a cada uma das licenciaturas ministradas pela Universidade de Coimbra;
- Criação de uma base de dados com o currículo de todos os finalistas e recém-licenciados, disponível para a consulta das entidades empregadoras;
- Elaboração de sessões de recrutamento profissional regulares.

- Informação -

- Inserção de um suplemento mensal editado pela DG/AAC num jornal diário local, de forma a potenciar uma maior interacção entre os estudantes e a sociedade;
- Criação de uma mailing-list da AAC, onde todos os interessados poderão receber informação regular sobre todos os assuntos relativos à academia de Coimbra.

- Cultura -

- Revitalização do Centro Cultural D. Dinis enquanto palco privilegiado de actividades culturais e lúdicas estudantis;
- Estabelecimento de protocolos com instituições culturais de forma a garantir a acessibilidade de todos os estudantes aos mais variados eventos culturais;
- Revitalização dos jardins da AAC como espaço privilegiado para a promoção e divulgação de eventos culturais.

- Ambiente -

- Colocação de recipientes de recolha selectiva de lixo na zona da universidade e AAC;
- Revitalização da imagem dos jardins da AAC, através da recuperação do lago aí existente;
- Formação de equipas de acção dispostas a intervir em caso de desastre ambiental.

Perfil

Nascido em Coimbra há 23 anos, Hugo Queiroz é actualmente estudante finalista de Direito. Representante dos alunos no Conselho Directivo da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra desde 1999, Hugo Queiroz acumula ainda o cargo de senador desde 2002 e a vice-presidência da Federação Nacional de Estudantes de Direito, para a qual foi eleito este ano.

Antigo presidente do Núcleo de Estudantes de Direito da Associação Académica de Coimbra (2000/2001), o cabeça de lista do projecto C afirma-se politicamente independente ou, nas suas palavras, “conscientemente independente e defendendo uma DG/AAC e uma academia independentes”.

“Votar C implica, claramente, ter noção que basta de algumas coisas que foram feitas no passado”

“Não devemos falar só de propinas”

MARILYNE ALVES

Paulo Leitão pretende a diversificação das frentes da batalha estudantil

João Pereira

“Por uma academia forte, unida e com voz” - é este o lema da lista E. O projecto promete continuar a contestação às políticas educativas do actual executivo e promover a união da academia de Coimbra. A luta por uma melhor pedagogia e o apoio ao trabalho dos núcleos são também apostas fortes

Qual é a principal linha orientadora da lista E?

A lista E pretende credibilizar a própria imagem da associação, apostar numa grande mobilização contra o panorama que a educação assume, neste momento, a nível nacional e realizar um grande trabalho interno, com uma forte coligação e esforço conjunto entre os núcleos, secções, organismos autónomos e a própria direcção-geral. Um outro objectivo é fazer uma aposta em termos de pedagogia e dos direitos pedagógicos dos estudantes.

Afirmaste recentemente que o projecto da lista E seria capaz de mudar o rumo da academia. Como justificas essa necessidade de mudança?

Esta necessidade prende-se com o facto de a associação ter que desenvolver um trabalho que aponte para a credibilização do movimento estudantil e para canalizar o discurso para a sociedade. Um discurso inteligível, que de facto dê a entender que a luta por um melhor ensino superior é uma luta da própria sociedade e não exclusivamente dos estudantes. Esta alteração do discurso passará sempre por expor os custos de frequência do ensino superior e a importância de um ensino superior público de qualidade que garanta a igualdade de acesso e frequência.

Achas que a mensagem veiculada pelas acções de contestação dos estudantes não passa para o resto da sociedade?

Perfil

Paulo Jorge Leitão, de 23 anos, é natural de Coimbra. Com um ano de idade foi para Moçambique, tendo regressado para completar o ensino secundário, entrando posteriormente para o curso de Engenharia Civil na Universidade de Coimbra.

No ano lectivo de 1999/2000 fez parte da comissão instaladora do Núcleo de Estudantes de Engenharia Civil, do qual viria mais tarde a ser eleito secretário. Um ano depois coordenou a área das infra-estruturas na direcção-geral de Humberto Martins. Já em 2002, durante o primeiro mandato de Victor Hugo Salgado, Paulo Leitão foi coordenador do Conselho Inter-Núcleos e do pelouro de Acção Social.

Filiado na Juventude Social-Democrata, o candidato da Lista E renega, contudo, ambições políticas, que sempre separaram a filiação partidária do percurso no movimento associativo.



O candidato da lista E quer o reitor do lado dos estudantes

Considero que a mensagem passa em parte. Não podemos é cair em determinados tipos de acções, temos que ter um rumo estratégico. É um ponto essencial. E depois temos que ter cuidado com a forma como protestamos e como procuramos passar a mensagem.

Defendes então diferentes formas de luta?

Sou da opinião que as novas formas de luta devem-se traduzir por uma maior consciencialização interna. E a aplicação das formas de luta tem que ser concebida de uma forma mais séria. Isto porque não podemos entrar numa contestação só contra dois ou três factores da nova legislação. Esta é a primeira questão a ser alterada. Temos que centrar a mobilização para chegar ao maior número possível de estudantes e para contestar todo o leque de problemas que afectam o ensino superior. Em vez de falarmos só de propinas, devemos falar de propinas, prescrições, fim da paridade nos órgãos de gestão, acção social escolar, infra-estruturas deficitárias na própria universidade, orçamento insuficiente, problemas pedagógicos...

Que avaliação fazes do recente uso de cadeados no fecho de portas da universidade?

Eu penso que o emprego de cadeados tem que ser sempre um último re-

curso. O cadeado é algo que passa uma má imagem de quem o usa, uma vez que a sociedade não entende esta utilização. Mas também tenho a percepção de que, por vezes, é a única forma de luta que nos resta. A utilização do cadeado tem, portanto, que ser muito bem pensada. Não pode ser feita de uma forma banal, por tudo e por nada.

Planos e projectos

Um dos projectos da lista E é a criação de um fundo de apoio às actividades dos núcleos...

O fundo de apoio aos núcleos já tinha sido proposto por mim no primeiro mandato do Victor [Hugo Salgado]. Depois disso, pensou-se outra vez em pô-lo em prática. Mas nessas alturas não foi possível concretizar a ideia, porque pedimos a todos os núcleos que enviassem o plano de actividades para constituir um dossier que permitisse angariar fundos e patrocínios, não só em Coimbra, mas junto de todas as empresas ou instituições que quisessem contribuir com patrocínios. O que aconteceu foi que parte dos núcleos não enviaram os planos de actividade. Agora queremos apostar nesta ideia. Para isso vamos ter um coordenador que vai estar a trabalhar especificamente nesta área. Vamos fazer um diagnóstico das actividades gerais que são comuns a todos os núcleos e avançar já com o projecto no início do pró-

ximo ano. O problema de muitos núcleos é que tomam posse em datas diferentes e, portanto, alguns dizem que não faz sentido entregarem um plano de actividades no final do mandato.

Como encaras o papel dos núcleos de estudantes?

As relações da direcção-geral com os núcleos devem-se basear numa proximidade de trabalho no conselho dos núcleos. Nós pretendemos, por isso, não centralizar a ligação no pelouro responsável pelos núcleos. Pretendemos, além dessa ligação, que haja uma ligação dos diversos pelouros aos núcleos. Falando de uma outra forma, o pelouro do Desporto da direcção-geral, por exemplo, deverá ter um forte elo de comunicação com as áreas de desporto dos núcleos.

Nos últimos tempos, as relações dos estudantes com o reitor da Universidade de Coimbra têm sido conturbadas. No caso da lista E ser vencedora, como perspectivas o futuro relacionamento com Seabra Santos?

As relações com o reitor têm que ser as melhores possíveis. Temos que ter a consciência de que o reitor não é um representante só dos estudantes. O reitor representa docentes, discentes e funcionários e, portanto, está sujeito a pressões de todos os corpos da universidade. Acima de tudo, o que pedimos ao reitor é que defenda os interesses da universidade. Para tal, e como consideramos que os interesses dos estudantes são, no fundo, os interesses da própria universidade, pretendemos ter o reitor ao nosso lado. E acho que isso, de uma forma inteligente, pode ser conseguido.

Principais propostas

- Saídas Profissionais -

- Monitorizar a qualidade dos estágios facultados pela Universidade de Coimbra (UC);
- Dinamizar sessões de recrutamento com o sector privado em todas as áreas de actividade;
- Promover acções de informação e incentivo à criação de pequenas e médias empresas por recém-licenciados;
- Acordar parcerias com as empresas no sentido de estas criarem postos de trabalho “part-time” para alunos das diferentes licenciaturas da UC;
- Propor em senado a criação de um Observatório de Saídas Profissionais da UC.

- Acção Social -

- Dinamizar o projecto “Cooperativa dos Estudantes”, divulgando-o na comunidade estudantil e incentivando a aquisição de mais imóveis;
- Potenciar o Certificado de Habitabilidade, aumentando a informação disponível;
- Disponibilizar aos estudantes a simulação informática das bolsas, especialmente na época das inscrições;
- Elaborar um Guia do Estudante com os direitos e deveres a nível pedagógico e da acção social escolar.

- Cultura -

- Criar um concurso de bandas de garagem formadas no seio da academia e que não têm espaço para serem ouvidas;
- Editar um livro sobre a história da praxe da academia de Coimbra, em todas as suas vertentes e influência na sociedade;
- Realizar uma Feira Cultural da AAC;
- Promover a cultura coimbrã através de sátiras, representações teatrais, concursos, mostras, etc.

- Desporto -

- Criar uma parceria com a Sociedade Euro 2004 de modo a que os estudantes possam ser voluntários durante o evento;
- Desenvolver a iniciativa “Alto Desafio” (actividades radicais na cidade e no rio Mondego);
- Realizar campos de Montanha e de Inverno.

- Pedagogia -

- Realizar inquéritos e organizar jornadas pedagógicas em todas as faculdades e departamentos da UC;
- Propor em senado a criação de um Observatório da Qualidade de Ensino, para analisar os vários cursos da UC;
- Criar mais salas e grupos de estudo de forma a potenciar o rendimento escolar.

- Núcleos -

- Criar um fundo de apoio para as actividades dos núcleos;
- Realizar Conselhos Inter-Núcleos temáticos de forma a aproximar as várias áreas da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra às várias áreas dos núcleos;
- Realizar o Fórum AAC;
- Regulamentar o processo eleitoral dos núcleos de forma a uniformizá-lo;
- Criar um fórum de discussão on-line para os núcleos.

“A luta por um ensino superior melhor é uma luta da própria sociedade e não exclusivamente dos estudantes”

“Associativismo é diversidade”

“Acredita em ti” é o slogan da Lista I, liderada por Miguel Duarte

André Jegundo

Miguel Duarte, cabeça de lista às eleições para os corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra (AAC) do projecto I, elogia o trabalho de Victor Hugo Salgado, com o qual colaborou. Contudo, o actual administrador defende que novos passos devem ser dados e afirma a sua luta: dotar os estudantes de argumentos.

Quais as razões da tua candidatura?

Acima de tudo foi um conjunto de pessoas desta Direcção-Geral da

AAC (DG/AAC) e também de fora, mas ligadas à AAC, que fizeram um apelo para que esta candidatura acontecesse. Como é óbvio, a minha condição de administrador da DG/AAC foi preponderante nisso. Foi através dessa actividade e da maneira como o meu trabalho decorreu no último mandato e também no anterior, como tesoureiro, que levou a que essa opinião se criasse e que as pessoas fizessem esse apelo. Depois disso, foi a vontade pessoal de realmente querer encabeçar a presidência da academia.

Que balanço fazes dos mandatos de Victor Hugo Salgado, dos quais fizeste parte?

Faço sem dúvida um balanço positivo. Era a minha equipa, e é a minha equipa, e aquilo que temos feito, sobretudo na vertente do serviço de apoio ao estudante, foi realmente um passo de gigante em relação àquilo que era a realidade na AAC.

Democratizar a informação

O que é que na tua opinião pode ser melhorado, relativamente à actualização da actual DG/AAC?

Acho que há próximos passos a dar. Em primeiro lugar as questões de política educativa. A ideia será utilizar uma abordagem que seja capaz de divulgar e levar os argumentos aos estudantes, ou seja, democratizar uma informação que não está democratizada, baseada sobretudo em estudos e estatísticas recolhidos em diversas instituições, olhando para outros modelos educativos na Europa. São dados com os quais devemos contar sempre para suportar as nossas reivindicações. Por exemplo, devemos afirmar que o número de licenciados em Portugal é de nove por cento, contra uma média europeia de 25 por cento. Queremos que os estudantes tenham presente que os

países com os maiores índices de desenvolvimento do mundo adoptaram o modelo de gratuidade do ensino superior. É preciso analisar os resultados obtidos por estes modelos, analisar o binómio instrução-competitividade dos países nórdicos, os mais avançados e desenvolvidos do mundo, modelos de gratuidade. O nosso país está efectivamente a caminhar no sentido inverso.

Quais as formas de luta que consideras mais correctas e justas para defender os interesses dos estudantes?

“Cada um precisa de acreditar que é capaz de mudar alguma coisa”

É complicado estar agora a definir acções de luta, tudo depende do momento de contestação, da vontade

de concertada dos estudantes num determinado momento. Não é possível estar a dizer quais são as melhores e as piores formas de luta. Contudo, não são de descartar as formas clássicas de luta que sempre caracterizaram a reivindicação dos movimentos associativos nacionais.

Caso sejas eleito, que relações esperas manter com o reitor, isto depois do episódio que ocorreu no senado com a fixação da propina à revelia dos estudantes?

Logo após a situação do senado, os estudantes demonstraram a intenção de seguir em frente em relação a essa página da história da universidade, garantindo que a contestação fosse contra a lei de financiamento e não contra o nosso reitor. E foi isso que fizemos. O que eu considero essencial é a união entre os corpos da comunidade universitária. É aí que se credibiliza a luta, através dessa união que deve ser sempre promovida. Se for eleito, é isso que farei.

Quais as áreas em que apostas mais como candidato à DG/AAC?

A questão da política educativa, sem dúvida. Depois, a aposta na democratização da informação, bem como a aproximação dos estudantes da academia, utilizando os métodos que a experiência me ensinou serem os mais válidos.

Quais são esses métodos? Aproximar os estudantes da academia tem-se revelado uma tarefa muito complexa...

Problemas de longo prazo exigem soluções de longo prazo... A minha proposta é, em primeiro lugar, criar um órgão consultivo onde estejam representadas todas as estruturas representativas da academia - Conselho de Veteranos, Conselho Cultural, Conselho Desportivo, Conselho Inter-Núcleos, DG/AAC, Conselho de Repúblicas - e que, juntas, sejam capazes de estabelecer um diálogo activo e políticas conjuntas para juntar os estudantes. Queremos criar um espaço de debate que não existe neste momento. Uma estratégia de longo prazo que una os corpos da academia...

A tua ligação à Juventude Socialista é assumida. As pessoas que compõem a tua equipa partilham, na generalidade, das tuas convicções pessoais?

De modo nenhum. O associativismo faz-se de diversidade, sempre. As minhas convicções pessoais entram apenas na minha forma de liderar. No entanto, as decisões são das equipas, os trabalhos são das equipas, e, em última análise, as grandes políticas da academia serão definidas pela Assembleia Magna.

Qual a mensagem que queres passar com o slogan de campanha “Acredita em ti”?

Quero passar uma mensagem mobilizadora. Ou seja, que cada um é capaz de mudar alguma coisa. Cada um precisa de acreditar que é capaz de mudar algo. A lógica é precisamente esta: acredita em ti, acredita que a tua participação pode mudar alguma coisa.

MARILYNE ALVES

Principais propositas

- Política Educativa -

- Realização do Fórum AAC, no qual se reúnem todos os estudantes dos órgãos de representação estudantil (DG/AAC, núcleos de estudantes) e dos órgãos de gestão da Universidade de Coimbra (Senado, Assembleia da Universidade, conselhos directivos, conselhos pedagógicos, conselhos de departamentos), para discutir todas as questões relacionadas com o Ensino Superior;
- Realização da campanha “À Descoberta dos Números”, que consistirá na recolha e tratamento de dados estatísticos referentes ao ensino superior e ao reflexo das políticas educativas adoptadas pelos sucessivos governos no nosso país, para que haja um esclarecimento geral de todos os estudantes.

- Núcleos -

- Promover a criação de duas extensões do Conselho Inter-Núcleos, o Conselho Inter-Núcleos Desportivo e o Conselho Inter-Núcleos Cultural, com o propósito de promover uma discussão mais aprofundada entre os responsáveis dos pelouros da Cultura e Desporto da DG/AAC com os seus congéneres dos núcleos.

- Acção social -

- Exigir a construção de novas residências. As projectadas não solucionam ainda este grave problema.

- Informação -

- Revitalização da Agenda Cultural
- Compilação regular e constantemente actualizada das actividades desenvolvidas ao nível do pelouro da Cultura da DG/AAC, secções culturais da AAC, organismos autónomos, núcleos da AAC e de todas as entidades promotoras de cultura existentes na cidade;
- Criação da “Newsletter da AAC”, veículo de acção imediata na divulgação de actividades relacionadas com a política educativa e vida académica.

- Cultura -

- Realizar o 1º ENCA (Encontro Nacional de Cultura Académica) em Coimbra, no âmbito da discussão dos problemas da cultura académica e da sua afirmação nas cidades correspondentes;
- Celebração de protocolos com empresas para que os estudantes de Coimbra tenham direito a descontos na compra de bilhetes para espectáculos culturais.

- Desporto -

- Dinamizar o desporto universitário, criando um órgão que reúna os pelouros do Desporto da DG/AAC e dos núcleos para a discussão de uma estratégia desportiva conjunta (obtenção de apoio logístico/financeiro, melhor distribuição dos espaços disponíveis, calendarização dos torneios).

- Pedagogia -

- Fazer inquéritos aos estudantes de todas as faculdades sobre o grau de satisfação da comunidade estudantil relativamente aos seus docentes;
- Realizar questionários aos docentes com o intuito de medir a importância que por eles é atribuída à pedagogia durante as suas aulas.



Miguel Duarte afirma como áreas fundamentais da sua lista a política educativa e a informação

“O estudante está desligado da AAC”

MARILYNE ALVES

“Liga-te à AAC” é o slogan com que Vasco Nogueira pretende levar a academia aos estudantes

Maria João Lopes

Vasco Nogueira é candidato à Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra pela lista L. O projecto surge como uma evolução a partir do Movimento por um Superior Ensino Superior (MSES). As principais apostas são as áreas da política educativa, acção social, cultura e desporto.

O que é o Movimento por um Superior Ensino Superior (MSES)?

O MSES é um movimento de estudantes. É um grupo de estudantes desta academia que surgiu há cerca de um ano e meio, de forma espontânea. É um grupo de colegas, interessados e empenhados, envolvidos em vários órgãos de gestão das faculdades ou não, que achou que faltava uma força diferente dentro da academia. Um conjunto de estudantes que, por ser um movimento, por não existir apenas num período eleitoral, interveio o ano inteiro. Foi isso que conseguimos fazer o ano passado. Acabámos por não ganhar as eleições, mas durante todo o ano mantivemos uma actividade mais ou menos regular. Acima de tudo, esta regularidade e esta consistência permitiram ao longo dos últimos meses ganhar um certo prestígio dentro da academia.

Tens alguma filiação partidária?

Filiação num partido, não tenho nem tive. Há muitas pessoas dentro do movimento que são filiadas em diversos partidos. Temos muitas sensibilidades e ainda bem que assim é. Há pessoas que lêem os nossos documentos de política educativa e dizem: “Vocês são um movimento de esquerda”. Penso que não se deve rotular, porque o que nós defendemos é o que a maioria dos estudantes defende.

Perfil

Vasco Miguel Mendonça Nogueira, de 21 anos, é natural de Coimbra. No ano lectivo de 2000/2001 ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e no primeiro ano integrou a direcção-geral de Humberto Martins, colaborando no pelouro da pedagogia. No ano seguinte fez parte da lista W, enquanto coordenador geral da política educativa, tendo perdido as eleições face à candidatura de Victor Hugo Salgado.

Ainda na AAC, Vasco Nogueira pratica hóquei há 16 anos na secção de patinagem, da qual é membro da direcção. Na vertente cultural, o estudante faz teatro no Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra.

Na faculdade de Medicina, Vasco Nogueira foi membro do Conselho Pedagógico e foi eleito, o ano passado, para o cargo de senador universitário.



Segundo o candidato da lista L, a acção social é uma das prioridades do projecto que encabeça

Quais são as principais linhas orientadoras da lista L?

Temos três linhas principais: política educativa, acção social e a terceira linha inclui a cultura e o desporto. A informação, como questão de fundo, permitirá a articulação entre estas três áreas e todas as outras dentro da direcção-geral. Em relação à política educativa, palavras para quê? Vivemos ataques cerrados ao ensino superior público, no país onde é mais caro estudar, onde a média salarial é a mais baixa da União Europeia, onde a média das pessoas licenciadas é a mais baixa. Neste contexto de estrangulamento, elitização e privatização do ensino superior público, é óbvio que as questões do pelouro da política educativa são o prato forte duma candidatura que afirma a defesa dos estudantes. Por isso, o nosso lema é “Liga-te à AAC”. Trata-se de ligação efectiva, mobilização, consciencialização permanente: trabalhar com os núcleos, para que a informação chegue ao estudante. É essa capacidade de chegar ao estudante, de ultrapassar a barreira do estudante que está alheada...

AAC afastada dos estudantes O estudante em Coimbra ainda continua desligado da sua associação?

E o contrário também é verdade! A associação também continua desligada do estudante.

Então o “Liga-te à AAC” também tem esse sentido?

Claro que sim. Aliás, chegamos a falar em tirar a Associação da Padre António Vieira. Se o estudante está

pouco ligado à associação, esta tem que ter a capacidade de ir procurar o estudante, através da promoção de Reuniões Gerais de Alunos, debates, campanhas de sensibilização.

Neste momento que balanço fazes dos mandatos de Victor Hugo Salgado?

Não se pode dizer que seja positivo. Tiveram algumas melhorias, especialmente neste período final.

“Se o resto dos 23 ou 24 mil estudantes não vai atrás, significa que a direcção-geral não está a trabalhar bem”

Uma melhoria só mesmo em relação às questões da política educativa, com o destaque que a associação académica tem tido. Mas, também neste ponto não tem sido francamente positivo. A nós parecia-nos natural que a associação tivesse um papel quase consensual e não tem tido, devido à falta de ligação, de capacidade de coordenação de núcleos. Quando a direcção-geral quer fazer uma coisa, não pode avançar sozinha. Se o resto dos 23 ou 24 mil estudantes não vai atrás, significa que direcção-geral não está a trabalhar bem.

O que pensas da actual contagem levada a cabo pelos estudantes do ensino superior?

Tem sido boa. O dia 5 de Novembro foi um dia que nos marcou pela positiva, devemos encarar-lo como o dia que provou que afinal há muitos colegas que estão atentos...

Então consideras que os estudantes estão mobilizados?

De uma forma geral, não estão. Mas, estão atentos e percebem os ataques que estão a ser feitos. Não estamos é com a mobilização necessária. Coimbra não correspondeu às

expectativas. Mas, mais do que estar a criticar o que foi feito, é preciso perceber o que é que falhou e o que é que é preciso fazer para que de futuro as coisas corram melhor. Tivemos na academia de Coimbra alguns tropeções pelo caminho na construção da luta, mas felizmente estamos a tentar recuperar.

A acção social é uma parte importante do vosso programa? Deve ser a direcção da luta neste momento?

Claro que sim. Queremos um ensino democrático e de qualidade. Acreditamos que é possível revogar a lei relativa às propinas e ao regime de prescrições. Enquanto não for revogada, é necessário insistir na acção social: mais e melhores bolsas, com a revisão dos estatutos de atribuição, com a perfeita consciência de que a propina é uma medida socialmente injusta. Fomos às residências e repúblicas fazer um levantamento de problemas e soluções. Por exemplo, a aposta na semana das repúblicas: a república não só enquanto património histórico da academia coimbrã, mas como uma parte importante duma ofensiva ideológica que a associação académica deve fazer face ao individualismo que neste momento impera em Coimbra. No concreto, entre as várias propostas que apresentamos, simples e exequíveis, está a realização de inquéritos com periodicidade regular, pelas residências, para averiguar os problemas. Pretendemos também exercer pressão sobre os serviços de acção social para melhorar as condições, as infra-estruturas, o apoio logístico de informática. Concretizar uma ligação mais efectiva do pelouro da Acção Social aos Serviços de Acção Social da UC. Queremos ainda realizar um caderno de bolso com todos os critérios e regras da atribuição de bolsas.

Principais propostas

- Ambiente -

- Colocar pilómetros em Eco pontos em todas as faculdades e departamentos;
- Revitalizar o lago do jardim da AAC e assegurar a manutenção;
- Promover um ciclo de debates e publicar um jornal mensal reciclado;
- Realizar uma “Semana do Ambiente” em que cada dia se efectuem actividades/workshops subordinados aos problemas ambientais.

- Provedoria do estudante -

- Inclusão no site da AAC de uma secção que dê conhecimento da Provedoria e a sua actividade;
- Encaminhar para as entidades competentes as denúncias relacionadas com o Certificado de Habitabilidade;

- Acção Social -

- Criação do “Caderno de bolso” com os critérios da atribuição das bolsas e mais informações sobre as candidaturas às bolsas de estudo, a entregar aos caloiros;
- Realizar um programa inter-residências com a colaboração do pelouro da cultura e desporto;
- Promover uma mostra sobre as Repúblicas, em colaboração com o Conselho de Repúblicas.

- Informação -

- Criar painéis de informação da DG/AAC em todas as faculdades;
- O InformAcção com saída quinzenal, informando acerca do trabalho de todos os pelouros da DG/AAC;

- Pedagogia -

- Realizar reuniões periódicas com os alunos eleitos nos Conselhos Pedagógicos das Faculdades e Departamentos;
- Concretizar jornadas pedagógicas de modo a esclarecer a situação pedagógica e apresentar medidas concretas para a melhoria da qualidade de ensino.

- Pelouro de Inter-Núcleos -

- Incentivar a cooperação entre núcleos e secções para a realização de actividades culturais, desportivas e lúdicas;
- Acompanhar e dinamizar a criação de novos núcleos de estudantes.

- Saídas profissionais -

- Produzir um boletim mensal com ofertas de emprego;
- Actualizar o protocolo com a Emacadémica;
- Criar um observatório de emprego em colaboração com a reitoria da UC para inferir quais as potencialidades de emprego nos cursos da instituição;
- Acompanhamento dos estágios pedagógicos.

- Cultura -

- Agenda cultural;
- Aproveitamento do jardim para a semana da mostra cultural;

- Desporto -

- Agenda desportiva;

- Política Educativa -

- Exigir a revogação do actual pacote legislativo.

EDITORIAL

Marketing eleitoral

Entre panfletos e cartazes, a campanha eleitoral para os corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra (AAC) conhece hoje o seu último dia. Ou melhor, e perante a iminente certeza de uma segunda volta, conhece o fim da primeira fase. No entanto, e ao contrário do que não só o número de listas concorrentes mas também o nome dos candidatos envolvidos parecia adivinhar, esta foi, para já, uma campanha cinzenta.

É vergonhoso que a maioria das listas apenas se tenha preocupado em garantir os habituais e vergonhosos caciques de faculdade, demonstrando, nesse bairrismo hipócrita, não se preocupar em edificar uma única academia

Mais, esta foi uma campanha triste, fraca e sem capacidade de chegar junto do comum estudante. Sinónimo disso foi a manifestação estudantil em Coimbra da passada terça-feira, em que as cinco listas actualmente em disputa e a actual Direcção-Geral da AAC (DG/AAC) apenas conseguiram trazer para a rua cerca de 400 estudantes. Era, no mínimo, exigível um maior dinamismo por parte de todos os projectos em tentarem demonstrar a sua força junto da massa estudantil, a sua força na mobilização e a sua força em conseguirem levar mais longe o protesto dos estudantes. Mas não foi isso que aconteceu. Afinal, era mais importante recolher fotografias, pintar letras e esquecer ideias, tomar míticos "cafezinhos" nos bares de cada uma das faculdades e garantir que aquele departamento fun-

damental não caia em mãos adversárias. E assim, quem caiu foi a AAC, foram os estudantes de Coimbra que "preferiam as aulas à contestação", como referia um diário nacional.

É pena. Numa altura em que a contestação estudantil começava a conseguir alguns frutos, e numa altura em que Coimbra começava a recuperar algum do protagonismo de outros tempos no que toca à liderança do movimento associativo nacional, era necessário mais dos actuais candidatos à DG/AAC do que cartazes apelando ao voto na sua lista. Era necessário fomentar o debate, a informação e a acção nos estudantes para que a AAC continuasse a ser digna de envergar pergaminhos tão nobres como os deixados por Alberto Martins ou Salgado Zenha.

Mais, é vergonhoso que, nesta primeira fase eleitoral, a maioria das listas apenas se tenha preocupado em garantir os habituais e vergonhosos caciques de faculdade, demonstrando, nesse bairrismo hipócrita, não se preocupar em edificar uma única academia, mas sim uma pequena manta de retalhos, cosida pelo clientelismo eleitoral, infelizmente tão típico desta casa. É pena que, na maioria das sedes, os estudantes apenas tenham algum significado pelo número de votos que podem valer e não pelas ideias e projectos que possam ter. É pena que, numa altura em que todos os cabeças de lista apontam os dedos à privatização do ensino superior pelo actual elenco governativo, muitos projectos tenham encarado a sua candidatura à instituição de utilidade pública que é a AAC à luz de aspirações privadas. E sinónimo disso vai ser o desmembramento posterior da maioria destes grupos, demonstrando que os objectivos não estavam na defesa dos interesses da AAC, mas sim na busca simples e pura do poder.

Posto isto, é tempo de reflectir. No voto, na AAC, na Universidade de Coimbra (UC) e no ensino superior. No voto, porque aqui assenta a principal arma da democracia e o nosso dever enquanto cidadãos. Na AAC, porque a mais antiga associação de estudantes de Portugal merece líderes à sua altura e não alternativas de recurso. Por fim, na UC e no ensino superior, porque muito do que garante a identidade própria da universidade se consubstancia nos corredores do edifício mais célebre da Rua Padre António Vieira, e grande parte das alterações que poderão surgir no ensino superior se deverão à acção futura da DG/AAC. Mas, para isso, são necessários líderes a sério. **Emanuel Graça**

Cartas ao director

Formas erradas, meios inadequados e ilegais

Nuno Brandão *

Caro Senhor Director, no seu editorial "Doença dos Docentes", em que parecia começar bem, ao colocar correctamente o problema da necessidade de compreender por que razão aos recentes protestos dos estudantes se seguiu a reprovação em vez de apoio, não só não responde, nem tenta responder, a essa questão que colocou, como acaba por cair no mesmo erro de que acusa quatro docentes da Faculdade de Direito, o de criarem uma divisão na Academia. Primeiro, através de uma crítica puramente destrutiva, ataca esses docentes e depois acusa a generalidade dos professores de incompetência. Palavras suas: "porque os professores têm medo de ver comprovada cientificamente a sua actual incompetência (salvem-se raros exemplos que, no entanto, seria injusto colocar no mesmo saco das aves de rapina dos recursos do ensino superior)". Se isto não é propício a gerar clivagens e incompreensões na Academia, então o que será?

É pena que não se tenha dado ao trabalho de pensar nas razões que motivam a falta de acolhimento que as actuais reivindicações estudantis têm tido na sociedade portuguesa.

A meu ver, a razão principal para a indiferença ou discordância geral em relação aos protestos reside no facto de o ponto central da discussão serem as propinas. Por muito que se afirme o contrário, foi a definição legislativa de novos valores para as propinas e a sua consequente fixação nas Universidades, frequentemente no limite máximo, que desencadearam as novas movimentações estudantis. Talvez seja injusto que assim seja ou que, pelo menos, seja esta a percepção que vem à tona, quando são também outras as causas (boas e importantes causas) por que os estudantes se batem. O facto, porém, é que é de propinas que se fala. E essa é, de há muito, uma luta errada e perdida, como denunciava já, nas páginas de "A CABRA", em 1997, nos meus

tempos de licenciatura, em saudável polémica com o meu amigo Filipe César Marques [então director do Jornal Universitário de Coimbra]. Com efeito, ganha cada vez mais força a ideia de que a Universidade presta um serviço ao estudante, de que este é o primeiro e principal beneficiário, que isto custa dinheiro e é por isso socialmente justo que ele contribua para o seu financiamento. Por mais voltas e retórica que se empregue, é neste argumento que os protestos inapelavelmente colidem. Trata-se, neste país concreto e neste tempo concreto, de uma ideia que a generalidade dos cidadãos perfilha e daí a razão para que as reivindicações não tenham até à data produzido qualquer efeito (os dirigentes académicos, nas suas constantes fugas para a frente, já se deram conta disso?) e não encontrem adesão social.

Não bastava já a principal bandeira do movimento estudantil ser injusta e errada, como ainda, para piorar, os meios adoptados para a defender são inadequados, irrazoáveis e ilegais. Falo, naturalmente, do encerramento da Universidade. Desde logo, é um meio que revela fraqueza, pois indicia que só fechando as instalações universitárias se consegue levar a que a generalidade dos estudantes não frequentem as aulas e as Faculdades. Depois, passa uma má imagem da Universidade e, principalmente, dos estudantes. Além de que, priva ilegal e injustificadamente os docentes e funcionários de entrarem no seu local de trabalho e de nele trabalharem, interrompendo a prestação de serviços públicos. Ao contrário de outros, penso que o Reitor tem optado bem pelo menor dos males e tentado compor, na medida do possível e de modo sensato e equilibrado, os interesses em conflito. Mas não censuro a opção dos meus colegas da Faculdade de Direito que, no exercício dos seus direitos e interesses legalmente reconhecidos, apresentaram uma queixa crime contra aqueles que os impediram de entrar

na Faculdade, desde logo o Presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC). Não percebo a incomodidade gerada por esse facto, de que deu sinais a DG/AAC, o seu Presidente e o Senhor Director. Tal como estranho a insistência em justificar esses actos com uma deliberação de uma assembleia de estudantes, como ouvi a Victor Hugo Salgado e leio no seu editorial. Essa intenção de escurar um acto próprio, determinado por uma decisão própria, em decisões alheias revela falta de sentido de responsabilidade, na dimensão própria do termo, de assumir as consequências dos actos que conscientemente se praticam. Tanto mais que, como sabe qualquer pessoa que tenha já presenciado uma assembleia magna, as deliberações de fundo nelas tomadas são sempre as desejadas pela DG/AAC, que conduz o rumo da discussão nesse sentido. Mas isto é de somenos, porque o preocupante é não se ter percebido a janela de oportunidade aberta por esta queixa. Pois se se falou em desobediência civil, aí tem a AAC a possibilidade de discutir na sede própria, o Tribunal, a legitimidade e a legalidade das suas acções. Quem senão o Tribunal tem legitimidade democrática para decidir da licitude ou ilicitude do encerramento de uma instalação universitária como meio de defesa de determinados interesses estudantis? Se o Tribunal se pronunciar pela legalidade dessa forma de luta são as reivindicações estudantis que, do mesmo passo, são legitimadas, ganhando uma nova força. Se o Tribunal entender que tais actos são ilegais, a ponto de constituírem um crime, então deverão os estudantes que os praticaram ser por ele responsabilizados, sob pena de na Universidade andarmos a brincar aos cidadãos, e no futuro inibir-se de os realizar novamente. Tão simples como isso.

* Assistente Estagiário da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

Quem somos e para onde vamos (para consumo interno)

Vasco Ramos *

Numa cega caminhada para o abismo, não só chegámos à beira do precipício, como demos também o passo em frente, sem nada nem ninguém que nos possa amparar quando o momento do impacto chegar.

Poucos o quiseram pensar e menos o ousaram dizer mas, sendo a verdade filha do tempo, está provado que as atitudes do passado só nos prejudicaram. É agora chegada a hora de parar, não para contar espingardas mas sim para pensar e reflectir com serenidade e, acima de tudo, com responsabilidade!

Aproveitando a introspecção, seria também bom que todos aqueles que andam afastados das tomadas de decisão nesta Academia tivessem pelo menos a preocupação de se informar sobre o que está em causa.

A nossa sociedade está habituada a que as decisões sejam tomadas "pelos outros", sejam eles quem forem. Nós enquanto estudantes temos a obrigação de pensar e de ter espírito crítico. É mais fácil dizer mal das decisões do que participar nelas mas a democracia somos nós e por isso todos temos o dever (mais que o direito) de participar nela. Somos todos responsáveis.

A propósito de (ir)responsabilidade, não podem, em Assembleia Magna, vencer os argumentos mais válidos quando mui-

tos dos presentes apenas pretendem conseguir mais uns dias sem aulas. São estas as Mulheres e estes os Homens de amanhã? Tenham vergonha!

Sinceramente não acredito na revogação por este Governo da Lei 37/2003 mas acredito que a contestação deve continuar de modo a desgastar a imagem do Primeiro-Ministro e assim contribuir para que das próximas eleições legislativas saia a tão ansiada revogação. Assim, a estratégia, ao contrário daquela que tem sido seguida, deve passar essencialmente pela sensibilização para a validade dos nossos argumentos, de modo a reconquistar a consideração e o apoio das pessoas. Poderiam, por exemplo, ser promovidos debates semanais com diversas personalidades sobre os problemas (e respectivas soluções) do ensino superior público, entre outras iniciativas.

Ideias não faltam. Só falta mesmo coragem para acabar com os cadeados, tal como falta vontade para tentar persuadir todos os estudantes a fazer greve com as portas abertas. É mais fácil e cómodo o refúgio numa greve forçada do que admitir uma eventual greve fracassada!

* Estudante de Engenharia Informática na Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC

SANTUÁRIO



O Rock invade a cidade

Rua Almeida Garrett 7-9 Coimbra
www.santuariobar.com

Estudantes na rua por todo o país

“Coimbra continua a ter a academia com maior espírito contestatário”, afirma o presidente da DG/AAC

Luta estudantil conduziu a uma manifestação nacional descentralizada contra a política do Governo para o ensino superior

Rita Delille
Rosa Ramos

Uma manifestação nacional no dia 24 de Março de 2004 (Dia do Estudante) foi a principal medida acordada no Encontro Nacional de Direcções Associativas no último fim-de-semana. Já no início do próximo ano realizam-se oito dias de consciencialização idêntica à última campanha “Será que aguentas?”. Estas medidas, decididas pelos dirigentes associativos, vêm na onda de contestação que se tem feito sentir por todo o país.

Na passada terça-feira, decorreu nas várias capitais de distrito do país uma manifestação nacional descentralizada, decidida no último Encontro Nacional de Dirigentes Associativos (ENDA).

Em Coimbra, foi uma manifestação pouco volumosa que seguiu da alta universitária até ao governo civil, onde Victor Hugo Salgado, presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), entregou um documento de avaliação da Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior chumbando-a e solicitando a sua anulação. “Através do documento mostrámos o nosso descontentamento face às políticas do governo”, afirma o dirigente. A manifestação terminou no Palácio da Justiça onde “a academia deixou uma mensagem de união e solidariedade face à questão dos processos em tribunal”. Os estudantes deixaram ainda “um lamento porque a universidade não soube deixar dentro de muros a discussão sobre os seus problemas”.

Victor Hugo Salgado faz um balanço positivo da manifestação e sublinha que “não houve falta de mobilização, houve sim uma mostra de união e participação



Manifestação nacional descentralizada com pouca adesão em Coimbra

por parte da academia”. “A manifestação em Coimbra foi a maior a nível nacional, o que espelha o grande espírito de contestação da academia”, afirma.

Esta manifestação seguiu-se ao encerramento da universidade por parte dos estudantes. Nos dias 19 e 20 de Novembro as portas mantiveram-se fechadas a cadeados e correntes, embora tenham sido garantidos os serviços mínimos de funcionamento das faculdades e departamentos.

“É um paradoxo os estudantes encerrarem a universidade quando sustentam que a contestação visa atacar as políticas do Governo”, afirmava Seabra Santos, reitor da Universidade de Coimbra, à comunicação social no início do mês passado. Victor Hugo Salgado comenta que “nunca a contestação estudantil teve uma relação directa entre as acções que de-

seenvolviam e o fim último a alcançar” e explica que “a instituição foi encerrada porque é o Estado quem a financia”.

Entretanto, alguns professores fazem passar um abaixo-assinado como forma de pressionar o reitor a tomar medidas mais drásticas contra o encerramento. Para muitos docentes, Seabra Santos, que em campanha eleitoral se manifestou contra as propinas, mas se viu obrigado a fixá-las, encontra-se refém dos alunos, por quem foi acusado de traição. Carlos Reis, professor catedrático na faculdade de Letras, diz que assinou o abaixo-assinado como forma de manifestar “uma preocupação ao reitor relativamente ao que se passa”. Para o docente “o reitor é o principal responsável pela situação” mas, “não devemos falar em pressão e sim em preocupação”.

Da Assembleia Magna de dia 20 de

Novembro destaca-se a discussão marcada para a Magna do próximo dia 16 de Dezembro sobre uma possível suspensão da Queima das Fitas. Victor Hugo Salgado reconhece que, a ser decidida a suspensão, “tudo o que a opinião pública crítica é colocado à margem”. Contudo, entende que a discussão “deve ser tomada até à Queima das Fitas” e que “nunca pode criar clivagens dentro da academia nem evoluir para um patamar de contestação”. Ainda neste âmbito, ficou também agendado um debate sobre a Queima das Fitas, que se realiza no dia 9 de Dezembro no Teatro Paulo Quintela da faculdade de Letras. O debate vai contar com a presença do presidente da direcção-geral e do dux veteranorum. Ainda para confirmar está a presença do reitor Seabra Santos e do ex-presidente da DG/AAC, Alberto Martins.

Manifestação descentralizada

No dia 25 de Novembro, a manifestação nacional foi descentralizada por várias cidades. Em Lisboa, a manifestação partiu da Cidade Universitária até à residência oficial do primeiro-ministro. Miguel Teixeira, presidente cessante da Associação Académica de Lisboa, diz que “se esperava uma fraca adesão porque esta manifestação não teve o mesmo investimento económico e projecção mediática da manifestação de dia 5”. O dirigente afirma ainda que, por razões que lhe parecem estranhas, “foram marcadas nas diversas faculdades avaliações que colidiram com o dia da manifestação”. Miguel Teixeira explica que “os quase três meses de protesto reflectem algum cansaço nos estudantes”. Apesar disso, defende ter ficado claro que “a chama da contestação contra o governo se mantém acesa”.

No Porto os estudantes concentraram-se em frente à câmara municipal, onde afixaram cartazes e outros dizeres num mural. O presidente da Federação Académica do Porto, Nuno Mendes, queimou simbolicamente a lei de financiamento no final do protesto. O dirigente explica que o objectivo era “contactar com a população do Porto através do mural e da distribuição de um manifesto”. Nestes moldes, “a interacção entre os estudantes e os cidadãos foi positiva”.

Em Évora, os estudantes levaram para a Praça do Giraldo um caixão e “enterraram” o ensino superior público. Bonecos a simbolizar o primeiro-ministro e ministra das finanças dançaram ao som de uma fanfarra. “Os populares aceitaram a manifestação com agrado e curiosidade”, afirma Francisco Costa, presidente da Associação de Estudantes da Universidade de Évora.

Conciliar estudo e trabalho

Desde 1997 que a Emacadémica vem a integrar estudantes no mercado de trabalho e no voluntariado em regime de part-time

Manuel Eduardo

A cooperativa Emacadémica é uma empresa multidisciplinar que visa incentivar os estudantes ao desenvolvimento de actividades dinamizadoras da população de Coimbra e a integração no mercado de trabalho e no voluntariado.

Esta empresa foi formada em 1997 ainda no mandato do antigo presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (AAC), António Silva, com Edgar Barbeiro e Kátia Jacob, en-

tre outros, tendo ainda o apoio do Administrador dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra, António Luzio Vaz. A ideia de formar uma empresa que é ainda hoje um caso único no panorama universitário português foi, nas palavras de António Silva, “uma lufada de ar fresco na inserção dos estudantes no mercado de trabalho”, tendo recebido em 1999 o prémio da Associação Nacional de Jovens Empresários, no decorrer de uma feira internacional de jovens empresários em Espanha.

As actividades são repartidas por cerca de mil e seiscentos estudantes/cooperantes que, estruturados numa base de dados, são distribuídos pelos inúmeros trabalhos a que se dedica a cooperativa.

O presidente da direcção da cooperativa, Óscar Gaspar, destaca as actividades que têm mais projecção actualmente: inquéritos, visitas guiadas, distribuição de publicidade, panfletos, cartazes, secretariado, traduções, processamento de texto,

baby-sitting, limpezas, jardinagem, entre outras.

Oscar Gaspar salienta também o facto de não serem só os estudantes carenciados a trabalharem nesta cooperativa. Também os que sintam a necessidade de serem úteis à sociedade ou queiram preencher os seus tempos livres com actividades prestáveis e onde se exerçam actividades extra-académicas têm espaço na cooperativa.

As parcerias e clientes empresariais são uma realidade e um factor importante e decisivo na vida desta empresa, na medida em que proporcionam uma certa regularidade de trabalhos. Entre este grupo de clientes destacam-se o museu de Física, o museu Botânico, o jornal “Diário de Coimbra”, empresas de processamento de texto e de espectáculos, institutos, entre outros. No entanto, o presidente da direcção sublinha a preferência da cooperativa pelo trabalho de voluntariado e de dinamização de espaços, os quais têm ligação protocolar com a Câmara Municipal de Coimbra, a

AAC, os institutos de apoio à investigação e outros organismos. Desta forma alguém interessado em fundamentar iniciativas culturais, festas, entre outros projectos, pode dirigir-se aos seus serviços, e estes disponibilizam os meios técnicos e os espaços para a sua realização.

Uma das vantagens proporcionadas é o facto das remunerações não implicarem perda de bolsas, na medida em que estas quantias têm o enquadramento legal de bolsas de mérito.

O trabalho desta cooperativa vai, de acordo com Óscar Gaspar “ao encontro daqueles que desejam no fim do mês comprar o tal livro que viram na montra, mas também para os que simplesmente se sentem melhor ajudando os outros”.

Como diz o folheto distribuído “vem falar connosco, somos uma ponte para pôr em prática as tuas ideias”. Quem pretender mais informações pode dirigir-se ao 5º piso da AAC, espaço onde se encontra a sede da Emacadémica.

12 UNIVERSIDADE

Autonomia para ensino público

Polémica proposta de lei governamental em análise

A autonomia das instituições e o fim da paridade nos órgãos colegiais são os principais pontos da proposta de Lei de Autonomia, que se encontra ainda em discussão no Parlamento

Nuno Braga
Bruno Fernandes

De acordo com a proposta de Lei de Autonomia, as universidades e institutos politécnicos dispõem de autonomia em diversos aspectos, tais como o administrativo, pedagógico, estatutário, financeiro, cultural e científico. Para além disso, o documento define ser responsabilidade do Estado a garantia das verbas necessárias ao funcionamento dos estabelecimentos de ensino superior.

A proposta refere que as principais metas destes estabelecimentos são "a criação, transmissão e difusão da cultura humanista, científica, tecnológica e artística", através da docência, da investigação e da prestação de serviços especializados. Assim, deve-se oferecer uma formação que vise o desenvolvimento integral da pessoa, a nível profissional, e preste serviços especializados à sociedade, através da divulgação do conhecimento e da cultura. O intercâmbio e a cooperação com universidades estrangeiras, nomeadamente as europeias e as de língua portuguesa, também são mencionados como objectivos das universidades e politécnicos.

As instituições de ensino superior são ainda obrigadas a apresentar "um relatório anual circunstanciado das actividades", referindo os planos de desenvolvimento, movimentos de pessoal, análises da gestão administrativa e financeira, a inventariação dos fundos disponíveis e a forma como estes foram utilizados. Segundo o artigo 13º, as principais fontes de rendimento das universidades e institutos politécnicos são as verbas concedidas pelo Estado, as "receitas provenientes do pagamento de propinas" pelos alunos e os lucros obtidos através de actividades promovidas pelas instituições.

De acordo com o documento, a autonomia científica consiste na liberdade que as universidades e politécnicos possuem de "definirem, programarem e executarem a investigação e demais actividades científicas". Já a autonomia pedagógica confere a capacidade de criação, suspensão e extinção de cursos, conforme as políticas nacionais de educação, ciência e cultura. No entanto, o Ministério da Ciência e do Ensino Superior tem o poder de aprovar os cursos e o número máximo de matrículas anuais.

Os estabelecimentos de ensino superior também dispõem da auto-



Reitoria da Universidade de Coimbra demonstra-se crítica em relação à proposta governamental para a lei de autonomia

mia estatutária, isto é, "gozam do direito de elaborar os seus estatutos", que contém as normas fundamentais da organização interna e devem ser aprovados pelo Governo. Caso a proposta de lei entre em vigor, as instituições têm um prazo de um ano para alterar os estatutos, sob pena de ser suspenso o seu financiamento público.

É ainda assegurada a autonomia disciplinar, permitindo a punição das "infracções disciplinares praticadas por alunos, docentes, investigadores e demais funcionários e agentes". Nas universidades, o poder disciplinar é exercido pelo reitor e nos politécnicos pelo presidente.

Órgãos das universidades e faculdades

Um dos pontos da proposta de lei que mais tem sido criticado pelos estudantes é o artigo 21º, que diminui o peso das associações de estudantes e dos trabalhadores não docentes nos órgãos colegiais das universidades públicas, como, por exemplo, o

Senado da Universidade de Coimbra (UC). O artigo estabelece que os órgãos deverão ser compostos "por uma maioria de 60 por cento de professores e investigadores doutorados", não referindo, porém, de que forma seriam ocupados os restantes 40 por cento.

Segundo a proposta de lei, os órgãos universitários incluem obrigatoriamente o reitor, que deve ser um professor da instituição ou outra pessoa "de reconhecido mérito", habilitada com o grau de doutor. A função do reitor é representar e dirigir a universidade, através de um mandato de quatro anos, podendo ser reeleito por mais um mandato consecutivo.

As faculdades ou "unidades orgânicas equivalentes" devem conter um director, que aprova os calendários escolares e de exames, exerce o poder disciplinar em relação aos alunos e participa nos órgãos de gestão, como os conselhos científico e pedagógico. Para além destes órgãos obrigatórios, as faculdades têm au-

tonomia para criar outros, como o conselho directivo, que é "composto maioritariamente por docentes, podendo ainda integrar um representante dos estudantes e um representante do pessoal não docente".

Composto exclusivamente por professores ou investigadores com o grau de doutor, o conselho científico deve pronunciar-se sobre as "condições de admissão dos candidatos às provas académicas" e propor o calendário escolar e a contratação de docentes. Já o conselho pedagógico é formado por uma quantidade igual de docentes e estudantes, "até um máximo de 20 elementos". Tem como principais funções analisar os métodos pedagógicos e de avaliação de conhecimentos e propor o calendário de exames.

A proposta de lei refere ainda a existência do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, que garante a coordenação e a representação global das universidades e auxilia o Governo na criação das políticas de educação, ciência e cultura.

Proposta contestada

Em Setembro, a Reitoria da UC apresentou um documento com críticas e sugestões de alteração à proposta de Lei de Autonomia. Um dos pontos mais contestados é a expressão "estabelecimentos de ensino superior", que confunde as universidades com os institutos politécnicos. No entender da reitoria, "a incapacidade para distinguir uma coisa da outra" é um "erro gravíssimo que sairá caro ao país".

A reitoria também critica o artigo 3º, que trata das liberdades fundamentais, democraticidade e participação. A nova proposta retira o termo "gestão democrática", o que é considerado como um "retrocesso", pois as "universidades negam-se a si próprias se não forem instituições democráticas". Para além disso, o artigo 22º fala do "modo de designação do reitor", o que, para a reitoria, deveria ser alterado para "modo de eleição" sob pena de um "grave recuo na vida democrática".

Outra crítica feita relaciona-se com as avaliações de qualidade de ensino e investigação nos cursos e universidades. A reitoria defende que, quando houver deficiências por causa do pouco investimento do Estado, o financiamento do estabelecimento em causa não deve ser prejudicado, mas reforçado para que seja colocado "em igualdade de condições com as demais instituições congéneres".

A reitoria de Seabra Santos sustenta ainda que "é o fim da autonomia pedagógica" quando o Governo chama para si o direito de aprovar os cursos. No seu entender, muitos dos erros de conteúdo e de forma na proposta de lei têm a ver com a "pressa com que foi elaborada e a falta de preparação do pacote legislativo para o ensino superior" por parte do Estado.

A Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) também aponta falhas ao documento. Segundo o presidente da DG/AAC, Victor Hugo Salgado, a redução da paridade nos órgãos universitários é um dos pontos negativos, pois a participação dos alunos é um "direito adquirido" e é "falso o motivo apresentado publicamente de que os estudantes têm peso a mais".

O dirigente associativo refere que a proposta de lei é "contraditória ao responsabilizar as instituições, mas reduzindo a sua autonomia". Quanto à questão económica, Victor Hugo Salgado afirma que "nunca deverá ser responsabilidade das universidades o seu funcionamento e gestão".

Outro problema identificado pelo presidente da DG/AAC é a indefinição sobre a revisão dos estatutos de cada instituição, pois "não se sabe se será a actual Assembleia da Universidade a rever o estatuto e qual será a participação dos estudantes", conclui.

Doenças infecto-contagiosas preocupam autoridades hospitalares

HUC preparados para lidar com eventuais surtos

A capacidade de resposta dos serviços hospitalares de Coimbra para lidar com eventuais surtos de doenças infecto-contagiosas revela-se positiva, embora com algumas limitações

Helder João Pinto

“Para a maioria das situações infecciosas haverá total capacidade para responder à maioria das solicitações, e apenas alguns casos de doenças mais raras, como as tropicais, têm que ser necessariamente encaminhadas para Lisboa”. Quem o diz é o responsável pelo Departamento de Doenças Infecto-Contagiosas dos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC), Saraiva da Cunha, quando interrogado sobre a capacidade da instituição em responder a uma eventual situação de surto. No entanto, refere que um caso de um surto em que os doentes necessitassem de ser isolados “iria ser uma situação naturalmente muito complicada de resolver”.

Actualmente, os HUC estão equipados com 31 camas e cinco quartos de isolamento preparados com sistema de ventilação de pressão negativa (para poder fazer face a doentes com patologias respiratórias). Mas apenas três quartos estão em funcionamento efectivo pois os outros dois estão em remodelação.

Numa altura em que a aproximação do Euro 2004 pode trazer ameaças terroristas bioquímicas o director afirma que “a única responsabilidade que os HUC têm é a de ter disponível, o mais depressa possível, todos os quartos de isolamento, pois a Direcção Geral de Saúde criou uma equipa especial de trabalho para lidar especialmente com a questão do bio-terrorismo”.

Quanto ao caso específico da legionela, que registou já três casos na região centro, o director sublinha que os doentes que possam dar entrada nos HUC vão ter “todas as condições para serem tratados, pois para aquela infecção não são requeridas quaisquer medidas de isolamento”.

A legionela na região centro

A “legionela pneumophilla” é uma bactéria que se transmite pelo ar (quando inalada sob a forma de aerossóis) e que se instala em reservatórios de água e condutas sujas de ar condicionado central. O contágio pode também acontecer em ambientes fechados, quando a pessoa infectada tosse ou espirra muito. Apesar desta possibilidade, a legionela não



Numa altura em que o Euro 2004 pode trazer ameaças bioquímicas à cidade dos estudantes, os HUC dizem-se prontos para responder a esse tipo de solicitação

é tão contagiosa como a meningite ou a tuberculose e não se transmite directamente de pessoa para pessoa. Pode provocar desde uma simples gripe até uma forte pneumonia. As pessoas mais vulneráveis são aquelas que já apresentam algum tipo de complicação respiratória, principalmente fumadores, alcoólatras, portadores do HIV e diabéticos.

Os sintomas da “legionela pneumophilla” variam muito. Além das complicações respiratórias, as pessoas infectadas podem ter febre alta, confusão mental, vômitos, fortes dores de cabeça, diarreia, dores em todo o corpo, falta de ar, muita tos-

se, e, em casos mais graves, quando a bactéria afecta os rins, o paciente pode urinar sangue.

Actualmente são conhecidos pelo menos cinco casos de pessoas infectadas com aquela doença na região centro: um homem que esteve internado cerca de um mês num hospital de Viseu, outro que ficou infectado na zona de Leiria, dois homens com idade superior a 40 anos, ambos residentes em Santa Clara, internados no Hospital dos Covões e um outro caso, mais recente, de um residente em Cantanhede que se encontra internado nos HUC. No que se refere a este último, sabe-se que existe

uma ampla equipa de profissionais no terreno a tentar localizar o foco de infecção. Essa equipa é constituída por técnicos da Direcção Geral de Saúde, do Laboratório de Zoologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, um enfermeiro do ambiente do Centro Regional de Saúde Pública, a Delegação de Saúde de Cantanhede e ainda um outro técnico de saúde ambiental, que percorrem todos os sítios normalmente frequentados, nas últimas semanas, pelo doente. Quanto ao caso dos dois doentes, residentes em Santa Clara, sabe-se que, para além de morarem na mesma zona,

trabalhavam em locais próximos e de acesso público (um na Segurança Social e outro numa agência bancária, ambos na Avenida Fernão de Magalhães), frequentavam os mesmos locais, e até, por vezes, almoçavam juntos. Coincidências que agora se somam ao facto de um deles ter estado em Espanha e precisamente num hotel onde foi detectado um surto de legionela. Dos outros dois casos não são conhecidos pormenores.

Apesar da proximidade temporal e espacial destes casos, as autoridades competentes consideram não existir razões para alarme.

14 NACIONAL

Economia em recessão

Estimativas da OCDE e do Banco de Portugal confirmam tendência negativa

A economia nacional deverá decrescer em 2003, com o bom comportamento das exportações a evitar uma crise mais profunda

Gustavo Sampaio

As últimas estimativas realizadas sobre o desenvolvimento da economia portuguesa apontam para uma tendência recessiva no exercício do presente ano. Em relatório divulgado no dia 26 de Novembro, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económicos (OCDE) prevê uma quebra próxima dos 0,8 por cento. Uma previsão negativa corroborada pelo relatório do próprio Banco de Portugal, recentemente apresentado.

Apesar da tendência negativa em 2003, a OCDE aponta para uma inversão da situação já no próximo ano, prevendo um crescimento económico de 1,5 por cento. Uma estimativa otimista, na medida em que a Comissão Europeia anteviu uma progressão de apenas um por cento para 2004, em análise divulgada no mês de Outubro.

O relatório da OCDE admite um défice público português "ao nível dos três por cento do Produto Interno Bruto (PIB) em 2003", mas somente devido ao encaixe de "transferências extraordinárias" provenientes do fundo dos serviços postais. De forma a controlar o aumento das despesas públicas, a OCDE sugere a implementação de "reformas estruturais já aprovadas". Com o efeito destas reformas e o contributo proveniente do exterior, a OCDE prevê um crescimento do PIB de cerca de 2,6 por cento em 2005.

A recessão económica gera um aumento do desemprego, uma situação generalizada no seio da União Europeia. Segundo estimativas da OCDE, a taxa de desemprego do presente ano deverá rondar os 6,4 por cento, enquanto que em 2004 poderá aumentar para um valor próximo dos 6,5 por cento. Em relação à taxa de inflação, poderá vir a atingir este ano os 3,3 por cento, para depois baixar para 2,1 por cento em 2004 e 1,8 por cento em 2005.

Retracção económica

O relatório do Banco de Portugal (BP) aponta igualmente para uma retracção da economia portuguesa em 2003, causada sobretudo por desequilíbrios acumulados no sector privado. E indica que o consumo privado deverá decrescer pela primeira vez nos últimos 20 anos, consequência do actual ambiente económico negativo. Uma quebra que deverá atingir os 0,8 por cento.

Desde o ano de 1984 que o consumo privado não apresentava uma variação negativa. Segundo o BP, o crescente endividamento das famílias portuguesas e o clima de pessimismo



Último relatório do Banco de Portugal aponta para a retracção económica

que se vive na sociedade portuguesa, facto baseado em indicadores de confiança que nunca estiveram tão baixos, representam as principais razões para este decréscimo.

A quebra de cerca de dez por cento verificada no investimento privado contribuiu igualmente para a derrapagem da procura interna. O facto de as empresas portuguesas apresentarem níveis de endividamento muito elevados contribuiu decisivamente para esta evolução negativa. Em Junho, o BP apontava para uma quebra do investimento privado de apenas cinco por cento, valor agora duplicado.

O BP anunciou que a taxa de variação do PIB no presente ano deverá situar-se entre 0,75 por cento e 1,5 por cento negativos. A verificarem-se estes valores, o ano de 2003 ficará muito próximo dos níveis de 1984 e 1993, os anos das principais crises económicas portuguesas das últimas décadas.

Da parte do Estado, as medidas de forte contenção orçamental não terão sido uma das principais causas para a retracção da economia portuguesa, ao contrário do que muitos especialistas auguravam. No mês de Junho, o Banco de Portugal previu uma redução do consumo público de 1,6 por cento, enquanto que no relatório da semana

passada apontava para uma estagnação. "A queda da procura interna reflecte apenas a redução da despesa final privada, já que a despesa final da administração pública deverá permanecer relativamente estabilizada", refere o relatório.

Segundo o BP, o impacto pouco prejudicial da despesa pública no PIB resulta de um esforço de consolidação orçamental por parte do Governo. No entanto, o documento considera que nesta matéria ainda só foram dados os "primeiros passos, (...) em grande parte contrariados por efeitos cíclicos e estruturais de crescimento da despesa social". O relatório sugere que a consolidação orçamental "terá de acontecer inevitavelmente nos próximos anos", apelando para uma intensificação dos esforços por parte das entidades governamentais. "Apesar dos seus efeitos negativos sobre o crescimento no curto/médio prazos não é alternativa adiar o esforço de consolidação orçamental", refere o relatório.

Sobre a actual situação económica nacional, o ministro das Finanças alemão afirmou a semana passada que as políticas económicas europeias resultaram na recessão da economia portuguesa. Hans Eichel usava da palavra na apresentação do Orçamento de Es-

tado alemão e referiu-se ao caso nacional para exemplificar que as regras económicas da UE para o crescimento económico dos países-membros não são sempre as adequadas.

Exportações aumentam

Segundo o BP, as exportações resistiram à conjuntura económica negativa e evitaram uma recessão ainda mais profunda durante o ano de 2003. Apesar da conjuntura internacional desfavorável, as empresas portuguesas conseguiram uma vez mais conquistar quota de mercado no exterior.

De acordo com as estimativas apresentadas no relatório, as exportações cresceram cerca de três por cento ao longo de 2003. E com a ajuda da redução do nível das importações, o contributo das exportações líquidas para o crescimento do PIB aumentou para um valor próximo dos dois por cento.

A forte aposta dos exportadores portugueses na vizinha Espanha, país onde a economia deverá crescer cerca de 2,3 por cento em 2003, está a garantir este contributo positivo do sector das exportações para a variação do PIB português. Até ao mês de Agosto deste ano, as exportações portuguesas para Espanha cresceram a uma taxa de 12,6 por cento.

Portugal perdoa França e Alemanha

José Miguel Abrantes

O perdão das sanções previstas no Pacto de Estabilidade e Crescimento (PEC) à Alemanha e França por défices excessivos, foi confirmado pelos ministros das Finanças dos quinze na passada semana. A Alemanha e a França que enfrentariam em 2004, pelo terceiro ano consecutivo, um défice nas contas públicas superior a três por cento do PIB, ficam assim livres de sanções, sendo-lhes somente exigido o compromisso político de efectuar um programa de redução do défice.

A maioria dos países da UE, entre eles Portugal, posicionou-se contra a aplicação das sanções regulamentadas. Por outro lado, Áustria, Finlândia, Holanda e Espanha votaram contra esta resolução.

Apesar deste "perdão", Alemanha e França terão que desenvolver um esforço prolongado para diminuir o défice (o que se deverá arrastar para depois de 2005), de forma a reduzir perto de meio ponto percentual do saldo negativo das suas contas públicas, em cada ano. Os mesmos procedimentos punitivos estão previstos caso não cumpram esta nova medida.

Acrescente-se que Portugal enfrenta a séria possibilidade de exceder os três por cento de défice neste ano, e já em 2002 foram iniciados procedimentos de sanção por desrespeito das regras do PEC devido a um défice orçamental de 4,2 por cento do PIB.

Reforma da Administração Pública em marcha

Mário Guerreiro

Foram aprovados sexta-feira três dos documentos que fazem parte da reforma da Administração Pública. Os votos da maioria parlamentar PSD/CDS-PP acabaram por fazer passar as propostas que dizem respeito ao estatuto do pessoal dirigente dos serviços e organismos da Administração Central, Regional e Local do Estado (que contou também com o voto a favor do PS), mas também a nova lei-quadro a ser aplicada aos institutos públicos. Igual destino teve um projecto apresentado pelo PS que actua sobre a eventualidade de desemprego no pessoal do sector. Bloco de Esquerda e PCP votaram contra todas as propostas.

Aprovadas foram também as alterações ao regime de aposentação. Agora, todos os membros da função pública que se quiserem reformar e receber a pensão na totalidade têm de o fazer com 36 anos de serviço e com mais de 60 anos de idade. É de prever que o Tribunal Constitucional chumbe esta proposta.

Radicais eleitos na Irlanda do Norte

DUP e Sinn Féin foram os principais vencedores

As eleições legislativas na Irlanda do Norte ditaram como grandes vencedores os protestantes radicais de Ian Paisley

Mário Guerreiro

Nas eleições legislativas na Irlanda do Norte, as duas forças políticas com maior número de votos foram as facções mais radicais protestantes e católicas, o Partido Unionista Democrático (DUP) e o Sinn Féin, braço político do Exército Republicano Irlandês (IRA).

O apuramento final dos votos deu ao DUP, do reverendo protestante radical Ian Paisley, 30 dos 108 lugares da Assembleia do Ulster, partilhada por protestantes e católicos. Por seu lado, o Sinn Féin conquistou 24 lugares da chamada Assembleia de Stormont e é agora a força política de inspiração católica com maior representatividade na Irlanda do Norte. O Partido Unionista do Ulster (protestante moderado) de David Trimble, que era até estas eleições o partido com mais lugares na assembleia, ficou-se desta feita pelos 27 deputados. O Partido Social-Democrata e Trabalhista, de católicos moderados, acabou o voto eleitoral com 18 assentos na assembleia.

Com estes resultados, onde se no-



Os partidos moderados como o Partido Unionista do Ulster, de David Trimble (na foto), foram os principais derrotados

ta uma clara radicalização de posições na Assembleia do Ulster, o processo de paz adivinha-se complicado. Após o anúncio dos primeiros resultados do escrutínio que já davam como certa a maioria do DUP, Ian Paisley, declarou que "por princípio", não trabalhava "com assassinos". A frase era dirigida ao Sinn Féin e aos seus deputados.

A principal dúvida prende-se ago-

ra com a revalidação ou não da semi-autonomia da Assembleia do Ulster, como pretendem Londres e os EUA, e que está prevista nos chamados Acordos de Sexta-Feira Santa, de 1998. O reverendo Ian Paisley sempre se opôs a estes acordos e já fez questão de afirmar que pretende uma renegociação dos mesmos. Para Paisley, o objectivo é afastar da partilha do poder o Sinn Féin. O líder dos republicanos católicos, Gerry Adams, recusou imediatamente esta postura de Paisley e lançou o repto para que se efectue realmente uma partilha de poder entre as duas principais forças políticas do Ulster. O Sinn Féin apresentou depois aquele que é o seu vice-primeiro-ministro proposto, o antigo chefe do IRA, Martin McGuinness. O primeiro-ministro do elenco governativo irlandês sai da formação com mais lugares na Assembleia do Ulster (neste caso o DUP). Por sua vez, o vice-primeiro-ministro é escolhido nas fileiras da segunda força política com mais votos, o Sinn Féin.

DUP rejeita poder partilhado

A radicalização da votação que terminou no passado fim-de-semana na Irlanda do Norte pode até funcionar como um incentivo importante para o processo de paz. Alguns analistas defendem que a legitimação democrática das tendências radicais do DUP e do Sinn Féin pode evitar uma escalada de violência entre as duas facções, dividindo, perante os cidadãos irlandeses, a responsabilidade da prossecução do processo de paz por ambos os partidos.

O reverendo protestante Ian Paisley tornou-se um nome a reter nos "troubles" (nome dado pelos irlan-

deses aos conflitos entre católicos e protestantes) quando foi um dos principais organizadores de uma marcha que contestava o arriamento da bandeira do Reino Unido da Câmara Municipal de Belfast. O DUP foi depois criado em 1971, por Paisley e pelo seu amigo pessoal William Boal, e tem pautado a sua existência por uma oposição exacerbada à Igreja Católica e aos partidos que defendem uma Irlanda do Norte independente de Londres. Paisley foi sempre um fervoroso crítico dos acordos de paz, rejeitando a entrega de quaisquer ministérios a católicos e a progressiva aproximação entre a agenda política da Irlanda do Norte e a da sua vizinha República da Irlanda. Para Paisley, o futuro ideal do território passaria pela manutenção da Irlanda do Norte na alçada britânica.

A Irlanda do Norte vive actualmente um período de tréguas, acordadas entre o IRA, os protestantes e Londres, embora alguns movimentos dissidentes (como o Exército de Libertação da Irlanda ou o Real IRA) tenham procedido a vários ataques bombistas nos últimos meses. O mais mediático desses ataques vitimou o sobrinho do líder católico Gerry Adams.

Após as eleições, que se realizaram mais de um ano depois da Assembleia do Ulster ter sido suspensa pelas autoridades londrinas devido a acusações proferidas por David Trimble, que implicavam o IRA em acções de espionagem, o ministro britânico para o Ulster, Paul Murphy, afirmou que a autonomia (da assembleia e do executivo) só será devolvida ao território se as duas principais forças políticas agora eleitas chegarem a um acordo de divisão de poder.

"Vazio de poder" na Geórgia

Rita Faria
Catarina Santos

A 23 de Novembro, o presidente georgiano Eduard Shevardnadze aceitou demitir-se após uma forte contestação da opinião pública e parlamentar. Na sequência da renúncia de Shevardnadze, a presidente do parlamento, Nino Burdjanadze, tornou-se presidente interina até às eleições, marcadas para Janeiro. Burdjanadze deu a entender, contudo, que não pretende candidatar-se: "Não é uma boa ideia ser presidente da Geórgia, é um país com terríveis problemas".

No domingo foi eleito pelo parlamento nacional um novo ministro dos Negócios Estrangeiros, Tedo Djaparidze. No mesmo dia foi nomeado o director da Comissão Eleitoral Central que vai observar as eleições de Janeiro, Zurab Chiaberachvili, que estava à frente da ONG que fez a primeira denúncia de supostas irregularidades ocorridas nas eleições legislativas.

Na estreita porção de terra que separa o mar Negro do mar Cáspio e o continente europeu do asiático, encontra-se a Geórgia. Esta posição estratégica não lhe garantiu, contudo, a prosperidade interna. País extremamente pobre, recém-formado (só independente em 1991), devastado por guerras interétnicas, a Geórgia sobrevive graças ao apoio financeiro dos EUA e da UE. Os números são elucidativos: menos de 50 euros mensais perfazem o rendimento médio da população ao passo que a dívida externa atinge valores na ordem de 2 milhões de dólares, que, segundo dados do Kremlin, "correspondem aproximadamente a 60 por cento do PIB do país". Além disso, cerca de um milhão de georgianos abandonou, nos últimos anos, os seus lares e partiu para a Rússia em busca de novas oportunidades de trabalho. Porém, foi sobretudo a corrupção generalizada do Governo que desencadeou a chamada "revolução de veludo" que levou à destituição de Shevardnadze.

O Governo de Shevardnadze teve sempre o apoio dos russos. Contudo, como constata o diário georgiano "Tavari Gazeti", ao perder Shevardnadze "a Rússia perdeu a Geórgia" e instala-se já no ar o medo de que esta "perda" seja a primeira de muitas vindo-se a verificar uma disjunção no seio das antigas repúblicas soviéticas vizinhas. Muito embora Nino Burdjanadze, em declarações à CNN, tenha referido que o objectivo do novo Governo é "manter a parceria estratégica com os EUA e melhorar as relações com a Rússia", teme-se que os próximos dirigentes se posicionem num claro antagonismo à Rússia, o que coloca em perigo as posições russas no Cáucaso e as suas pretensões na exploração do gás e do petróleo da região. Em contrapartida, os EUA podem agora, com a vitória dos pró-ocidentais, esperar o acesso directo ao "ouro negro" da região, assim que estiver pronto o oleoduto que, ligando o Azerbaijão à Turquia, passa por Tbilissi.

Votação para a Assembleia do Ulster

A Irlanda do Norte foi a votos para a assembleia de partilha de poder preconizada nos Acordos de Sexta-Feira Santa. No total foram a votos 256 candidatos de 20 diferentes partidos e grupos para 108 lugares da assembleia legislativa do Ulster

Lugares nas eleições de 1998 ocupados pelo executivo de partilha 00



Partido Unionista do Ulster: Líder - Antigo primeiro-ministro **David Trimble**. Principal partido protestante. Defende a manutenção da união política irlandesa com Londres. Sofreu uma divisão entre os apoiantes de Trimble (defensores dos acordos de paz) e uma substancial facção anti-acordos liderada por **Jeffrey Donaldson**

Partido Social-Democrata e Trabalhista: Líder - Ex-vice-primeiro-ministro **Mark Durkan**. Partido moderado católico. Defende a reunificação da Irlanda, mas opõe-se à campanha violenta do IRA contra as forças britânicas. O antigo líder **John Hume** foi um elemento chave na impulsão do processo de paz.

Partido Unionista Democrático: Líder - **Ian Paisley**. Partido protestante radical formado em 1971 como uma alternativa radical e menos secular aos unionistas do Ulster. Ian Paisley, de 77 anos apoia a monarquia britânica e opõe-se a qualquer maior importância de Dublin nos assuntos norte-irlandeses. Opõe-se também aos acordos.

Sinn Féin: Líder - **Gerry Adams**. Recusase a condenar o uso de força no passado pelo IRA, mas afirma-se dedicado a conseguir o seu objectivo de uma Irlanda do Norte unida através de meios pacíficos. Partido formado em 1970. Recusou-se a contestar os resultados eleitorais em ambos os lados da fronteira irlandesa até à década de 80.

Outros partidos eleitos

Partido da Aliança

Partido Unionista do Reino Unido

6 Independentes

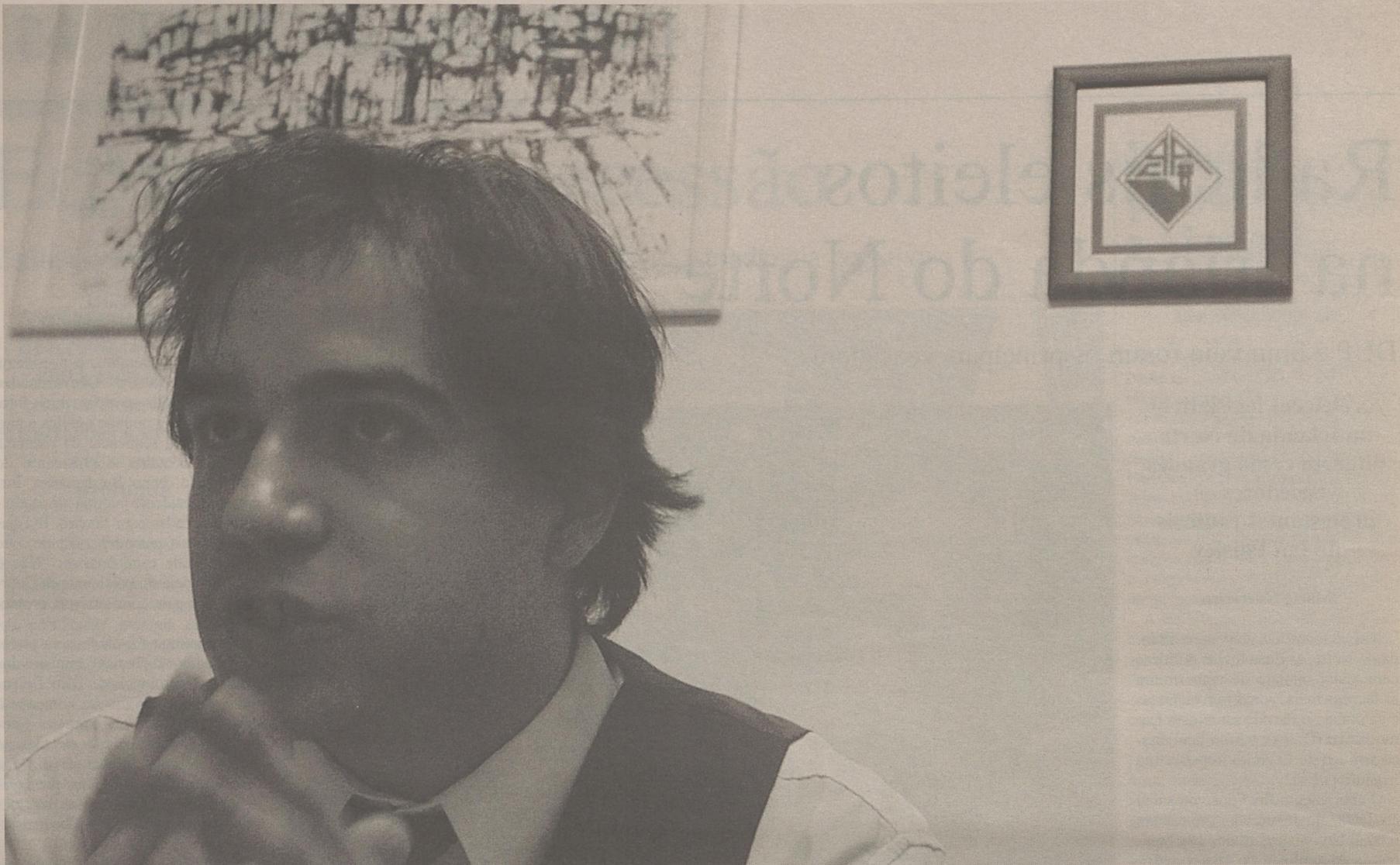
1 Partido Unionista Progressivo

1

1

Fotos: Associated Press

© GRAPHIC NEWS



Victor Hugo Salgado critica o uso que está a ser feito do símbolo da AAC

Símbolo da discórdia

Direitos de utilização da imagem afastam AAC/OAF da “casa-mãe”

Depois de vários anos de utilização desregulada do seu símbolo, a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) lançou este ano uma campanha que pretende regularizar a utilização que é feita da “imagem de marca” da AAC

João Cortesão
Tiago Pimentel

A tentativa de devolver à Associação Académica de Coimbra aquilo que é seu por direito levou a DG/AAC, juntamente com a Inspeção Geral das Actividades Económicas, a tomar diversas medidas para regularizar a utilização do símbolo da AAC. No passado mês de Junho, passou a ser do conhecimento público o acordo entre o Organismo Autónomo de Futebol (OAF) e a empresa espanhola TBZ, contratada para explorar a imagem e o marketing do OAF. A assinatura deste contrato conduziu a um afastamento entre o organismo autónomo e a “casa-mãe”, que defende a existência de um “uso indevido do símbolo”.

Em relação a todo este processo, o presidente da DG/AAC, Victor Hugo Salgado, defende que “sempre existiu uma total abertura” para o tratamento desta questão. “Solicitámos e reunimos várias vezes e chamámos a atenção para as questões protocolares, para evitar qualquer tipo de posição que pudesse afastar a ‘casa-mãe’ do OAF”, sustenta. Depois da análise dos protocolos estabelecidos entre as duas partes, Victor Hugo Salgado afirma que apenas a direcção-geral pode aprovar a utilização do símbolo para questões e fins económicos, situação que não se verificou neste processo.

Por outro lado, o vice-presidente responsável pelo marketing do OAF, Paulo Canha, defende que esta utilização do símbolo é legal “desde que tenha a designação ‘OAF’ por baixo do emblema”. Segundo esta interpretação do protocolo de 1984 - que esteve na origem da formação do OAF e consequente extinção do Clube Académico de Coimbra (criado para responder à profissionalização do futebol, que obrigou a Secção de Futebol a abandonar a AAC e a mudar o nome) - a comercialização do emblema registado pelo OAF é legal e não pode ser alvo de qualquer crítica. Para Paulo Canha, o acordo estabelecido com a TBZ acaba por ser também bastante vantajoso para a AAC, uma vez que “só temos

uma associação académica e uma universidade fortes se tivermos um clube forte”. Como resposta a esta posição, Victor Hugo Salgado usa o artº 14 do protocolo de 1997, que defende que “todos os contratos realizados e a realizar com entidades, instituições e empresas em que venha a ser utiliza-

do o emblema ou a designação de ‘Associação Académica de Coimbra’ devem ser concretizados pela Direcção-Geral da AAC, ou no mínimo sancionados por esta”. Apesar das críticas à actuação do OAF neste processo, o presidente da DG/AAC reconhece que existem algumas lacunas no protoco-

lo, que podem obrigar a uma análise jurídica conclusiva em relação aos argumentos apresentados.

Diálogo difícil

Outra das críticas apontadas por Victor Hugo Salgado prende-se com uma alegada falta de diálogo por parte do OAF, que se materia-

“Nunca estive no espírito do protocolo que não haveria bom entendimento”

A 27 de Junho de 1984 foi assinado o primeiro protocolo entre a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra e um clube de futebol que se viria a chamar Organismo Autónomo de Futebol. Nesse acordo inicial eram definidos, de um modo geral, os direitos e deveres desse novo organismo da AAC e regulamentada a sua ligação à “casa-mãe”. Alguns anos mais tarde, é assinado novo protocolo entre o presidente da DG/AAC em 1997, António Silva, e o seu homólogo no organismo autónomo, José Emílio Campos Coroa.

Quando questionado acerca do acordo assinado, António Silva defende que se pretendia estabelecer relações cada vez mais próximas entre a AAC e o OAF e definir um conjunto de regras que pudesse ser utilizado para regular a utilização do símbolo da AAC. “Quer se tratasse do símbolo tal como o conhecemos ou de algum tipo de adaptação”, sublinha. Com a assinatura deste

protocolo, pretendia-se garantir que todas as utilizações do símbolo fossem sempre autorizadas pela DG/AAC, “que é quem controla essa imagem e a cedência dessa mesma imagem”.

No âmbito deste protocolo, que “previa o bom-senso e o entendimento entre as duas partes”, a AAC cede o emblema e a nomenclatura Associação Académica de Coimbra/Organismo Autónomo de Futebol para utilização para fins desportivos. Em relação à utilização comercial de que o símbolo está a ser alvo, António Silva defende que apenas uma posição jurídica poderá clarificar as responsabilidades de uma e de outra parte neste processo, uma vez que “existe a hipótese de estar a ser feito o aproveitamento de uma situação que não ficou devidamente esclarecida no documento”. Apesar disso, o antigo presidente considera que a questão jurídica apenas deverá ser chamada a esta discussão “se não se chegar

a qualquer consenso ou se não existir boa fé de ambas partes”.

No que diz respeito à exploração financeira do símbolo, a opinião de António Silva é peremptória: “Se existe, a direcção-geral tem que ter os seus interesses financeiros salvaguardados nessa matéria. Se tem o seu emblema e a sua história desgastados com a comercialização desse símbolo, deve usufruir disso”. Apesar de o futebol representar uma mais-valia na divulgação da imagem da AAC, a hipótese de se entrar numa exploração conjunta nunca foi posta em prática, apesar de ter sido pensada por diversos dirigentes da “casa-mãe”.

Uma das questões levantadas por este processo prende-se com a possibilidade de o símbolo ser utilizado comercialmente se incluir a designação “OAF”. Esta condição é desmentida por António Silva. A utilização dessa designação representa o “desvirtuar de um símbolo que é uno”, afirma.

liza na dificuldade de acesso ao protocolo estabelecido com a empresa TBZ. Paulo Canha refuta estas acusações, afirmando que o Organismo Autónomo de Futebol sempre esteve aberto ao diálogo com a "casa-mãe". Acrescenta ainda que se existe falta de diálogo, é por parte da DG/AAC, uma vez que "existe na direcção do OAF assento para um representante da direcção-geral que nunca compareceu nas reuniões". Se ele tivesse estado presente, as coisas teriam sido esclarecidas, segundo palavras do vice-presidente do OAF. Para Paulo Canha, se existe falta de diálogo, ela deve-se a esta posição da DG/AAC, que continua sem indigitar o seu elemento na direcção do OAF como forma de protesto contra a dívida de vários milhares de euros, que diz respeito ao pagamento de verbas relativas ao Bingo.

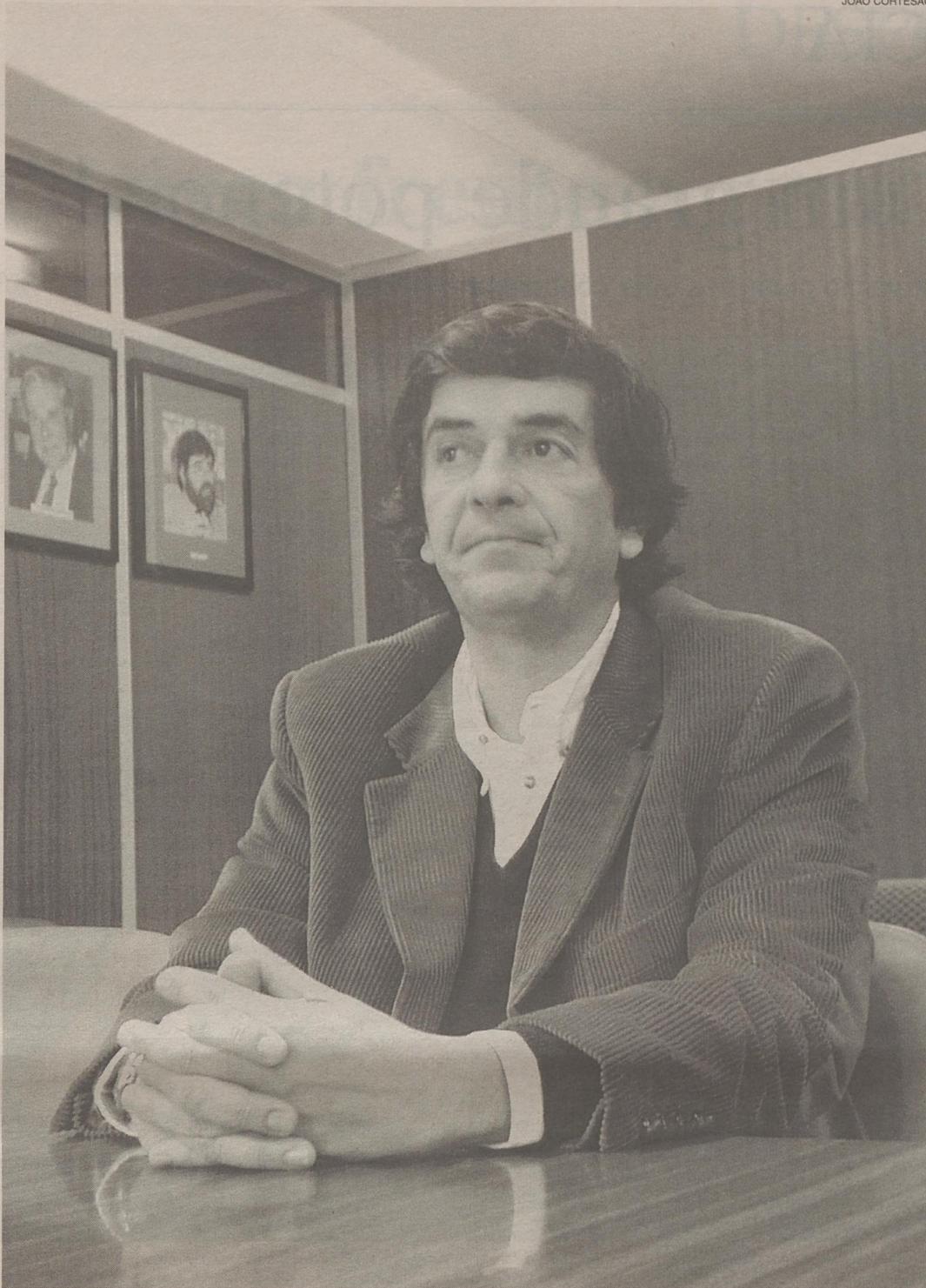
Apesar de referir a possibilidade de fazer o merchandising dos produtos ligados ao futebol em conjunto com a "casa-mãe", o responsável pelo marketing do OAF defende que "primeiro é necessário estabilizar as relações entre as duas partes". Paulo Canha destaca ainda o facto de, actualmente, ser "a Académica/OAF a puxar o símbolo. Com a evolução dos tempos, é cada vez mais o futebol a puxar a academia e a universidade do que o contrário".

Conselho Desportivo expectante

O Conselho Desportivo (CD) é outra das partes envolvidas neste processo. Este órgão pretende fazer valer os interesses de todas as secções desportivas da Associação Académica de Coimbra, num caso de eventual uso indevido do símbolo.

Em representação do CD, Cassiano Afonso, também membro da direcção da Secção de Basquetebol da AAC, expressa o seu desejo de "que as coisas sejam tratadas por pessoas de bem, tanto de um lado como do outro" no sentido de se evitarem "situações embaraçosas" e tendo sempre em vista aquilo "que está estipulado".

Quanto a um posicionamento do Conselho Desportivo relativamente a este imbróglio, o dirigente defende o mesmo ponto de vista do seu presidente, Victor Hugo Salgado, presidente da DG/AAC



Paulo Canha reafirma a legalidade do protocolo com a TBZ

e, por inerência, do CD. Cassiano Afonso reitera que está para "muito breve" uma reunião entre o Conselho Desportivo e o OAF, no sentido de as partes se esclarecerem mutuamente. Apesar de defender o diálogo, o dirigente é pe-remptório no que respeita à posse

do símbolo, que "pertence à DG/AAC, disso não há dúvida".

DG/AAC vs TBZ

A assinatura de um protocolo entre o OAF e a TBZ não foi aceite de modo pacífico pela DG/AAC. Segundo Victor Hugo Salgado, o referido protocolo "está a originar uma utilização indevida do símbolo da AAC". A "casa-mãe" contesta ainda o facto de não ter tido acesso ao documento.

No entanto, Paulo Canha, vice-presidente do OAF para a imagem e marketing, considera que "este protocolo não tem nada de especial, é apenas um protocolo de serviços", uma vez que "não há marca nenhuma que é dada à TBZ", acrescentando que "teria muito gosto em mostrar o contrato ao Victor Hugo Salgado".

A DG/AAC reitera que sempre houve abertura para o diálogo, embora se tenha sentido, ao saber do acordo entre OAF e TBZ, obrigada a tomar posição face à "forte pressão por parte das secções desportivas". Os dirigentes afirmam que a sua intenção se restringe a "acautelar a má utilização do símbolo", uma vez que têm na sua posse "um registo de propriedade". É com base neste registo e no protocolo assinado em 1997 entre o OAF e a DG/AAC que

Victor Hugo Salgado afirma que a utilização do símbolo é permitida em três situações: quando tiver a inscrição "OAF" por baixo e esteja restringida a fins desportivos; em todas as utilizações com fins não comerciais; e, finalmente, na utilização para fins comerciais mediante autorização da DG/AAC.

O representante do OAF garante, no entanto, que "não há nada encoberto", e afirma que não há transferência de direitos relativamente ao símbolo, servindo a TBZ apenas de intermediário na "melhoria e implementação do merchandising do AAC/OAF no mercado". No que respeita a este novo merchandising, criado agora com a TBZ, o dirigente assegura que tudo possui a inscrição "OAF", facto que legitima a sua venda.

O elemento da Direcção do OAF diz que "tem que haver um equilíbrio" no modo como se lida com esta situação, uma vez que o sucesso desportivo da Académica é benéfico para a academia coimbrã e para a própria cidade onde se insere. Este responsável garante ainda que se estão a regularizar os incumprimentos existentes e que os compromissos serão honrados assim que existir capacidade financeira.

Protocolos ponto a ponto

Tanto os argumentos da DG/AAC como os do Organismo Autónomo de Futebol assentam nos acordos assinados entre a "casa-mãe" e o seu organismo autónomo.

O primeiro desses protocolos data de 1984 e oficializou a integração do Clube Académico de Coimbra na Academia, tendo este adoptado a partir dessa altura a designação de Organismo Autónomo de Futebol. No seu quarto ponto, este protocolo define quais são os símbolos utilizados pelo OAF, apesar de não referir a possível utilização comercial da imagem da Associação Académica de Coimbra.

A leitura que as duas partes em discórdia fazem deste ponto é diametralmente oposta. Para o organismo autónomo, esta alínea legitima a utilização do símbolo, desde que com 'OAF' por baixo, mesmo que essa utilização se destine a fins comerciais. Opinião contrária tem o presidente da Direcção-Geral da AAC, que defende o facto de esta "concessão" da utilização do símbolo se destinar apenas ao plano desportivo.

Por sua vez, a posição de Victor Hugo Salgado baseia-se fundamentalmente em dois pontos de um protocolo assinado em 1997, entre o então presidente da DG/AAC, António Silva, e o presidente da Direcção do AAC/OAF da altura, Campos Coroa. Neste protocolo é abordada a questão da utilização comercial do símbolo em dois artigos que atribuem todos os direitos de exploração comercial à direcção-geral da AAC. Apesar deste facto, o certo é que não é feita, neste acordo, qualquer referência à utilização do símbolo juntamente com a designação OAF.

- 1984 -

Artº 4, 1º

"São seus [do AAC/OAF] símbolos o emblema da Associação Académica de Coimbra com as letras O.A.F. e o equipamento preto, excepto quando, por imposições regulamentares, houver necessidade de mudança, caso em que passará a ser todo branco".

- 1997 -

Artº 7

"A designação de 'ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA', bem como o emblema desta, são pertença única e exclusivamente da DIRECÇÃO-GERAL DA AAC"

Artº 14

"Todos os contratos realizados e a realizar com entidades, instituições e empresas em que venha a ser utilizado o emblema ou a designação de 'ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA' devem ser concretizados pela DIRECÇÃO-GERAL DA AAC, ou no mínimo sancionados por esta"

"Intrigas e situações desse tipo não são com a TBZ"

A edição de Dezembro do boletim "TBZ NEWS" reserva um espaço para o contrato estabelecido entre a empresa espanhola e o Organismo Autónomo de Futebol, no qual se pode ler que "depois do Benfica, a Briosca é mais uma grande aposta no sector do futebol". Assim, o acordo "vai ter expressão em quatro áreas distintas: o licenciamento, que é a cedência de direitos a terceiros para a produção e comercialização da marca Académica; a distribuição, que consiste na colocação dos produtos na rede nacional; a reformulação de imagem, cujo objectivo principal passa não só pela mudança de todo o merchandising bem como pela renovação da loja na sede; e por fim, a realização de uma campanha de angariação de sócios".

Para Paulo Cintra, account manager da TBZ, as questões recentemente levantadas em torno da utilização do símbolo "não têm nada a ver com a TBZ". A empresa "está a controlar a venda de todo o merchandising e a gestão da loja" situada no Pavilhão Jorge Anjinho, que considera estar ao nível das lojas dos melhores clubes europeus. Este elemento da TBZ acrescenta que "não houve apreensão de material, mas sim uma visita da IGAE à loja na altura do jogo [contra o Benfica]".

Este responsável acrescenta ainda que foi realizada, há cerca de um mês, "uma reunião com Victor Hugo Salgado", a pedido da DG/AAC, para apresentação de "uma proposta de exploração do símbolo", que foi entregue sem que tenha, até agora, merecido resposta.

"O símbolo da Académica sem 'OAF' por baixo pertence aos estudantes", conclui este elemento da TBZ.

18 CIÊNCIA

“Temos um grande potencial”

Vice-reitor para a investigação científica quer concentrar bibliotecas

Cerca de duas semanas depois da tomada de posse, João Carlos Marques lamenta a falta de apoios nesta área e fala dos seus projectos para o mandato

Helena Fagundes
Lurdes Lagarto

O presidente do Instituto do Mar e docente de Biologia Marinha, agora vice-reitor para a investigação científica, fala da falta de organização na investigação científica existente na Universidade de Coimbra (UC), que impede o desenvolvimento do potencial existente nesta área.

Quais os projectos que tem para o seu mandato?

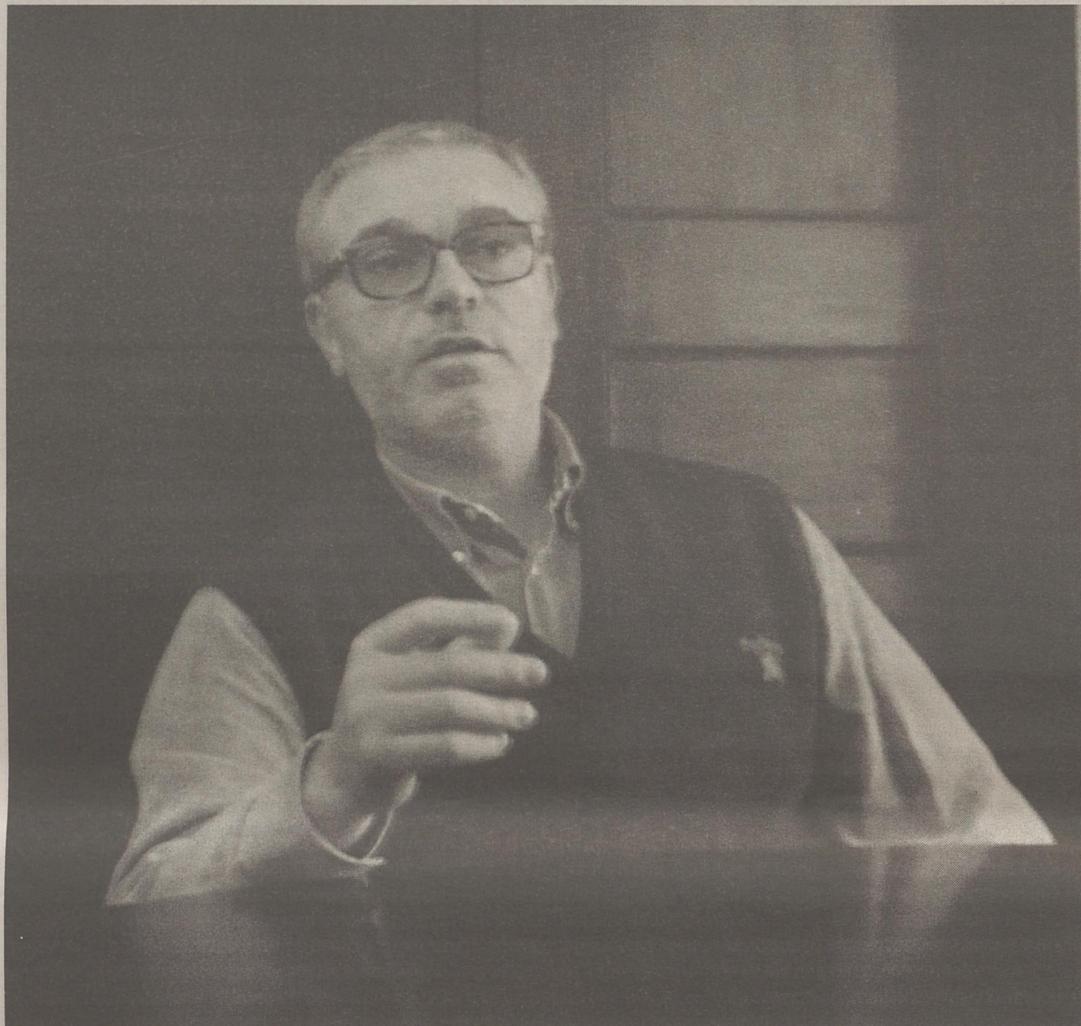
Acho que há duas questões fundamentais em que me envolvo mesmo na minha área de conhecimento e uma em que procurarei trabalhar. Por um lado temos as questões ligadas à organização da investigação científica. Nós não temos tido a capacidade de organizar bem o grande potencial que temos nesta área, o que nos leva a perder oportunidades e leva os investigadores a desgastarem-se a procurar saber como apresentar um projecto de investigação. Estas questões fundamentais têm que ser abordadas numa perspectiva integrada na universidade. Claro que existem outras soluções. As faculdades podem recorrer também às instituições privadas sem fins lucrativos a que a universidade é associada e que têm o seu papel importante. Mas é necessário criar uma plataforma administrativa que permita aos investigadores recorrer com facilidade a esses serviços. A

segunda componente a que eu tenho dedicado atenção é o Instituto de Investigação Interdisciplinar (III). O instituto é uma unidade orgânica, o que significa que tem no senado o peso de uma faculdade. Para todos os

efeitos temos uma espécie de faculdade para a investigação. Há outra componente que eu quero focar que é a das bibliotecas. Temos neste momento 62 bibliotecas distribuídas por departamentos e faculdades, todas têm funcionários, despesas separadas... Há todo um problema geral que impede que nós tenhamos bibliotecas abertas durante períodos muito longos. Eu entendo que uma biblioteca deva estar aberta pelo menos das oito da manhã às duas da manhã do dia seguinte. Isto implica concentrar recursos. Para ter boas bibliotecas abertas não é preciso ter muitas bibliotecas.

Isto é um projecto a longo ou a curto prazo?

Não pode ser um projecto a muito



João Carlos Marques salienta a importância do Instituto de Investigação Interdisciplinar para a investigação na UC

longo prazo. Temos que começar rapidamente, mas não é um projecto executável de um momento para o outro. Claro que há a questão das infraestruturas e isso vai resolver-se, há questões informáticas para res-

olver, há a questão de organização do pessoal e, obviamente, isto implica outras valências.

Não teme que os institutos não queiram perder as suas pequenas bibliotecas?

Temos que ser optimistas. Esta é uma ideia que é objectivamente boa. Se formos suficientemente persistentes e eficientes, vai vencer.

O III tem financiamento próprio?

Sim. Mas é evidente que é um financiamento que neste momento não é o mesmo que o de uma faculdade. É claro que tem um enorme potencial a desenvolver, mas também terá dificuldades. É possível fazer coisas boas, mas é muito mais difícil sem ter a isto associada a tal plataforma administrativa que tem como objectivo único e exclusivo a investigação científica, os contratos programa, as prestações de serviços...

A Fundação para a Ciência e a

Tecnologia (FCT) classificou 44 unidades de investigação da UC com nota acima da média nacional. O III integra cerca de 38 todas avaliadas. Considera importante integrar também as outras?

Começámos por agregar as unidades avaliadas pela FCT, mas é óbvio que estamos abertos à entrada de outras unidades. No entanto, há uma condição que deve prevalecer: as unidades devem avançar para a avaliação externa. Nós temos excelentes grupos de investigação reconhecidos que não estavam a ser avaliados. Isto tem que ser ultrapassado, porque a avaliação é extremamente útil até para a visibilidade. A unidade passa a ser comparada com outras unidades e tem motivos para tentar atingir o seu melhor.

Queixas de falta de apoio

Um das maiores queixas por parte dos investigadores é a da falta de apoios intra-universidade e de muitas vezes terem de procurar apoio externo...

Parte desse problema deverá ser resolvido com a criação da plataforma administrativa, que deverá organizar as coisas e concentrar os recursos onde eles são mais necessários. Não digo que vamos ter uma superestrutura a funcionar de um momento para o outro. O que interessa é que as bases que se criem fiquem para as outras

equipas e continuem a funcionar.

A solução passa portanto pela organização?

É uma questão de organização. Claro que há restrições a nível orçamental. Nós estamos a atravessar um período difícil. Mas, neste momento não há pressão urgente e brutal, porque não há prazos para a entrega de projectos, o que nos dá tempo para organizar as coisas.

Investigação como prioridade

Numa altura em que o reitor da Universidade de Coimbra (UC) afirma que é necessário colocar a investigação científica no centro das actividades da universidade, João Carlos Marques defende que isso pode passar por um apoio directo da reitoria.

Segundo o novo vice-reitor para a investigação científica, nenhuma universidade com as características da UC “pode passar sem a produção de conhecimento”. Assim, João Carlos Marques considera que isso passa por uma política real por parte da reitoria para esta área. Apesar de ter havido um pró-reitor para a investigação científica a dada altura, “esta nunca foi transformada num objectivo a desenvolver pela reitoria”, conclui o vice-reitor.

Cinética Química: dos apontamentos à obra

Laura Cazaban
Suzana Marto

É apresentado hoje, na sala do Senado da Universidade, o livro “Cinética Química - Estrutura Molecular e Reactividade Química” de Sebastião Formosinho e Luís Arnaut Moreira, professores da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra.

A obra trata de uma teoria particular sobre a mudança da matéria no decorrer do tempo. Esta, pode intervir sob a actuação de vários outros factores, como o calor ou a luz. Luís Arnaut Moreira explica que “o assunto central da cinética química é a influência do tempo na transformação da matéria”.

O livro é fruto da colaboração entre os dois professores do departamento de Química que sentiram a necessidade de compilar os seus textos, preparações de aulas e pesquisas no âmbito de ajudar os estudantes em licenciaturas na área da Química. Além disso, foi elaborado para o entendimento do modelo teórico que explica quais são os factores que entram em jogo na velocidade de transformação da matéria nas reacções químicas, em sistemas aparentemente diferentes. A teoria, em grande parte iniciada por Sebastião Formosinho, permite explicar de uma forma bastante acessível uma grande variedade de observações.

Já foram editados e apresentados publicamente alguns exemplares do livro no passado dia 25 de Outubro, no âmbito da celebração dos setenta anos de Sebastião Formosinho. No entanto a obra só se encontra disponível ao público a partir de hoje. Para uma melhor divulgação da obra, Luís Arnaut Moreira espera que o livro venha a ser publicado em inglês.

Bolsas para investigação feminina

A Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), em conjunto com a empresa de cosméticos L’Oreal Portugal, vai atribuir duas bolsas de estudo de dez mil euros cada para jovens investigadoras, em fase de pós-doutoramento, que pretendam seguir uma carreira científica.

O acordo que institui a criação deste prémio foi assinado na quinta-feira, unindo ainda a esta iniciativa a Comissão Nacional da Unesco. Estas bolsas têm como finalidade incentivar a participação feminina nos domínios da ciência.

De resto, este prémio existirá enquanto vigorar o Prémio Internacional L’Oreal - UNESCO for Women in Science, cabendo à FCT coordenar todo o processo de candidaturas.

Briosa tropeça frente a rival

Beira-Mar conseguiu impor-se à Académica, pela margem mínima

Académica volta a conhecer a derrota, desta vez contra a equipa do Beira-Mar. Com este resultado a equipa de Aveiro aproxima-se dos primeiros lugares

Dinarte Melim Velosa
Bruno Vicente

Em jogo a contar para a 12ª Jornada da Superliga, a Académica recebeu a equipa sensação da prova, o Beira-Mar. Vinda de três vitórias consecutivas, a última das quais para a Taça de Portugal diante do Infesta, a Briosa pretendia manter a senda dos últimos resultados. Para isso, Vítor Oliveira preparou um esquema tático assente em três centrais e com uma frente de ataque em que a principal novidade foi a entrada do jogador Fredy. Estranha foi a presença no banco de suplentes de Delmer, que vinha sendo um jogador-chave nos últimos jogos da Briosa, embora o cansaço possa servir de justificação. Destaque para ambas as claques, que demonstraram a sua rivalidade num aceso despiques de incentivo às equipas, aquando da entrada destas em campo.

A primeira parte do encontro foi equilibrada, apesar de um ligeiro ascendente dos estudantes, que acabou por não corresponder a muitas oportunidades flagrantes de golo. A produtividade ofensiva da Académica resumiu-se a três lances de perigo junto da baliza visitante, que Mariott resolveu com segurança. Também a defensiva dos estudantes se revelou algo insegura, com Pedro Roma e Tonel a desentenderem-se por duas vezes, causando alguns calafrios nas bancadas.



Frente ao rival de Aveiro, Briosa soma derrota por margem mínima

A segunda parte não trouxe nada de novo e Vítor Oliveira resolveu mexer na equipa, fazendo entrar Fiston e Paulo Adriano, para revitalizar as manobras atacantes da Académica. Porém, o técnico da Briosa viu as suas pretensões goradas pelo golo aveirense (aos 61 minutos) apontado de cabeça por Petrolina em recarga a um remate à trave de Kingsley. A partir daí, a Académica partiu em busca da igualdade, criando alguns lances de perigo que acabaram por não resultar em golo. De resto, a melhor ocasião do segundo tempo acabou por pertencer ao Beira-Mar, com uma vistosa jogada de entendimento ofensivo que Petrolina esbanjou, após um espectacular trabalho de Kingsley, um dos melhores em campo. A turma da casa acabou por não ter arte nem engenho para virar a contenda contra os seus "vizinhos", que conseguiram segurar a

vantagem mínima. Face ao futebol apresentado por ambos os conjuntos, este acaba por ser um resultado injusto. Todavia, o Beira-Mar soube esperar pelo momento certo para

destruir a ambição dos estudantes, conseguindo aquilo que era mais importante: os três pontos em disputa, que o colocam no topo da classificação.

Nas cabines...

Vitor Oliveira



"Na primeira parte o jogo foi de bom nível, tendo baixado de qualidade na segunda"

"Sabíamos que íamos ter dificuldades, mas os jogadores deram o seu máximo"

"A equipa adversária foi mais forte, ou mais feliz, mas vamos tentar dar o nosso melhor nos próximos jogos"

António Sousa



"Sem ter sido um grande espectáculo o jogo foi emotivo ao longo dos 90 minutos."

"A Académica é uma equipa organizada, o que nos dificultou a vitória."

"O objectivo é garantir a manutenção, mas vamos à procura de chegar mais à frente no campeonato"

Voleibol da AAC soma nova vitória

Apesar não ter estado brilhante, a Académica arrecadou mais um bom resultado na Divisão A1. Os estudantes somam já cinco vitórias seguidas

Nuno Felício

Foi uma Académica distante das últimas exibições aquela recebeu e venceu o Vilacondense por 3-1, em jogo a contar para a 12ª jornada da Divisão A1 de voleibol.

Denotando talvez algum excesso de confiança, os estudantes exibiram alguma desconcentração perante o pe-

núltimo classificado. Esta abordagem ao jogo reflectiu-se negativamente no desempenho de peças decisivas, como Valdir Sequeira ou Daivison Silva.

Num primeiro set bem disputado, o andamento do marcador manteve-se nivelado. Um "set-point" concluído por Valdir catapultou os academistas para a vitória neste primeiro parcial por 25-23.

Tendo entrado no segundo período disposta a não passar pelas dificuldades sentidas no set inicial, a Briosa depressa se adiantou no marcador até um expressivo parcial de 4-0. Aproveitando o momento de maior desacerdo academista, foi o Vilacondense que acabou por dar cartas ao longo de todo o segundo set. Fruto da inoperância ofensiva e da impotência do

bloco, a Académica viu a vantagem adversária avolumar-se até à diferença máxima de 21-12. O parcial do set cifrou-se por fim num 25-20 favorável aos vilacondenses.

O terceiro set registou o período de maior incerteza no resultado. Com o resultado de ambas as equipas caminhando lado a lado, foi num ponto disputadíssimo (à imagem de todo o set) que o bloco de João Malveiro e Adriano Lamb fechou o parcial em 30-28.

Foi ainda no serviço de Adriano Lamb que o bom voleibol da Académica ressurgiu à entrada do quarto set. Uma das fálhas mais visíveis ao longo da partida passava então a constituir uma das mais flagrantes armas academistas. Perante o serviço de

Adriano, a Académica impôs-se até um parcial de 6-0. Em apenas 19 minutos, os estudantes fecharam o encontro com um concludente 25-11.

O treinador da Académica, Rui Castro, referiu, em relação ao set da decisão, que "no bloco, a Académica se encontrou, e foi o serviço que fez a diferença." Acrescenta ainda que "este era um jogo difícil", uma vez que o Vilacondense "apresenta uma boa equipa, e tem jogadores experientes."

A Académica dá assim mais um passo rumo ao objectivo de "alcançar o mais depressa possível um lugar entre os oito primeiros e escapar aos lugares que obrigam a disputar a permanência". Rui Castro perspectiva ainda que "a partir dos play-off's logo se verá."

Orabolos!

António Gil Leitão Opinião

É da Académica!

"Há uma diferença entre ser 'formado' e ser 'informado', entre ter o 'canudo' e saber pensar"

Soube há pouco que os "Prémios Salgado Zenha" foram adiados para Janeiro. A tradicional gala de homenagem às 24 secções desportivas da Associação Académica de Coimbra, que fazem desta associação a mais ecléctica do país, ocorre normalmente por esta altura do ano. Ao escolher Salgado Zenha como seu patrono, creio que os organizadores pretenderam dizer aos atletas da AAC que, mais do que as vitórias, o que importa é a forma como se encara o desporto e a vida. Essa é uma lição da vida de Salgado Zenha mas também um "património histórico" da AAC.

A Académica é cultura e desporto. É cidadania. É ela, mais até do que a própria Universidade, quem ensina para a vida os estudantes que por cá passam. Porque há uma diferença entre ser "formado" e ser "informado", entre ter o "canudo" e saber pensar. E o ensino, por vezes demasiado escolástico, ensina "coisas" mas não prepara para a vida. A AAC tem preparado gerações para vidas diferentes - às vezes "vencidas", mas nunca sem luta.

E este património histórico manifesta-se em pequenas coisas, coisas que nos transportam para a "realidade coimbrã". O fado de Coimbra, as capas negras, as camisolas pretas dos jogadores e o símbolo do "Pimentel". Símbolo feito para a equipa de futebol, porque era obrigatório e o anterior "deu galo"!

E o símbolo é bonito, é diferente, é irreverente, é da Académica!

Agora discute-se quem tem o direito de comercializar o símbolo. Se direcção-geral, se OAF ou ambos. É bem certo que os tempos não estão para modas e o merchandising é uma realidade. Mas, com pau ou sem ele, o símbolo da Académica é mais do que algo vendável, "coisa do comércio jurídico".

Modernidade e memória devem ser conjugadas na Académica deste tempo. E isso implica que se evitem lutas fratricidas. Porque se o OAF não se pode esquecer das suas "origens", também deve a direcção-geral saber que afastar-se do OAF, procurar uma nova ruptura, só pode prejudicar a Académica. Porque o OAF deve ser o "ponta de lança" (pela sua visibilidade e força agregadora a nível nacional) de toda a AAC.

Basquetebol de Coimbra ofusca Guimarães

AAC foi a Guimarães defender a liderança da Proliga, naquela que foi a sua nona vitória em outros tantos jogos

**Carlos Portela
Bruno Vicente**

Sabia-se de antemão que a deslocação ao pavilhão da Universidade do Minho não seria fácil, não obstante o Basquet Clube de Guimarães (BCG) se encontrar a meio da tabela. No último jogo, o treinador da Académica, Norberto Alves, tinha já prometido um estudo cauteloso e aprofundado da equipa vimaranense, que acabou por contribuir para nova vitória.

Antes do jogo, o técnico alertou para o jogo exterior adversário, já que "eles são quase todos muito fortes a lançar da linha dos três pontos e apostam claramente numa defesa à zona, o tipo de defesa que nos causa alguma dificuldade". Referiu ainda a motivação adversária: "Após a vitória em Aveiro sobre o vice-campeão querem-nos ganhar, até porque não percebem porque estamos em primeiro lugar", afirmava o treinador.

Apesar de Hugo Loureiro se apresentar ao jogo engripado, o "cinco" inicial da Académica foi o habitual: Gregory Morgan, Bruno Costa, Rui Rochete, Jacinto Silva e Hugo Loureiro.



No difícil terreno do Guimarães, a Académica somou nova vitória

O jogo começou de forma muito rápida, com a bola a percorrer rapidamente todo o terreno de jogo. Entrou melhor o Basquet de Guimarães que apostou nos lançamentos exteriores, como era esperado. No sector mais recuado, a equipa da casa defendeu compacta e com determinação, o que causou enormes dificuldades à AAC no passe e na penetração à área. Assim, os estudantes viram, por uma vez, os 24 segundos disponíveis para lançar ao cesto esgotarem-se, sem que houvesse lançamento. Após os 10 minutos iniciais o marcador assinalava 26-17, a favor da equipa da casa.

No segundo período, a Académica tomou as rédeas ao jogo, pese embora a

pressão defensiva verificada de ambos os lados. Com um parcial de 11-0, os pupilos de Norberto Alves viraram o jogo de 36-28 para 36-39. Até ao final do período, que terminou com um magnífico triplo quase do meio campo de Helder Afonso, permaneceu o equilíbrio, justificando-se assim os 46-47 ao intervalo.

Na sequência da recuperação efectuada no período anterior, uma Académica coesa e motivada fez o Basquet Clube de Guimarães "desaparecer do jogo", segundo os próprios técnicos vimaranenses, António Lourenço e Casimiro Silva. Para além da eficácia, os estudantes souberam jogar com estilo. Assim, não surpreendia a vantagem de 67-51 que a

equipa visitante levou para o quarto período.

Com a superioridade da AAC, os técnicos do BCG, visivelmente irritados, descarregavam nos jogadores o descontentamento pela perda do controlo do jogo. Após o "sermão", os jogadores do Guimarães correram atrás do prejuízo, procurando a recuperação no marcador pelos lançamentos exteriores, que nem sempre se revelou a melhor solução. Coube à Académica gerir o resultado, através da circulação de bola pausada, mas sem abdicar da agressividade defensiva. No final, 85-94 a favor da Académica acabou por ser um resultado justo.

Boas exibições

Rui Rochete esteve imparável nas assistências e, a par de Helder Afonso, concretizou 100 por cento dos seus lançamentos livres. O melhor marcador da equipa (29 pontos) voltou a ser o americano Greg Morgan, que foi igualmente o jogador da académica que obteve mais ressaltos. Hugo Loureiro, mesmo engripado, soube impulsionar a equipa da defesa para o ataque, como também tem sido habitual, conseguindo ainda somar 23 pontos.

No final do desafio, Norberto Alves destacou o terceiro período: "Ofensivamente estivemos bem e defensivamente fomos excepcionais". Já Hugo Loureiro destacou que, "independentemente da boa exibição, o importante é que se ganhou mais um jogo." Do outro lado do

banco, os técnicos António Lourenço e Casimiro Silva, confessam estar perante "uma fase de algum descrédito" e admitem que "aquele triplo [do Helder], no final da primeira parte, mudou um pouco o espírito do grupo". E explicam o resultado: "A equipa entrou muito mal na segunda parte onde estivemos fora do jogo ao longo dos dez minutos do terceiro período. A Académica foi um justo vencedor porque cometeu menos erros."

Fora de Jogo

O ambiente vivido na equipa de basquetebol da Académica antes do desafio era tranquilo. Para a deslocação a Guimarães, a comitiva partiu de sua "casa", o pavilhão Jorge Anjinho, às 13 horas. A viagem decorreu naturalmente, entre conversas do quotidiano e a descontração providenciada pela música. Alguns folheavam os jornais diários. Às 15h30, jogadores e equipa técnica chegaram a Guimarães, altura em que fizeram o reconhecimento ao local do jogo, o pavilhão da Universidade do Minho. Enquanto os jogadores aqueciam, diversos apoiantes habituais dos estudantes dirigiram-se às bancadas. Depois, o jogo e a vitória. No regresso, a satisfação pelo dever cumprido convidava a uma comemoração entre amigos, que foi combinada durante a viagem.

Secção de Futebol perde em tarde de mau futebol

No domingo, realizou-se mais um jogo da Secção de Futebol da AAC a contar para o campeonato distrital, divisão de honra. Num terreno em muito más condições, ganhou quem conseguiu defender

**Bruno Costa
Bruno Gonçalves**

A partida iniciou-se com um forte domínio da Secção de Futebol da Associação Académica de Coimbra (SF/AAC), que chegou mesmo a introduzir a bola na baliza, em jogada anulada pelo fiscal de linha. O péssimo estado do relvado foi um factor determinante para justificar o fraco futebol praticado, tendo prejudicado a maior parte das jogadas efectuadas.

Na primeira parte assistiu-se a constantes contra-ataques protagonizados por ambas as equipas, das quais iam surgindo algumas jogadas de perigo. Foi numa destas jogadas de contra-ataque que, ao minuto sete, surgiu o golo da Académica/SF que viria a ser anulado por fora-de-jogo.

Assistiu-se a um mau jogo de futebol em que os jogadores recorriam sucessivamente à falta que acabou por se traduzir em duas expulsões, ambas do Académico do Paço. Remando contra a maré, o Académico do Paço, através de um livre descaído na direita do ataque, cria perigo mas Avelans, após uma defesa incompleta, acaba por segurar a bola.

Ao domínio dos estudantes, o Paço respondia com sucessivos erros que resultaram em alguns sustos para Carlos, o guardião do clube do Paço do Botão. Estes erros acabaram por

não ser só da equipa do Paço, mas também da equipa de arbitragem que esteve mal no minuto 37 ao assinalar um fora-de-jogo a Filipe.

Com o primeiro tempo a esgotar-se e após a defesa da tarde, cem que Avelans cedeu canto, a Académica/SF sofre o único golo da partida, apontado por Ruca, um médio adaptado a avançado. Este final de partida foi mesmo dominado pelo clube do Paço do Botão que podia ter chegado ao segundo golo.

No início da segunda parte, a SF/AAC faz entrar Pissarra para o lugar de Vasco, troca de um defesa por mais um avançado, que se viria a revelar muito irrequieto até ao fim da partida. Ao minuto 57, depois do derrube de Vítor Hugo, que seguia isolado para a baliza, Madeira, central do Académico do Paço, vê o vermelho.

A Secção de Futebol, a jogar com mais um, opta por reforçar o meio campo com Laertes, tendo em vista o ataque continuado, enquanto que o Académico do Paço é obrigado a trocar um médio por um defesa, concentrando-se na manutenção do resultado, embora por vezes tenha surpreendido no contra-ataque.

Ao minuto 89, o recém-entrado Pispá vê o cartão amarelo, e, dois minutos depois, vê o segundo e abandona o encontro mais cedo, na sequência de um lance onde a Académica/SF reclama grande penalidade cometida pelo guardião da equipa visitante.

No final do jogo, os comentários das equipas não foram muito diferentes. O treinador do Académico classifica o jogo como "muito sofrido", em grande parte devido ao mau estado do relvado. Por sua vez, Avelans, guarda-redes da Secção de Futebol, revela que, embora tenha sido um jogo difícil, foi controlado pela equipa da casa. Referiu ainda o facto da Académica/SF ter permitido apenas um remate à baliza no primeiro tempo, que acabou por resultar em golo.

PUBLICIDADE

UM PORTAL PARA QUEM É DOUTOR,
QUER SER DOUTOR, CONHECE UM DOUTOR,
OU AINDA TEM UMA VAGA ESPERANÇA
DE PASSAR A ÁLGEBRA LINEAR III.

www.cup.cgd.pt
O portal dos universitários

Caixa Geral de Depósitos
Um Banco de verdade.

Chegou o portal de todos os universitários. Em www.cup.cgd.pt encontra facilmente o que precisa para dar outra vida à sua vida académica: agenda pessoal, chats, programas de curriculum, informação sobre cursos, comunidades académicas, bolsas de estudo e programas de intercâmbio, notícias e classificados, enfim, uma enorme quantidade de informação. O www.cup.cgd.pt tem até uma secção de informações financeiras, e um serviço de internet banking da Caixa Geral de Depósitos. É tão fácil de consultar, que nem precisa de ter a licenciatura.

Paragem: “Estação da Cena Lusófona”

Durante dez dias, várias companhias trocam formas de cultura na língua de Camões

Teatro, música, cinema, debates e confraternização são os principais objectivos de mais uma edição da “Estação da Cena Lusófona” que começa na sexta-feira

Cláudia Martins
Arlete Morais

Os autores do projecto consideram-no, indiscutivelmente, um dos momentos mais valiosos do programa da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 (CCNC): chama-se “Estação da Cena Lusófona” e vai decorrer da próxima sexta-feira até 15 de Dezembro.

A Associação Portuguesa para o Intercâmbio Teatral Cena Lusófona apresenta, assim, pela segunda vez em Coimbra, uma série de encontros teatrais e musicais. O evento tem como parceiros imediatos alguns dos principais difusores da cultura teatral e musical na cidade: a Escola da Noite, o Teatrão - Teatro para a Infância de Coimbra e o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV).

As Estações da Cena Lusófona, assim se designam estes encontros anuais, são realizados desde 1995 em diversos países de expressão de língua oficial portuguesa: Moçambique (Maputo, 1995), Brasil (Rio de Janeiro, Recife e São Paulo, 1996), Cabo Verde (Mindelo, 1997), Portugal (Coimbra, Braga e Évora, 1999) e São Tomé e Príncipe (2002) foram os diferentes lugares que já serviram de cenário à “Estação”.

Os seus orientadores fazem questão de frisar que ao longo destas cin-



Teatro do Brasil, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Cabo-Verde e Angola presente na VI “Estação da Cena Lusófona”

co estações foi possível ir traçando o perfil dos encontros, chegando-se à conclusão que “nada se resume a uma montra massificada de espectáculos e grupos”. É, antes, “um momento para apresentar resultados das acções que se vão desenvolvendo ao longo do ano, aprofundar experiências, debater metodologias e encontrar novos caminhos”.

Abílio Hernandez, presidente da CCNC 2003, considera que era “imprescindível a realização de uma iniciativa do género na cidade, num ano tão importante como este. Trata-se de uma iniciativa que primará pela capacidade de comprovar o quão aberta é

a cultura conimbricense”, salienta.

Segundo Abílio Hernandez este é, sobretudo, “um projecto pluralista, não só no sentido em que nele irão coexistir culturas diversas, mas também pelo facto de dar oportunidades a uma saudável miscelânea de linguagens do espaço lusófono”. O responsável máximo da capital da cultura refere ainda que com este trabalho se procura “tirar partido dos vários espaços que Coimbra tem para oferecer”, na medida em que os espectáculos vão decorrer em três dos principais palcos da cidade: a Oficina Municipal de Teatro, o Museu dos Transportes e o TAGV.

A programação

Este ano, são esperados cerca de duzentos convidados, sendo que a “Estação” está organizada em três momentos diferentes: um diz respeito ao realizador guineense Flora Gomes, que vai estar em Coimbra para mostrar os seus trabalhos e, de seguida, debatê-los com o público. A principal temática abordada deverá ser a evolução cultural e social da Guiné-Bissau desde a independência do país; outro é a Tertúlia dos Dramaturgos, na qual serão feitas sessões de dramaturgia, cuja conclusão se apresenta em forma de discussão aberta aos espectadores; o último momento chama-se Espaço

Brincante e passa pela comunicação teatral e pela troca de saberes entre cordelistas, contadores de histórias e participantes.

Quanto aos espectáculos, estes comportam duas vertentes distintas que, no entanto, se completam: a programação teatral e a musical.

A primeira diz respeito à formação de actores da Comunidade de Países de Língua Portuguesa. Aqui, vão estar representadas nações como o Brasil (com os grupos Faces e Carretos, o Bando de Teatro Olodum e o Mais!-Produções Artísticas), Moçambique (Hala Ni Hala), Portugal (Companhia de Teatro de Braga e Quinta Parede), São Tomé e Príncipe (com o Cena Só), Guiné-Bissau (Os Fidalgos), Angola (Elinga Teatro) e Cabo-Verde (com o Burbur).

No que se refere à programação musical, podemos contar com uma forte presença brasileira, com nomes como António Nóbrega, Cida Moreira, Virgínia Rodrigues e Ná Ozzetti, e ainda com as sonoridades de Cabo-Verde, trazidas por Mário Lúcio, do grupo Tradi-Sons.

Para António Augusto Barros, da Escola da Noite, a “Estação”, que fecha o segundo ciclo de exibições da instituição durante este ano, tem um “clima de encontro”. Na mesma perspectiva, Abílio Hernandez classifica esta intervenção cultural, nos momentos finais da Coimbra 2003, como “o fim de uma narrativa que, como todos os desfechos, é um momento enfático”.

Durante este período preparatório, a Cena Lusófona, em colaboração com a Escola da Noite, organizou também um Estágio Internacional de Actores, que culminou na apresentação do espectáculo “Horácio”, que pode ser visto até quinta-feira na Oficina Municipal do Teatro pelas 21h30.

Hitchcock revisitado em dança teatral

O Museu dos Transportes acolhe o último trabalho de Francisco Camacho, intitulado “Hitch”. Coimbra em “suspensão” no final desta semana

Carina Fonseca
Marta Poiars

Sexta e sábado Coimbra tem a oportunidade de mergulhar no universo fantástico de Alfred Joseph Hitchcock, pelas mãos do coreógrafo e intérprete Francisco Camacho.

Uma paixão pela obra do mestre do suspense que surgiu por mero acaso, na transição da infância para a adolescência de Francisco Camacho. “Hitch” é prova inegável desse fascínio, pela abordagem de algumas das principais linhas temáticas hitchcockianas. Assim, questões como o medo que o in-

divíduo sente perante a natureza, a sociedade e a vida não vão ser esquecidas.

De forma mais concreta, Francisco Camacho centra-se, essencialmente, na tipologia das personagens e revela especial interesse pela análise psicanalítica dos mecanismos de construção de personalidade, nomeadamente, a relação com o pai, com a mãe e o feminino no homem.

O espectáculo, que se insere na programação da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003, recorre a alguns dos filmes do conceituado realizador inglês, nomeadamente, “O Terceiro Tiro” (1956), “Vertigo” (1958), “Os Pássaros” (1963) ou “Marnie” (1964).

Quando questionado acerca da dificuldade em transpor para a linguagem coreográfica a complexidade tipicamente hitchcockiana, Francisco Camacho afirma: “Pretendo, acima de tudo, criar o meu próprio universo, ou desenvolver o universo que já tenho, interpretando-o com o de Alfred Hitchcock”. Apesar de algo camufladas, as técnicas geradoras de suspense não poderiam deixar de estar

presentes, “mas não têm, obviamente, a presença, a força e o formato que têm num filme”, explica.

O facto de Francisco Camacho ter frequentado o Lee Strasberg Theatre Institute, em Nova Iorque, também ofereceu um contributo especial para o seu trabalho enquanto coreógrafo. Com efeito, quando sentiu que a dança, só por si, não lhe permitia dizer tudo aquilo que pretendia expressar, interessou-se pela área da dança europeia, que integrava aspectos de teatralidade. Para o autor, essas duas áreas “caminham de mãos dadas”.

Assim, surgiu a simpatia pelo cruzamento de linguagens, muito presente em “Hitch”, que inclui cenas em que o bailado é dominante, mas também outras que se constituem, fundamentalmente, por pequenas acções de manipulação de objectos. De registar ainda o recurso à projecção de vídeos (da responsabilidade de Helena S. Inverno), num espectáculo de cerca de uma hora.

O espectáculo foi pré-apresentado, informalmente, na vigésima quinta edição do Festival Citemor, em Montemor-o-Velho, tendo tido uma boa aceitação por parte do público. No entanto, até à versão final, houve várias modificações, tendo-se mantido uma única cena - a de um corpo morto. “Os temas continuam presentes, só que foram trabalhados de uma forma diferente; foram aprofundados, porque naquela altura, o processo estava no início”, esclarece Francisco Camacho.

Apesar de ser o único intérprete do espectáculo e de ser também o coreógrafo, Francisco Camacho não esquece a equipa que o acompanha e as vantagens da sua dimensão: “É uma equipa pequena, o que faz com que seja mais coesa, mais familiar, mais íntima”. De entre este grupo, destaque para a já mencionada Helena S. Inverno (vídeo), Pedro Machado (luzes), Rui Viana (banda sonora) e Isabel Peres (figurinos). A caracterização fundamental, tanto no vídeo como na cena - encontra-se a cargo de Jorge Bragada.

Jazz ao Centro prossegue em 2004

Durante doze meses, foram dezassete os concertos promovidos pelos Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra. Uma "avalanche" musical que colocou Coimbra no mapa da cena jazz internacional e que termina no próximo sábado

Paulo Nuno Vicente

À razão de, pelo menos, um concerto por mês, os Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra - Jazz ao Centro imprimiram um ritmo diferente do comum a este tipo de festivais. Com um cartaz que, no que respeita a músicos e a discográficas, não primou pelos nomes populares, o ciclo foi, durante 2003, o bastião nacional do free jazz.

Uma vista de olhos pelo programa do festival mostra que tanto figuras internacionais (europeias e americanas), como portuguesas - e algumas delas históricas da música improvisada - pisaram os palcos de Coimbra. William Parker, David S. Ware, Jemeel Moondoc, Carlos Zingaro, Gerry Hemingway e Ken Vandermark, são apenas alguns dos músicos que trouxeram o jazz aos mais aficionados.

Francisco Neves, responsável pela produção do festival, acredita que a iniciativa "teve o mérito de colocar Coimbra na rota das maiores realizações de jazz" e faz questão de frisar que o impacto do festival ultrapassou qualquer resultado económico. "Não ficámos devedores mas, de facto, preparámo-nos para o pior, uma vez que havia bastante inexperiência da nossa parte e não sabíamos o que íamos enfrentar. Estamos muito satisfeitos".

Também o director artístico confir-

ma que o evento "conseguiu conquistar o seu espaço e o seu protagonismo". Rui Paulo admite que "a repercussão, quer nacional, quer além fronteiras, superou as expectativas. Foi uma programação arriscada, mas é uma aposta ganha uma vez que se demarca dos restantes festivais que se fazem no país". Sublinha ainda que o formato adoptado "apostou na fidelização de públicos e foi por isso que não se optou por um figurino convencional".

Ainda no tocante à programação, Rui Paulo defende que "a fasquia foi posta bem alta para assumir um jazz de vanguarda, que é menos consensual". Hoje em dia, prossegue, "o mainstream é bastante mais acessível, mas qualquer que seja a linha de programação a seguir, o que interessa é perceber que não estamos reféns de uma estética porque o jazz é, precisamente, essa diversidade de abordagens".

Jazz com uma filosofia original

Além da música, os Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra deixaram uma outra herança, essa mais institucionalizada - o Jazz ao Centro Clube (JACC). A colectividade desce da autonomização da estrutura organizadora do festival e é, ao que afirma Rui Paulo, "uma congregação de pessoas e de esforços que resulta, de certa forma, num legado do Jazz ao Centro".

O legado cedo deu frutos. A começar pelo concerto de apresentação do clube, a 7 de Maio, que levou ao Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) o trio do saxofonista Steve Lehman, para a gravação daquele que seria o terceiro registo do músico enquanto líder. Seguir-se-ia o concerto da Dave Holland Big Band, a 14 de Julho, no Pátio das Escolas e, mais recentemente, a actuação de Paula Oliveira e de João Paulo Esteves, também no TAGV, no passado dia 11 de Novembro. Todas iniciativas promovidas pelo JAAC.

Quanto aos apoios indispensáveis para a concretização dos projectos,



Paul Dunmall foi um dos protagonistas do Jazz ao Centro, que termina com os Mujician

além do investimento do próprio Centro Norton de Matos e das ajudas provenientes da Câmara Municipal de Coimbra, os encontros contaram ainda com a cooperação de Coimbra Capital Nacional da Cultura (CCNC). Rui Paulo afirma que "não é fácil trazer a Coimbra uma avalanche tão grande de eventos" e que "Coimbra 2003 foi de uma disponibilidade excelente. Mas, também é certo que essa avalanche de eventos promovidos pela capital da cultura acabou por diminuir a visibilidade do Jazz ao Centro".

Do lado da Coimbra 2003, Carlos Alberto Augusto, programador para a área da música, confessa que "o Jazz ao Centro foi, desde o início, um pro-

jecto fundamental. Era imperativo que o jazz estivesse presente na programação de Coimbra 2003 e o Jazz ao Centro teve as medidas certas para ser inserido". O programador afirma que, pelo facto de se tratar de uma iniciativa organizada por uma estrutura local [Centro Norton de Matos], o evento teve direito de preferência. Já quanto aos conteúdos artísticos, o responsável pela música da CCNC é da opinião de que "o Jazz ao Centro desenvolveu uma iniciativa dentro de uma filosofia artística original. Neste momento há muitos festivais de jazz em Portugal, mas nem todos têm uma personalidade própria. O Jazz ao Centro correspondeu justamente a um determinado designio artístico:

Jazz britânico a fechar

Cabe aos Mujician colocar um ponto final na primeira edição dos Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra. Como se tornou habitual ao longo de um ano de espectáculos, é mais uma vez o free jazz que sobe ao palco do Centro Norton de Matos, no próximo dia 6. Oportunidade para ver ou rever o quarteto composto por Paul Dunmall, Keith Tippett, Paul Rogers e Tony Levin, que já passou pelo nosso país - Jazz em Agosto, da Fundação Calouste Gulbenkian - e que promete fechar com chave de ouro aquele que foi o principal evento de jazz do ano.

Nascido para o jazz em 1988, o colectivo dos Mujician é formado por quatro dos mais notáveis músicos da vertente free da música improvisada britânica. Paul Dunmall (saxofone tenor e gaita de foles), Keith Tippett (piano), Paul Rogers (contrabaixo) e Tony Levin (bateria) viajam musicalmente por caminhos que vão do jazz ao blues, passando pela folk britânica e pela música clássica contemporânea. Referências ecléticas no último dia do Jazz ao Centro.

não só preencheu o vazio em Coimbra, mas um vazio no sentido lato".

Numa altura em que a sede do JACC se prepara para ser inaugurada, está já garantida a continuidade dos Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra em 2004. Com pernas finas para andar, embora num formato diferente e ainda por definir, Francisco Neves adianta que os encontros vão ser mais abrangentes: "Este ano a nota dominante foi o free jazz e, embora mantendo-o, queremos ser mais generalistas e chegar a todos os amantes de jazz". Ao que refere, na reedição do Jazz ao Centro vão marcar presença o free jazz, o mainstream, as novas tendências e o jazz feito pelos músicos portugueses.

Guitarradas chegam ao fim

O I Festival de Guitarra Coimbra encerra, depois de amanhã, com um programa que explora as potencialidades da guitarra em todas as suas dimensões

Paula Velho

Na próxima quinta-feira, vai ter lugar no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), o último espectáculo do I Festival de Gitar-

ra de Coimbra, que será apresentado em duas fases distintas.

Deste modo, pelas 18 horas, vai decorrer no Café-Teatro do TAGV, o lançamento de um CD intitulado "Guitarra Diversa", onde figuram nomes sonantes como os de Ricardo Rocha, Nuno Rebelo, Cândido Lima, Pedro Caldeira Cabral e Paulo Soares. Este disco, produzido por Paulo Vaz de Carvalho, integra obras que marcaram os últimos 20 anos da composição destinada à guitarra portuguesa.

Já a partir das 21h30, o público poderá disfrutar de dois momentos únicos, no que diz respeito à exploração das potencialida-

des da guitarra.

No primeiro caso, Paulo Soares e a Orquestra de Câmara de Coimbra estreiam uma obra inédita, pensada propositadamente para este evento pelo compositor Fernando Lapa.

Outra das surpresas da noite será o desempenho do prestigiado guitarrista norueguês, Terje Rypdal, que levará a cabo um programa composto para guitarra eléctrica, também acompanhado pela Orquestra de Câmara de Coimbra.

De acordo com os responsáveis, o I Festival de Guitarra de Coimbra "funcionou como uma tentativa de mostrar que os instru-

mentos musicais podem ser aproveitados e utilizados com diversas finalidades". Por outras palavras, os instrumentos são, muitas vezes, conotados e associados a géneros específicos. Um exemplo prático, como explica a organização, será "a presença da guitarra eléctrica no evento pois, apesar de ser símbolo de uma identidade particular pode, noutros contextos, transcender essa cultura, sem a renegar".

O festival, integrado na Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003, contou ao longo do ano com um total de dez concertos, quatro dos quais dedicados exclusivamente à guitarra coimbrã.

SEXTA
Informática Multimédia Lda
GERAÇÃO

INFORMÁTICA À SUA MEDIDA...

O PREÇO É IMPORTANTE....

QUALIDADE É FUNDAMENTAL!

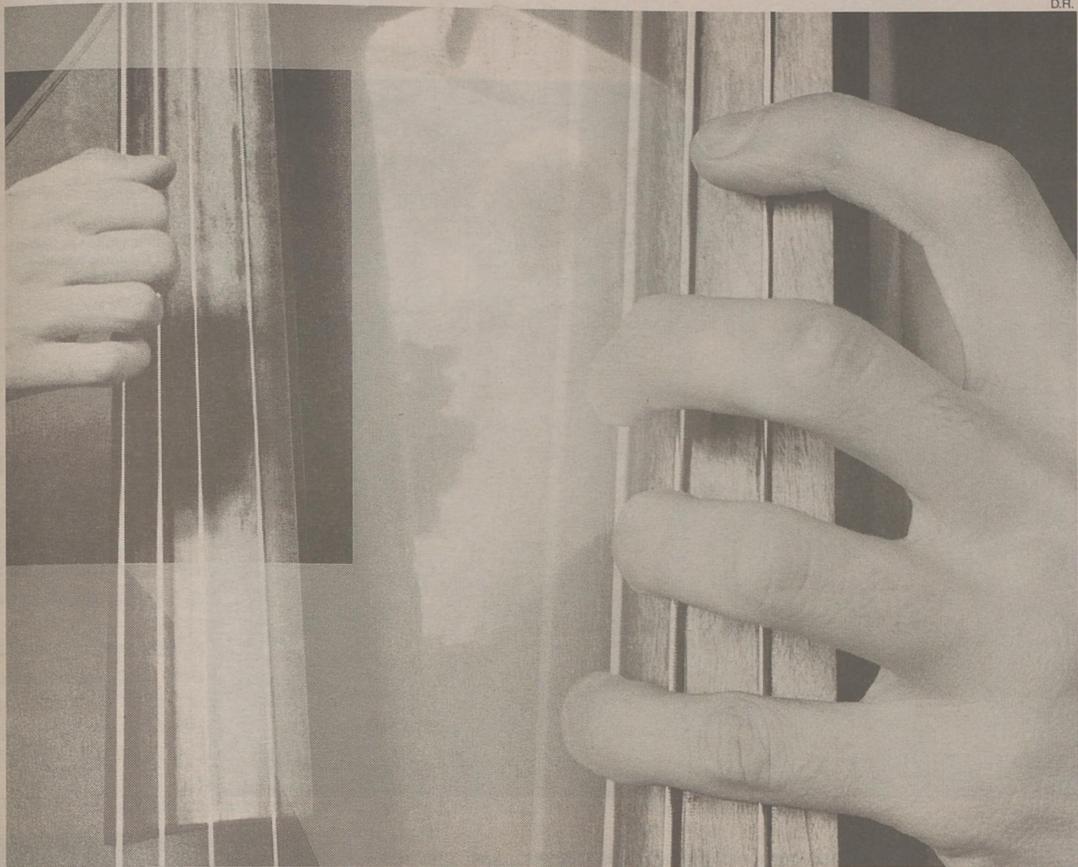
Desconto especial para estudantes: 5%

Galerias Avenida,
4º Piso, Loja 416
3000 Coimbra
Portugal

Tel. 239 834778 Fax. 239 827055

Url: www.6Geracao.web.pt

e-mail: avenida416@hotmail.com



Workshop de Jazz promete animar o panorama musical de Coimbra durante o próximo fim-de-semana

Aqui Jazz

Chega esta semana a Coimbra o "Workshop de Jazz", onde teoria e prática se juntam na aprendizagem deste estilo de música

Marisa Ferreira
Marco Pereira

Em parceria com o Hot Clube de Portugal, o Prensa - Grupo de Teatro & Afins - promove em Coimbra, nos próximos dias 5, 6 e 7, um "Workshop de Jazz". O projecto visa colmatar as falhas no ensino deste género musical e tem como ponto alto uma apresentação no último dia da iniciativa, onde os alunos vão ter a oportunidade de demonstrar em palco o que aprenderam no

workshop.

Na iniciativa, proposta por João Martins, membro do grupo Prensa que estudou e tocou no Hot Clube de Portugal, desenvolve-se o estudo teórico e prático de vários instrumentos, que vão do piano à guitarra, do contrabaixo e do baixo eléctrico à bateria, passando pelos instrumentos de sopro.

As aulas teóricas consistem no desenvolvimento dos conhecimentos de harmonia e improvisação através do estudo das bases teóricas da música. Os alunos procedem posteriormente ao reconhecimento e reprodução da teoria estudada.

A vertente prática passa, numa primeira fase, por um laboratório de instrumento onde se desenvolvem técnicas de improvisação e construção de repertório. Na sequência deste aperfeiçoamento técnico, os alunos entram numa fase designada

"combo", onde se aperfeiçoa o estudo da improvisação em grupo.

A estrutura do workshop foi delineada pelos professores, sendo o resultado de um trabalho de proximidade com a organização do evento. "Todos os professores, músicos conceituados no mundo do jazz, por leccionarem no Hot Clube Portugal, fizeram questão de participar no evento", afirma João Vaz. O responsável pelo Prensa destaca ainda o concerto dos professores, que dará início ao workshop.

Coimbra tem vindo ao longo deste ano a acolher eventos diversos relacionados com este tipo de música, como os "Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra - Jazz ao Centro", integrados na Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003. O workshop traz como principal diferença o facto de se centrar na vertente da aprendizagem.

Cifras em Barroco

O Ciclo Tavares Lamecense tirou do baú a obra do padre José Carneiro Tavares Lamecense para mostrar a presença da guitarra barroca na cidade de Coimbra

Sara Cardoso

De 10 a 12 de Dezembro, o auditório do Instituto Superior de Engenharia de Coimbra vai acolher três dias de conferências e recitais que procuram dar a conhecer a guitarra barroca do século XVII.

O padre José Carneiro Tavares Lamecense formou-se no curso de Cânones, na Universidade de Coimbra, em 1699. Nos anos que se seguiram, dedicou-se à elaboração de um manuscrito em tablatura para guitarra barroca, ao qual deu o nome de "Cifras de viola por vários Autores", numa enorme colecção de peças. Entre estas, estão trinta e três "Rojões", ou seja, formas portuguesas de prelúdio, que serviam não só para experimentar a afinação do instrumento, mas também

para introduzir a dança que os músicos tocariam a seguir e que, provavelmente, seria dançada em ocasiões de festa.

O director artístico do ciclo, Paulo Vaz de Carvalho, considera que esta é "uma grande oportunidade para a Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 celebrar a existência do manuscrito". Para Vaz de Carvalho "é prestigiante para Coimbra receber o mais importante acervo de música de guitarra em Portugal".

O manuscrito é considerado um monumento incontornável do contributo português para o repertório da guitarra barroca. Sobre o livro, debruçaram-se as teses de mestrado de João Pedro Duarte e de Teresa Picado. Nomes que marcam presença no ciclo das várias conferências que, ao longo dos três dias, vão dar a conhecer a obra de Tavares Lamecense.

"Rojão, Um Prelúdio Português no Século XVII" é a palestra que abre o ciclo, seguida da apresentação do livro sobre o autor do manuscrito, por Teresa Picado. A presença de nomes estrangeiros no ciclo, como o de Hopkinson Smith, que vai realizar vários "master classes" é, para Paulo Vaz de Carvalho, "uma forma de pôr em contacto a literatura musical portuguesa com mestres que podem divulgá-la no estrangeiro".

DEZ. 2003
DESTAQUES

SEG. 22
ENCERRAMENTO OFICIAL
DE COIMBRA, CAPITAL NACIONAL DA CULTURA

INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO
TESOUROS ARTÍSTICOS DO MOSTEIRO DE SANTA
CRUZ DE COIMBRA

Trabalhos de grandes mestres que passaram pelo Mosteiro de Santa Cruz_ Antigo Refeitório do Mosteiro de Santa Cruz_ 17.00h
Comissário_ Pedro Dias
Organização_ Câmara Municipal de Coimbra e Coimbra 2003

PEDRO CABRITA REIS, LONGER JOURNEY

Instalação em Coimbra da obra que representou Portugal na 50ª Bienal de Veneza de 2003
Pátio da Inquisição/Pátio do Centro de Artes Visuais_ 18.00h
Patrocínio_ MC/Instituto das Artes, Coimbra 2003, Câmara Municipal de Coimbra e A Tabaqueira

A MARGEM DA ALEGRIA, DE RUY BELO

Apresentação do audiolivro e Recital
Actores_ António Fonseca, Luísa Cruz, Luís Lima Barreto, Luís Miguel Cintra, Manuel Cintra, Manuela de Freitas e Márcia Breia
Convento de S. Francisco_ 21.30h

DOM. 28 A TER. 30
PROJECTO CANTIGA

Estreia Absoluta_ Teatro de Braga e Centro Dramático da Galiza
Encenação_ Jean Pierre Sarrazac
Co-produção_ Coimbra 2003, Teatro de Braga e Centro Dramático da Galiza
Teatro Académico de Gil Vicente_ 21.30h

ATÉ TER. 20 JAN. 04
ROTA DOS ESCRITORES DO SÉC. XX

Lugares da Escrita
Uma criação literária situada
Miguel Torga_ Eugénio de Andrade_ Afonso Lopes Vieira_ Aquilino Ribeiro_ Fernando Namora_ Carlos de Oliveira_ Vergílio Ferreira
Organização_ Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro
Pavilhão Centro de Portugal



COIMBRA
2003
Uma cidade viva.

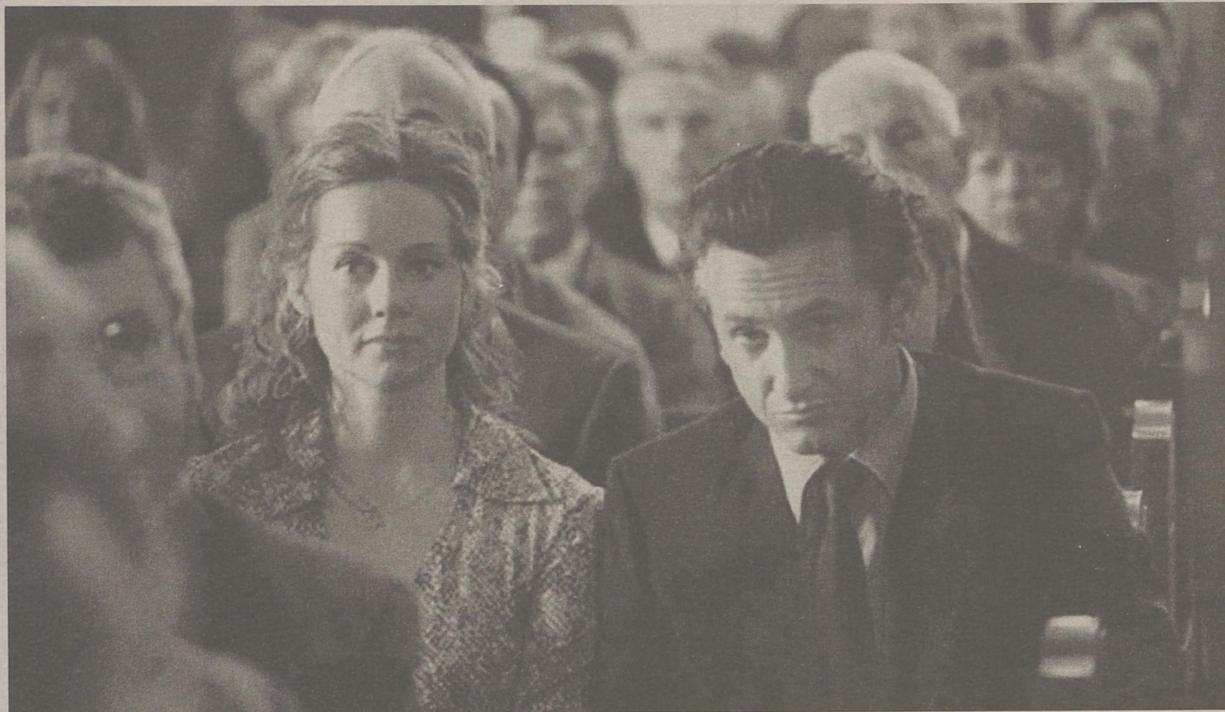
Patrocinador oficial



AMORIM



Vê-se...



Clint Eastwood

"Mystic River"

Com Sean Penn, Tim Robbins e Kevin Bacon - 137 minutos, cor, M/12, Drama/Mistério

6/10

A redenção

"We bury our sins, we wash them clean". No Mystic River, em Boston, Massachusetts. Onde as águas fundas e lodosas adormecem os pecados humanos, como uma forma de expiação do mal que se abate sobre a consciência pesada de cada criminoso. Ergue-se então o olhar para o cume das nuvens, como que procurando obter a redenção divina, ou a ansiada resposta à questão "porquê?".

Três rapazes amigos jogam hóquei na rua junto das suas casas. Jimmy, Dave e Sean decidem então gravar os seus nomes no cimento fresco do passeio, para que ali permaneça eternamente a marca da sua presença e recíproca vivência. Até que aparecem dois indivíduos que se fazem passar por polícias e que os abordam algo agressivamente. Por força do destino, acabam por escolher levar o Dave, no que acaba por ser um rapto seguido de molestação sexual, até que ao fim de dois dias o rapaz consegue fugir.

Já adultos, os três amigos prosseguem as suas vidas separadamente, mas intimamente interligados por um sentimento de amizade que não foi esquecido. E um acontecimento trágico, o homicídio da filha mais velha de Jimmy, vai proporcionar um reencontro forçado entre eles. Sean é inspector policial e encarrega-se de investigar o caso. Jimmy exige celeridade na investigação, e enceta ele próprio, com a ajuda de terceiros, uma investigação paralela. Dave acaba por se tornar num dos principais suspeitos.

Este novo filme de Clint Eastwood conta um história simples, sem grandes encruzilhadas, baseada no ro-

mance homónimo de Dennis Lehane, com uma adaptação cinematográfica da responsabilidade de Brian Helgeland. Por vezes, em certas alturas de maior pulsação narrativa, chega a ser uma história algo ingénua e frustrante. Mas não deixa por isso de ser um bom filme no âmbito do género policial, com alguns pormenores interessantes e sobretudo com o cunho pessoal do realizador Clint Eastwood (autor de filmes como "Blood Work", 2002, "A Perfect World", 1993, ou "Unforgiven", 1992). Cinema de autor com características formais clássicas, estruturado numa forma narrativa progressiva sem grandes fragmentações, com uma passada algo lenta mas regular e sem o recurso aos modernos subterfúgios dos efeitos especiais. Um filme seco e eficaz, como um murro no estômago. E com uma grande densidade ao nível das personagens, sobretudo devido aos fenomenais desempenhos de quase todo o elenco, começando nos três amigos, os sublimes Sean Penn, Tim Robbins e Kevin Bacon, e acabando nos secundários mas não menos brilhantes Laurence Fishburne, Marcia Gay Harden e Laura Linney.

É óbvio que para gostar deste filme é preciso compreender e admirar o mundo de Clint Eastwood, ou a sua visão própria do mundo que o rodeia, a América profunda, onde é mais forte e visível a genuína identidade norte-americana. Porque Eastwood não é tão original e sobretudo não é tão jovem como, por exemplo, os irmãos Coen. E já lá vão 15 anos desde que realizou "Bird", um filme sobre o músico de jazz Charlie Parker. Começa a faltar-lhe o fôlego, ao Clint Eastwood, enquanto toca saxofone. **Gustavo Sampaio**

Em negativo...



António Ferreira,
realizador de
cinema

Melhor filme americano recente - "Ken Park"

Melhor filme europeu recente - "Goodbye Lenine"

Melhor filme português recente - "Os Imortais"

Melhor realizador americano - Stanley Kubrick

Melhor realizador europeu - Lars Von Trier

Melhor banda sonora - Todas as do Ennio Morricone

Melhor actor português - Tenho vários

Melhor actriz portuguesa - Custódia Gallego

Navega-se...

Citações para todos os gostos

"The Quotation Page" auto-intitula-se o mais antigo site de citações na internet. A crer nos números da página inicial, foi fundado em 1994 e armazena mais de 19.000 citações de cerca de 2300 autores.

O design deixa algo a desejar, com um esquema de cores baseado em vários tons de azul que pode chegar a cansar o visitante mais assíduo. Seja como for, o site vale pelo conteúdo. É possível pesquisar citações por autor, por tema, pedir a apresentação de aleatória de citações ou mesmo participar num fórum de discussão sobre o tema. O site possui ainda secções de vocabulário (que apresenta uma nova palavra por dia), de crítica literária e disponibiliza uma mailing list. Ideal para quem quer ter sempre a frase certa para o momento certo...

<http://www.quotationpage.com/>

Arte digital

Enorme centro de exposição de arte digital, deviantArt dá a conhecer o trabalho de centenas de pessoas e permite que qualquer um exponha a sua obra.

O site está dividido em várias galerias e sub-galerias, que vão da fotografia ao desenho assistido por computador, passando por "wallpapers", filmes em Flash, desenho à mão ou mesmo "skins" para aplicações. E não é preciso sequer passar da primeira página para encontrar trabalhos de enorme qualidade.

O site está muito bem organizado e disponibiliza ainda tutoriais, download de software, fóruns e listas de links úteis. O design, em suaves variações do mesmo tom, faz com que a atenção se centre nas "obras" expostas e permite a navegação durante horas seguidas. Fascinante.

<http://www.deviantart.com/>



Arte Digital

"deviantArt"

www.deviantart.com

Dilbert em linha

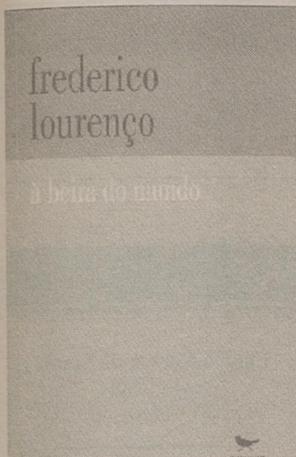
Dilbert, programador informático, sempre de gravata, dono de uma vida monótona e rotineira. Foi este o cenário que Scott Adams usou para diariamente desenhar as tiras de uma personagem que se tornou já famosa.

No site da United Media, para além de um arquivo com as tiras do cartoon, é possível aceder a "wallpapers", "screensavers", cursores e outras "desktop diversions" alusivas a Dilbert e às personagens que povoam a bd. Mas o site não se fica por aqui. Postais electrónicos, jogos e notícias sobre o mundo Dilbert estão também à disposição dos fãs. Por fim, um interessante arquivo com a biografia do autor e os primeiros esboços da personagem promete fazer as delícias dos indefectíveis.

<http://www.unitedmedia.com/comics/dilbert/>

João Pereira

Lê-se...



Frederico Lourenço

“À Beira do Mundo”

Editora Cotovia, 2003.

8/10

O caso do acaso: a vida que nos (es)colhe

Depois de “Pode um desejo imenso” e “O Curso das Estrelas”, Frederico Lourenço escreve “À Beira do Mundo”, a chave que permite desvendar e fechar - ou abrir? - esta trilogia que nos conta o universo universitário nas suas idiossincrasias e relações afectivas. Camões e o cravo, que se afina constantemente como quem tenta consertar a vida à revelia das condições exteriores, continuam, ainda que de forma subtil.

A paixão do professor Nuno Galvão por um aluno, Filipe, e o reencontro abrupto com Vicente, antigo colega e amante, são a pedra de toque do livro, ainda que - desiluda-se aquele que pensa num manifesto pró-gay - a homossexualidade não o seja. Tudo aqui é natural, tudo flui sem nunca existir uma problematização dramática da homossexualidade, o que apenas traduz o debruçar saudável do autor sobre o “problema” sem que se caia nos chavões pseudo-“tolerantes” acerca do assunto.

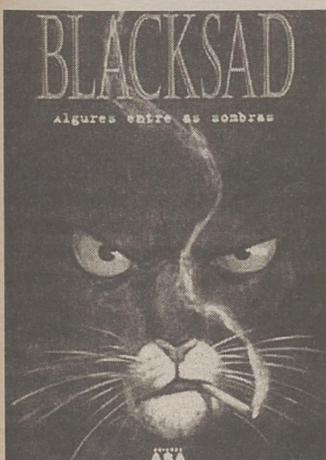
Toda a acção, à excepção do Epílogo - em que há um hiato temporal e se mantém suspenso para além do calendário - , tem como pano de fundo o dia trinta e um de Dezembro e a passagem de ano. Vicente, depois de deixar os filhos com a mãe deles, de quem está divorciado e é origem da querela com Nuno, viaja para Lisboa. No comboio trava conversa com um jovem debilitado e, sem saber, trava um ajuste de contas com o seu passado. Passado esse que já tinha dado sinal, como um pré-destino, aquando, horas antes, encontrara, com desprezo, a publicação das Actas do V Colóquio Internacional Camoniano, organizado por dois antigos colegas: Nuno e Helena.

A ida a Lisboa, defraudados todos os seus planos, é, inicialmente, caótica, incluindo-se nesse pequeno drama a deglutição do seu cartão na caixa do multibanco e a impotência que sentimos quando não temos dinheiro e temos de pagar a pensão. Vicente, qual Ulisses, tenta por tudo voltar para casa, mas, como escreveria Esquilo, o sangue uma vez derramado não retorna às veias, e, como se os acasos da vida fossem necessários e não aleatórios, Vicente é empurrado para trás, para as pessoas que não queria encontrar.

Neste passado-presente-futuro forçado - e não será por acaso que se trata de uma passagem de ano e que teria de ser forçado, dada a “calanice” de Vicente, que vive às custas de uma pretensa bolsa dos pais e de trabalhos menores - , Vicente encontra-se, perdoo e perdoá-se. Nuno, por seu turno, resolve-se também com o passado, sendo forçado a isso para agradar a Filipe, que está ensombrado pela morte precoce que leveda o amor de Nuno.

“À Beira do Mundo” é um romance inteligente, com uma escrita fluída que nos rapta para outra margem desde o primeiro momento, contando as nossas mazelas emocionais e um final feliz possível. A ler, claro! **Andreia Ferreira**

Desenha-se...



Díaz Canales e Juanjo Guarnido

“Blacksad - Algures entre as sombras”

Edições ASA, 2002.

8/10

Policial-noir “bestial”

“Blacksad transborda de beleza, de força, de vida, de originalidade. Está lá tudo! O ambiente, as cores, os planos, os semblantes, os diálogos (...) Tudo o que importa para perpetuar essa boa e velha tradição do policial” - lê-se no prefácio a Blacksad por Régis Loisel, um dos autores de maior destaque da bd fantástica francesa.

Blacksad, série distinguida com os prémios “Mejor Obra” e “Autor Revelación” na 19ª edição do Salón del Cómic de Barcelona, e nomeada na categoria Coup de Couer no Festival Internacional de Banda Desenhada de Angoulême, o mais importante festival europeu da especialidade, é já considerada por muitos uma obra-prima da banda desenhada mundial.

O argumento conta-nos, em jeito de narrativa cinematográfica dotada de grande dinamismo e acção,

a história do detective John Blacksad que, numa América corrupta dos anos 50, investiga o assassinato de uma actriz que outrora tinha sido sua amante. Embora a história não introduza grandes novidades ao género (aliás até se baseia em clichés já usados inúmeras vezes por diversos autores), é na arte inovadora que este livro se destaca. E é nesta que reside todo o brilhantismo da obra. As personagens não são seres humanos mas antes animais antropomórficos, cujas personalidades podem ser facilmente adivinhadas pela sua raça e pelas suas expressões. E todo este virtuosismo gráfico é transmitido ao leitor através de maravilhosas composições constituídas por desenhos pintados com aguarelas em cores vivas e brilhantes que conseguem, apesar da sua genialidade, evitar que o leitor se perca da visualização do livro como um todo. **José Miguel Pereira**

Ouve-se...



Vários

“Worlds of Possibility”

Domino Records, 2003.

10/10

10, esse número redondo

Ainda há uns meses a editora Fat Cat Records lançava uma surpreendente compilação em formato duplo para comemorar o seu aniversário, mas, quando chegamos ao momento de esfregar as mãos e cantar os parabéns; há aniversários e aniversários.

A Domino Records é uma editora londrina que está atenta ao que de melhor se vai fazendo tanto na Europa como nos Estados Unidos e que acabou de soprar dez velas. Vai daí toca a compilar um disco com o fundo de catálogo onde pérolas de nomes tão conceituados como Sebadoh, Royal Trux, Palace Music, Pastels, Flying Saucer Attack, Plush, Smog, Elliott Smith, Clinic, Jim O'Rourke, Pram, Papa M, Silver Jews, Pavement e Preston School of Industry entre outros nos dão uma panorâmica quase perfeita da real evolução do movimento indy (muitas vezes cruzado com universos e raízes bem tradicionais).

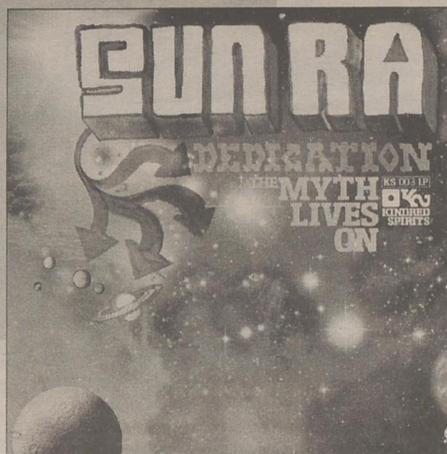
Num segundo disco composições recentes de Stephen Malkmus, Hood, The Kills, Four Tet, Quasi, Movietone, Max Tundra, Bonnie Prince Billy e To Rococo Rot (entre outros) alargam a panorâmica estética que caracteriza uma das mais importantes e criativas editoras da música contemporânea.

Ideal para uma primeira abordagem a este universo, mais do que um disco este lançamento não é apenas uma peça para curiosos e colecionadores fanáticos, é um documento histórico. “Worlds of Possibility”, tal como o nome indica, prova que há mil e uma formas de se construir uma grande canção no âmbito dos cânones da pop e do rock dito alternativo. Entre o legado do primeiro disco e a actualidade e o futuro do segundo a Domino (que já não precisa de provar mais nada a ninguém) oferece 32 músicas sublimes diluídas num mar de transpiração inspirada.

<http://www.dominorecordco.com>

<http://www.worldsofpossibility.com>

Hugo Ferreira



Vários

“Sun Ra dedication: The Myth lives on...”

Kindred Spirit/Ananana, 2003.

O futuro que veio do espaço

O último meio século musical não pode ser entendido sem que se medite sobre a importância das várias mutações de um homem/orquestra na prospecção das raízes de um cosmos sonoro longínquo. Nunca o jazz e a música popular estiveram tão próximos de uma fuga que passava pela (até então inédita) fusão dos ditos com surrealismo, estímulos políticos, tecnologia, organicidade e uma imensa liberdade de concepção, por vezes pouco discernida, como na obra de Sun Ra.

No ano em que passa uma década sobre o retorno ao espaço de uma das almas de Saturno que mais história deixou nos construtores de ideias de futuro, a Kindred Spirits dedica-lhe a renovação do mito com retribuições de parte desses novos estetas. Inspirados pela música e vida do embaixador interestelar, as respostas surgiram dos quadrantes electrónico e jazzístico (com especial incidência no primeiro) que procuraram desenvolver retratos pessoais de trechos ou apenas de momentos de forte entusiasmo imaginativo.

A essência ancestral do mito perpassa por todo o registo através dos breves interlúdios de Francisco Mora Catlett e Marshall Allen (velhos cúmplices da Arkestra) com a sua Outerzone Band. “Love In Outer Space” é adocicado por Jimi Tenor com flauta e sintetizadores enquanto que Reclouse e Theo Parrish procuram na cadência da house a substância de “Paepulariki” e “Saga Of Resistance”, respectivamente. Madlib une-se a Dudley Perkins e aos Yesterdays New Quintet para produzirem uma intrépida muralha de ruído em “Nuclear War”, tema igualmente escolhido por Alex Attias para uma visão mais personalizada do original rap de 1984. Os Build An Ark recolhem as vibrações africanas de “Door Of The Cosmos” e King Britt sujeita “Black (A Shade Of)” a um sossegado exercício hip hop abstraccionista. Kirk DiGiorgio recupera uma certa melodia negra em “Astro Black” sendo a descompressão sintética final desenvolvida por Philip Charles com “Deconstruction Of A New Era”.

Mais do que um simples gesto de preito, “Sun Ra dedication: The Myth lives on...” trata de um desejo intenso de procura do legado musical de um génio que outrora ousou desafiar o futuro.

Rui Caniço

26 AGENDA

Em palco...

Brincar às revoluções

"O Horácio"
Escola da Noite e Cena Lusófona
Oficina Municipal do Teatro
Até 4 de Dezembro, 21h30

Herói ou assassino? É desta interrogação, retirada do texto de Tito Lívio, que nasce e vive o espectáculo "O Horácio". Um projecto desenvolvido no âmbito do III Estágio Internacional de Actores organizado pela Cena Lusófona, em co-produção com A Escola da Noite e em exibição na Oficina Municipal do Teatro.

Inteligentemente encenada por Pierre Voltz e interpretada por 13 actores lusófonos, a peça é fundamentalmente um jogo de aprendizagem, de reflexão e improvisação. No fundo, é brincar às revoluções lançando desafios de meditação política, cultural e social, utilizando como modelo a história do romano Horácio que, por fidelidade à pátria, mata Curiácio e a sua própria irmã. Empunhando a espada duplamente ensanguentada, Horácio gera a guerra civil entre os que o defendem como vencedor e os que o condenam como assassino.



Espectáculo de multiplicidades e inteligência

Seguindo a escola de Brecht e as anotações de Heiner Müller, tudo acontece perante os olhos do público e tudo é dito e feito por uma só voz em treze bocas, um só ritmo em treze corpos. Uma espécie de bailado de palavras e gestos que em pequenos rasgos de improvisação procura debruçar a barreira entre palco

e público, insinuando uma reflexão geral.

"O Horácio" é um espectáculo inteligente que morde a tradição e a modernidade, a ironia e o desabafo sincero, que emociona e alegra, tudo porque é interpretado e se destina ao homem múltiplo e ao memo tempo insubstituível, que todos somos, querendo-o ou não. **Jonas Batista**

Outros rumos...

Miramar

Senhor da Pedra

Do misterioso mundo da fé cristã ao legado pagão do islamismo, das crenças populares à imaginação do povo que vive do mar. Uma viagem ao litoral norte português atrás de uma capela que esconde muitos mitos e contos.

Vinte quilómetros a sul, para quem sai da grande Porto, encontramos a freguesia de Miramar. Mais uma entre tantas outras vilas espalhadas pelo litoral português. Praias, praças, pequenos agrupamentos de casas, e alguns sinais de modernidade... Miramar poderia passar por mais uma pequena vila em busca de alguma atenção turística, não fosse pela conhecida e misteriosa capela do Senhor da Pedra.

Não se sabe muito sobre a origem de certos acontecimentos que povoam as mentes dos habitantes de Miramar, muito menos quando estas estórias se con-



Igreja do Senhor da Pedra, na praia de Miramar

fundem com a religião católica ou com outra fé que parecem também habitar o lugar. Uma capela simples, sob as rochas da Assorera em plena areia do mar: à primeira vista parece uma casa com telhados exóticos, dado que a sua construção não lembra os padrões de construção do passado, mesmo porque a sua construção nem é totalmente cristã. A capela do Senhor da Pedra já começa com uma descrição curiosa: foi construída sobre as bases de uma antiga construção moura, provavelmente um lugar de culto.

Estórias de bruxas e feiticeiras, conhecidas como as "Senhoras da Pedra" que

costumam realizar na capela as suas oferendas, misteriosos desaparecimentos de pessoas que depois apareciam noutros concelhos afirmando não se lembrar como ali foram parar, entre outras tantas que só se descobrem se lá se passar um dia inteiro (e também uma noite) com animadas conversas de pescadores e de velhas senhoras religiosas que contam repetidamente as suas estórias de fé e lendas que giram em torno da pequena capela em cima de uma pedra e que terminam quase sempre com a frase "p'ra acreditar menino, tens que ter fé". **Cláudio Vaz**

A não perder...

Teatro

- TAGV -
A Bota e Sua Meia
Face & Carretos, domingo e segunda
A Força do Hábito
Mais! Produções Artísticas, 11 e 12

- Oficina Municipal do Teatro -
O Horácio
Escola da Noite e Cena Lusófona, até sexta-feira
Cabarét da Rrrrraça
Bando de Teatro Oludum, domingo e segunda
Oxente, cordel de novo?
Bando de Teatro Oludum, dia 9
Comédia na Estação
Companhia de Teatro de Braga, dia 10
Nojo
Quinta Parede, dia 11

- Museu dos Transportes -
Niketche
Hala Ni Hala, dias 8 e 9
Pedro Andrade, a Tartaruga e o Gigante
Cena Só, dias 10 e 11
O Lutador
Os Fidalgos, dia 12
Makbunhe
Os Fidalgos, dia 13

- Covento de S. Francisco -
O Olho de Alá
Camaleão, até dia 20

- Casa Municipal da Cultura -
23 centímetros
Bonifrates, até dia 12

Música

- TAGV -
Concerto para Guitarra e Orquestra
Estreia nacional da obra encomendada ao compositor Fernando Lapa, I Festival da Guitarra de Coimbra, quinta
Espectáculo de apresentação final do workshop de Jazz
Prensa, domingo
Virgínia Rodrigues
Concerto de música brasileira, dia 13
José Miguel Wisnik, Luis Tatit e Ná Ozzetti
Concerto conjunto de música brasileira, dia 14

- Centro Norton de Matos -
Mujician
Jazz ao Centro, sábado

Dança

- Museu dos Transportes -
Hitch
Coreografia Francisco Camacho, sexta e sábado

Cinema

- TAGV -
Ciclo Flora Gomes
Ciclo de obras cinematográficas dedicadas ao realizador guineense, com debates a seguir ao visualização dos filmes, de dia 10 a 15

- Cinemas Millenium
Avenida -
Cine-Teatro
Era uma vez no México
De Robert Rodriguez
Todos os dias - 13h40, 15h45, 17h50, 19h55, 22h, 00h20

Estúdio 1
Master & Commander - O Lado longínquo do Mundo
De Peter Weir
Todos os dias - 13h50, 16h30, 19h10, 21h50, 00h30

Estúdio 2
Mystic River
De Clint Eastwood
Hoje e Quinta - 13h30, 16h10, 21h30, 00h15
Quarta - 13h30, 16h10, 00h15

Sessão Especial
Boa Viagem
De Jean-Paul Rappeneau
Hoje - 19h00,
amanhã - 19h00 e 00h15,
quinta - 19h00

- Cinemas Girassolum -
Sala 1
Master & Commander - O Lado longínquo do Mundo
De Peter Weir
Todos os dias - 13h45, 16h20, 19h, 21h30

Sala 2
O Amor Acontece
De Richard Curtis
Todos os dias - 14h, 16h30, 19h15, 21h30

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº183245/02 Registo ICS nº116759

Director Emanuel Graça Chefe de Redacção/Director A CABRA.net João Pereira Editor de Fotografia Jonas Batista Editor de Academia e Universidade Tiago Azevedo Editor de Cidade, Nacional e Internacional Mário Guerreiro Editora de Ciência Lurdes Lagarto Editor de Desporto João Cortesão Editor de Cultura João Vasco Editores A CABRA.net Emanuel Graça, Liliana Guimarães, Maria João Lopes, Rita Delille, Vitor Aires, Vítor Rodrigues e Oliveira Secretária de Redacção Liliana Guimarães Secretária de Redacção A CABRA.net: Margarida Matos Pagação Emanuel Graça Redacção Aida Lima, Ana Maria Oliveira, André Jegundo, Bruno Fernandes, Carina Valério, Carina Fonseca, Carla Pinto, Cristina Bastos, Diana Ramos, Dinarte Melim Velosa, Gustavo Sampaio, Hugo Ferreira, Inês Saraiva, Joana Fialho, Joana Montenegro, Joana Moreira, João Pedro Marques, Jorge Vaz Nande, José Manuel Camacho, Kossaqui, Leila Campos, Luís Miguel Silva, Luís Pedro Gomes, Manuel Eduardo, Marco Pereira, Marília Frias, Marilyne Alves, Marta Póiares, Nuno Curado, Nuno Felício, Patrícia Lourenço, Paulo Alexandre Teixeira, Paulo Nuno Vicente, Paula Velho, Pedro Santos, Rui Justiniano, Rui Pestana, Sandra Dias, Sara Cardoso, Sara Martins, Sofia Carvalho, Sónia Nunes, Soraia Letra, Suzana Marto Colaboradores Ana Teresa, Andreia Ferreira, António Leitão, Arlete Moraes, Bruno Costa, Bruno Gonçalves, Bruno Vicente, Catarina Santos, Carlos Portela, Celine Cangeiro, Cláudia Martins, Filipa Oliveira, Helena Fagundes, Hélder Pinto, Hélder Wasterlain, José Miguel Abrantes, José Miguel Pereira, Isidro Fagundes, Laura Cazaban, Liliana Carona, Liliana Gonçalves, Marisa Ferreira, Nádia Albasini, Nuno Braga, Nuno Paiva, Olga Telo Cordeiro, Patrícia Martinho, Patrícia Ramos, Ricardo Duarte, Rita Faria, Rita Gouveia, Rodrigo Paulino, Rosa Ramos, Rui Simão, Sandra Pereira, Sara Peres, Sofia Nunes, Susana Ventura, Tiago Pimentel Fotografia Ana Laura, Carla Pinto, Cláudio Vaz, Daniela Pereira, Francisca Moreira, Joana Fonseca, Jorge Vaz Nande, Marilyne Alves Publicidade Sofia Carvalho - 239821554; 914941677 Impressão CIC - CORAZE, Oliveira de Azeméis, Telefone. 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com Tiragem 4000 exemplares Produção Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra Propriedade Associação Académica de Coimbra Agradecimentos Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra

A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

Secção de Jornalismo,
Associação Académica de Coimbra,
Rua Padre António Vieira,
3000 - Coimbra
Tel. 239821554 Fax. 239821554

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra

e-mail: cabra@aac.uc.pt

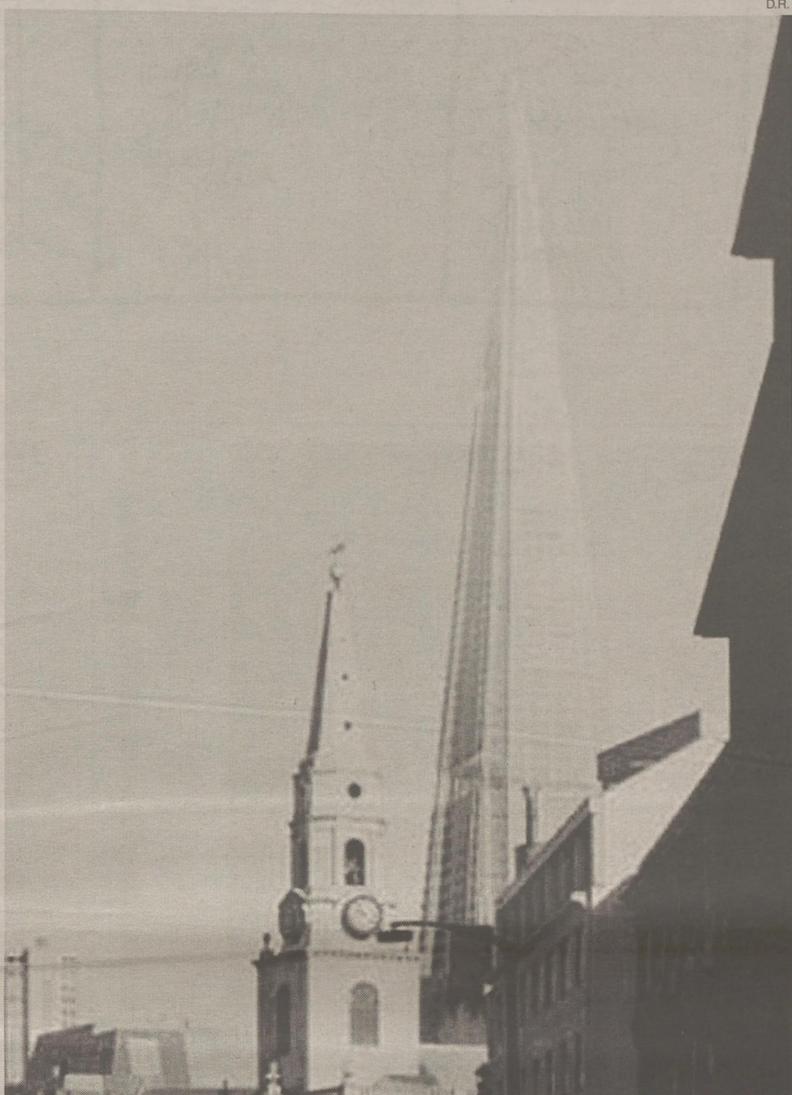
Alta torre em Londres

A torre mais alta da Europa, com 306 metros de altura, vai ser construída em Londres. O arquitecto italiano Renzo Piano é o autor do projecto. A torre, cujo orçamento ronda os 695 milhões de euros, foi finalmente aprovada pelo gabinete do primeiro-ministro britânico.

Renzo Piano afirma, no www.londonbridge-tower.com, que a sua intenção foi criar "uma pequena cidade vertical onde, com prazer, possam trabalhar cerca de sete mil pessoas". Assim, este será um local multifuncional com seis pisos de espaços públicos como lojas, restaurantes, museus, escritórios, bares, espaços para conferências e spas (centros de tratamento natural). O edifício contará ainda com espaços residenciais.

A torre vai ficar situada na zona londrina de Southwark, bem perto da London Bridge. A sua forma cónica termina desaparecendo no céu como se fosse um pináculo do século XVI ou um mastro de um navio.

O processo de desenvolvimento desta torre criará cerca de 10 mil novos empregos e espera-se que esta se torne uma das maiores atracções turísticas da cidade de Londres.



Uma cidade vertical de 306 metros

Cartoon com Sharon ganha prémio

A Sociedade Britânica de Cartoons Políticos, na competição que promove anualmente, atribuiu o primeiro prémio a um cartoon com Ariel Sharon, primeiro ministro de Israel. Dave Brown é o autor do cartoon que foi publicado no jornal inglês Independent no início do ano, na semana da re-eleição do líder do partido Likud. Além disso, o dia em que o cartoon foi publicado foi também um dia em memória do Holocausto, o que serviu como mais lenha para a fogueira.

Uma cidade palestina a ser bombardeada por helicópteros Apache e um tanque é o pano de fundo do cartoon. Em primeiro plano pode ver-se Ariel Sharon a de-

vorar a cabeça de uma criança palestina.

Na altura em que o cartoon foi publicado, o primeiro ministro israelita queixou-se às autoridades inglesas que regulam a comunicação social, acusando o cartoon de anti-semita. Dave Brown e Simon Kelner, editores do jornal, responderam que o cartoon não era anti-semita, mas sim um comentário anti-Sharon.

Na cerimónia de entrega do prémio, o cartoonista britânico aproveitou para agradecer à embaixada israelita pela reacção violenta aquando da publicação do cartoon, o que segundo o autor serviu para o publicar.



Cartoon do Independent premiado

CD's feitos a partir de milho

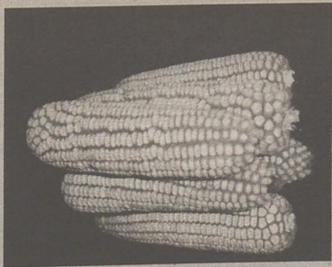
Está marcado para este mês o início da comercialização de CD's feitos à base de milho. A empresa japonesa Sanyo desenvolveu uma tecnologia que permite extrair ácido poliláctico ao milho e transformá-lo em polímero, a mesma matéria usada na produção de CD's convencionais. No processo de produção, o milho é moído para isolar os hidratos de carbono que depois são processados obtendo assim as unidades da sacarose. Através de um processo de fermentação, similar ao da cerveja, a sacarose é convertida em ácido láctico que depois é convertido em polímeros que são a base do disco óptico.

MildDisc foi nome dado aos novos CD's ecológicos que servirão para armazenar dados informáticos, música e vídeo. No entanto, um MildDisc é três vezes mais caro que um CD convencional, mas a Sanyo prevê que o preço baixe com o aumento da produção.

A Sanyo desenvolveu estes CD's para responder a necessidades ecológicas e ambientais, para evitar a acumulação de CD's com resíduos sólidos urbanos. O MildDisc é biodegra-

dável, desfaz-se em contacto com a água e deteriorar-se-á entre 50 a 100 anos após a produção. Assim, evitam-se os fumos tóxicos aquando da queima de CD's convencionais e o impacto ambiental que advém do enterramento de CD's obsoletos.

A International Recording Media Association estima que a procura anual de CD's em todo o mundo ronde os nove mil milhões de exemplares. O departamento de agricultura dos EUA aponta para uma produção anual de 600 milhões de toneladas de milho em todo o mundo. Assim, seria necessário menos de 0,1 por cento da produção mundial de milho para satisfazer a procura anual mundial de CD's.



Divulgados dados sobre a sida

Na passada sexta-feira, o Instituto Nacional de Estatística divulgou os dados referentes ao número de casos de sida notificados em Portugal. De acordo com o instituto, foram 10.105 os indivíduos infectados entre Janeiro de 1983 e 30 de Junho de 2003. Destes, 5500 já faleceram. Os números dizem ainda que 8410 casos são do sexo masculino.

O Centro Europeu para a Vigilância Epidemiológica da Sida também revelou dados referentes à doença. Estes mostram que Portugal foi o país da União Europeia com maior taxa de incidência de sida em 2002, com 76,7 casos por cada milhão de habitantes. A Espanha encontra-se em segundo lugar, com 71,3 casos por milhão de habitantes. A média dos países membros da UE é de 26,1 casos.

Ao nível mundial o número de pessoas infectadas pelo VIH também aumentou. Um relatório da ONUSIDA divulgado na semana passada refere que este ano já foram infectadas cinco milhões de pessoas e a doença provocou a morte de 3 milhões. De acordo com o mesmo relatório, dos 40 milhões de infectados em todo o mundo, 2,5 milhões são crianças com menos de 15 anos.

VIH/SIDA panorama mundial em 2003

A epidemia da SIDA não mostra sinais de reduzir. Cinco milhões de pessoas foram infectadas com o vírus VIH e três milhões morreram este ano. No sul de África um em cada cinco adultos vive com VIH/SIDA, a taxa mais alta desde que a epidemia começou.



